

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

EDNAILDES BISPO DA CONCEIÇÃO

**“*ME AJUDA AQUI!*” – A EXPRESSÃO DO IMPERATIVO EM
REVISTAS DA TURMA DA MÔNICA NA SEGUNDA DÉCADA DO
SÉCULO XXI**

VITÓRIA

2022

EDNAILDES BISPO DA CONCEIÇÃO

**“ME AJUDA AQUI!” – A EXPRESSÃO DO IMPERATIVO EM
REVISTAS DA TURMA DA MÔNICA NA SEGUNDA DÉCADA DO
SÉCULO XXI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Marta Pereira Scherre.

VITÓRIA

2022

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

B621 Bispo da Conceição, Ednaildes, 1994-
m Me ajuda aqui! A expressão do imperativo em Revistas da Turma da Mônica na segunda década do século XXI / Ednaildes Bispo da Conceição. - 2022.
126 f. : il.

Orientadora: Maria Marta Pereira Scherre.
Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Sociolinguística variacionista. 2. Português brasileiro escrito. 3. Imperativo gramatical. 4. Atos de fala. 5. Turma da Mônica criança. I. Pereira Scherre, Maria Marta. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

Ednaildes Bispo da Conceição

“Me ajuda aqui! A expressão do imperativo em Revistas da Turma da Mônica na segunda década do século 21”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 10 de fevereiro de 2022.

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Maria Marta Pereira Scherre (UFES)

Orientadora e Presidente da Comissão Examinadora

Profa. Dra. Leila Maria Tesch (UFES)

Examinador Interno

Profa. Dra. Carolina Queiroz Andrade (UnB e Uniceub)

Examinador Externo



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO
SANTO



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por MARIA MARTA PEREIRA SCHERRE - SIAPE 99992013

Programa de Pós-Graduação em Linguística -
PPGLi/CCHNEm 15/07/2022 às 08:12

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link: <https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/516162?tipoArquivo=O>



Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por LEILA
MARIA TESCH - SIAPE 2859620
Departamento de Linguas e Letras - DLECLIN
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO
SANTO
15/07/2022 às 13:28

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/516542?tipoArquivo=O>



Documento assinado digitalmente
CAROLINA QUEIROZ ANDRADE
Data: 16/07/2022 22:13:25-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

A Deus, digno de toda honra e glória.

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de agradecer em primeiríssimo lugar a Deus, a quem devo a minha existência, pois “Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez” (JOÃO, 1:03).

Acredito que se não fosse a força e a coragem vindas de Deus eu sequer finalizaria este trabalho, portanto, a Deus os meus sinceros agradecimentos.

Em segundo lugar, à minha mãe, Maria Silva Bispo, que tanto ora por mim e acredita em mim. Sei que sem suas orações eu não aguentaria metade do que tenho aguentado. À senhora, todo meu amor e gratidão.

A minha irmã, Elisângela Bispo da Conceição, que acredita genuinamente na minha capacidade e inteligência, mesmo quando eu mesma duvido disso. Eu amo muito você, obrigada!

A minha vó, Andrelina Fernandes da Silva, sinônimo de garra e vontade de viver. Eu a amo com todas as minhas forças.

Ao meu companheiro, Thiago César Azevedo de Souza, por sempre me ouvir, aconselhar e me apoiar nas minhas decisões, sejam elas quais forem. Obrigada por tanto e pode contar comigo sempre. Eu amo você!

A minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Maria Marta Pereira Scherre, pelas incansáveis orientações (mesmo em vésperas de Natal e Ano Novo). Quero deixar registrado que sem a sua experiência, conselhos, encorajamentos, paciência e humanidade, eu jamais teria finalizado este trabalho. Obrigada pelas primeiras revistas e livros doados, e pelas leituras e orientações dos meus textos, desde a época da Iniciação Científica. Sou imensamente grata e sortuda por tê-la como orientadora nessa jornada acadêmica. À senhora, toda a minha gratidão, admiração e respeito eternos.

A Prof.^a Dr.^a Lilian Coutinho Yacovenco, por ter me apresentado à Marta, em 2016, por ter lido o meu trabalho para a apresentação do Colóquio em Estudos Linguísticos e por ter aceitado compor a minha banca de qualificação e defesa.

A Prof.^a Dr.^a Leila Maria Tesch, por ter me apresentado de forma tão apaixonante à Sociolinguística Variacionista, ainda na graduação, e por ter aceitado compor a minha banca de qualificação e defesa, com leituras e sugestões imprescindíveis.

A Prof.^a Dr.^a Carolina Queiroz Andrade, pelas leituras e sugestões atentas do meu texto na qualificação, e por ter aceitado compor a minha banca de qualificação e defesa.

A Prof.^a Dr.^a Cíntia da Silva Pacheco, pelas leituras e contribuições na qualificação e também por ter aceitado compor a minha banca de qualificação e defesa.

A Prof.^a Dr.^a Gesieny Laurett Neves Damasceno, pela ajuda incansável nos assuntos burocráticos da coordenação do Programa de Pós-graduação. À senhora, os meus sinceros agradecimentos, sei que não foi fácil.

Ao meu colega de pesquisa Frederico Pitanga Pinheiro, por ter me ajudado diversas vezes com a ferramenta de análise estatística durante o Mestrado, e por ter me incentivado (ao seu modo) a avançar e perder o medo ao manejar o Goldvarb X. Fred, você é muito querido e competente. Meu muito obrigada, de verdade!

A Tarsila Machado Pinto, Marlily Carla Detone Caetano, Caroliny Batista Massariol, Carolina Amorim Zanellato, Juliana Rangel Scardua, Jares Gomes Lima, Elaine Cristina Borges de Souza e demais colegas do grupo PortVix. Sempre me admiro por serem tão competentes. Vocês são incríveis!

A minha prima Larissa Dias Correia, por me emprestar os ouvidos para minhas reclamações e agradecimentos. Eu admiro sua inteligência e criatividade. Você vai longe!

Aos meus amigos Max Miller, Tallita Braga Plaster, CarolinyPonath, Thaynara Souza Batista, Tananda de Moura e Lorrayne Alves Gonçalves, por compreenderem minha ausência nos últimos rolês. Vocês me enchem de alegria e orgulho!

Aos meus gatinhos, Milla, Ptchuco e Merry, que me acompanham sempre (ainda que dormindo) nos meus dias de estudos e me mostram que vida boa é a vida do gato. Eu os invejo!

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por custear minha pesquisa, nos primeiros meses do Mestrado. Esse suporte facilitou a realização desta pesquisa. Muito obrigada!

À Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), por custear boa parte desta pesquisa. Esse auxílio contribuiu grandemente para a finalização do presente trabalho. Muito obrigada!

(...) não se pode entender o desenvolvimento de
uma mudança linguística sem levar em conta a
vida social da comunidade em que ela ocorre
Willian Labov (2008 [1972], p. 21)

RESUMO

As gramáticas normativas registram o imperativo gramatical (*deixa/deixe*) baseadas no contexto pronominal e no contexto da polaridade da estrutura: em sentenças afirmativas, com morfologia de indicativo (*deixa/diz/vai*), no contexto discursivo do pronome *tu*; com morfologia de subjuntivo (*deixe/diga/vá*), no contexto discursivo do pronome *você*. Em sentenças negativas, entretanto, o imperativo deve ser associado sempre ao modo subjuntivo, independentemente do contexto pronominal (CEGALLA, 1991). Contudo, pesquisas realizadas sobre o tema têm encontrado uma realidade distinta da registrada pela tradição gramatical, visto que as formas imperativas também são realizadas com percentuais significativos de indicativo, a depender, em grande parte, de aspectos geográficos de amostras faladas e escritas consideradas (cf., por exemplo, ALVES, 2008, 2009; CONCEIÇÃO, 2017; OLIVEIRA, 2017; SAMPAIO, 2002; SCHERRE, 2003, 2004, 2005, 2012). Com base nisso, esta pesquisa analisa a variação da expressão do imperativo (*deixa/deixe*) em 79 revistas em quadrinhos da Turma da Mônica criança publicadas nos anos de 2017, 2018 e 2019. Nosso objetivo, portanto, é analisar o comportamento da expressão do imperativo nessas revistas e comparar com resultados de pesquisas anteriores a esta (CONCEIÇÃO, 2017; SCHERRE, 2003, 2004, 2005, 2012). A pesquisa é baseada na Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008[1972], MOLLICA; BRAGA, 2012, WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]); e realizamos o tratamento estatístico dos dados utilizando o Goldvarb X (GUY; ZILLES, 2007, SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Nossos resultados apontaram um percentual robusto de 74,5% de imperativo associado ao indicativo. Ou seja, analisamos um total geral de 2.414 dados, sendo 2.348 ocorrências variáveis, e 1.750 dados associados à forma indicativa. Nossas variáveis selecionadas pela ferramenta estatística, por ordem de seleção, foram: polaridade da estrutura e contexto pronominal; saliência fônica; personagens; presença/ausência, tipo, pessoa e posição do pronome átono em relação ao verbo; atos de fala, conforme Faraco (1986); número de sílabas do verbo na forma infinitiva; presença/ausência e posição do vocativo em relação ao verbo. As variáveis não selecionadas e eliminadas, pelo programa, em ordem de eliminação, foram: ano de publicação; presença e ausência de dêiticos; e, conjugação verbal.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista; Português brasileiro escrito; Imperativo gramatical; Atos de fala; Turma da Mônica criança.

ABSTRACT

Normative grammars register the grammatical imperative (*deixa/deixe*) based on the pronominal context and the context of the polarity of the structure: in affirmative sentences, with indicative morphology (*deixa/diz/vai*), in the discursive context of the pronoun *tu*; with subjunctive morphology (*deixe/diga/vá*), in the discursive context of the pronoun *você*. In negative sentences, on the other hand, the imperative must always be associated with the subjunctive mode, regardless of the pronominal context (CEGALLA, 1991, p. 186-187). However, research carried out on the subject has found a reality several times different from that registered by the grammatical tradition, since the imperative forms are also carried out with significant percentages of indicative depending, to a large extent, on geographic aspects of the spoken and written samples considered (cf., for example, ALVES, 2008, 2009, CONCEIÇÃO, 2017, OLIVEIRA, 2017, SAMPAIO, 2002, SCHERRE, 2003, 2004, 2005, 2012). Based on this, this research analyzes the variation in the expression of the imperative (*deixa/deixe*) in 79 comic books from Monica and Friends published in 2017, 2018 and 2019. Our objective, therefore, is to analyze the behavior of the expression of the imperative in these comics and compare it with results of previous research (CONCEIÇÃO, 2017; SCHERRE, 2003, 2004, 2005, 2012). The research is based on the Theory of Linguistic Variation and Change (LABOV, 2008[1972], MOLLICA; BRAGA, 2012, WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]); and we performed the statistical treatment of data using Goldvarb X (GUY; ZILLES, 2007, SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Our results showed a robust percentage of 74.5% of imperative associated with the indicative. In other words, we analyzed a grand total of 2,414 data, with 2,348 variable occurrences and 1,750 data associated with the indicative form. Our variables selected by the statistical tool, in order of selection, were: structure polarity and pronominal context; phonic salience; characters; presence/absence, type, subject pronoun and position of the unstressed pronoun in relation to the verb; speech acts, according to Faraco (1986); number of syllables of the verb in the infinitive form; presence/absence and position of the vocative in relation to the verb. The variables not selected and eliminated by the program, in order of elimination, were: year of publication; presence and absence of deictics; and verb conjugation.

Keywords: Variationist sociolinguistics; Written Brazilian Portuguese; Imperative mood; Speech acts; Monica and Friends.

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1** – Levantamento das revistas da Turma da Mônica criança de 2017, 2018 e 2019: que constituíram o corpus sob análise 29
- Quadro 2** – Modelagem da análise do uso do imperativo na forma indicativa nas histórias em quadrinhos Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019 40
- Quadro 3** – Exemplos de verbos mais salientes e menos salientes no *corpus* 53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência de uso do imperativo na forma indicativa e na forma subjuntiva em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019 – todos os casos analisados	38
Tabela 2 – Frequência de uso do imperativo na forma indicativa e na forma subjuntiva em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019 – casos com variação	39
Tabela 3 – Percentagens de imperativo na forma indicativa vs. imperativo na forma subjuntiva em função da variável Polaridade da estrutura e contexto pronominal em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019 - todos os casos analisados	44
Tabela 4 – Efeito da variável Polaridade da estrutura e contexto pronominal no uso do imperativo na forma indicativa em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019 – casos com variação	46
Tabela 5 – Percentagens de imperativo na forma indicativa vs. imperativo na forma subjuntiva em função da variável Presença/ausência, tipo, pessoa e posição do pronome átono em relação ao verbo em histórias quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019 - todos os casos analisados.....	48
Tabela 6 – Efeito da variável Presença/ausência, tipo, pessoa e posição do pronome átono em relação ao verbo no uso do imperativo na forma indicativa em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019 – casos com variação.....	50
Tabela 7 – Efeito da variável Saliência fônica no uso do imperativo na forma indicativa em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019.....	52
Tabela 8 – Efeito da variável Personagens no uso do imperativo na forma indicativa em histórias em quadrinhos Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019.....	57
Tabela 9 – Efeito da variável Atos de fala no uso do imperativo na forma indicativa em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019.....	65
Tabela 10 – Efeito da variável Número de sílabas do verbo na forma infinitiva no uso do imperativo na forma indicativa nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019.....	78
Tabela 11 – Efeito da variável Presença/ausência e posição do vocativo em relação ao verbo no uso do imperativo na forma indicativa nas histórias em quadrinhos daTurma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019.....	80
Tabela 12 – Efeito da variável Décadas/anos no uso do imperativo na forma indicativa em histórias em quadrinhos Turma da Mônica dos anos 1970 a 2010.....	81

Tabela 13 – Efeito da variável Ano de publicação no uso do imperativo na forma indicativa em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019	82
Tabela 14 – Efeito da variável Presença ou ausência de dêiticos no uso do imperativo em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019	84
Tabela 15 – Efeito da variável Conjugação verbal no uso do imperativo na forma indicativa em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019	85

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Variante da expressão do imperativo na forma indicativa (polaridade afirmativa)	34
Figura 2 – Variante da expressão do imperativo na forma indicativa (polaridade negativa)..	34
Figura 3 – Variante da expressão do imperativo na forma subjuntiva (polaridade afirmativa)	35
Figura 4 – Variante da expressão do imperativo na forma subjuntiva (polaridade negativa).	35
Figura 5 – Ato de fala “Aviso”	66
Figura 6 – Ato de fala “Comentários”	67
Figura 7 – Ato de fala “Repreensão”	68
Figura 8 – Ato de fala “Pedido/solicitação”	69
Figura 9 – Ato de fala “Solicitação com marca de assimetria”	70
Figura 10 – Ato de fala “Conselho”	71
Figura 11 – Ato de fala “Sugestão com marca de assimetria”	71
Figura 12 – Ato de fala “Ordem”	73
Figura 13 – Ato de fala “Ordem rude”	74
Figura 14 – Ato de fala “Súplica humilde”	75
Figura 15 – Ato de fala “Instrução”	76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
CAPÍTULO 1 – ESTUDOS SOBRE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO BRASIL ..	21
CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	24
2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA OU TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA.....	24
2.2 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA TURMA DA MÔNICA	25
CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	28
3.1 PANORAMA DO <i>CORPUS</i>	28
3.1.1 Caracterização do <i>corpus</i>	28
3.1.2 Variável dependente e suas variantes.....	33
3.2 FERRAMENTA ESTATÍSTICA.....	36
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DO IMPERATIVO GRAMATICAL NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS TURMA DA MÔNICA	38
4.1 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS ESTATISTICAMENTE SIGNIFICATIVAS.....	42
4.1.1 Polaridade da estrutura	43
4.1.2 Presença/ausência, tipo, pessoa e posição do pronome átono em relação ao verbo	48
4.1.3 Saliência fônica.....	51
4.1.4 Personagens	54
4.1.5 Atos de fala	61
4.1.6 Número de sílabas do verbo na forma infinitiva.....	78
4.1.7 Presença/ausência e posição do vocativo em relação ao verbo	79
4.2 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS NÃO ESTATISTICAMENTE SIGNIFICATIVAS	81
4.2.1 Ano de publicação.....	81
4.2.2 Presença/Ausência de Dêiticos	83
4.2.3 Conjugação verbal.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87

SUMÁRIO

ANEXO I – RODADA GERAL.....	93
ANEXO II – RODADA COM PESOS RELATIVOS.....	100

INTRODUÇÃO

As gramáticas normativas (BECHARA, 1999; CEGALLA, 1991; CUNHA e CINTRA, 2008) registram o imperativo gramatical (*deixa/deixe*) baseado no contexto pronominal e no contexto da polaridade da estrutura: em sentenças afirmativas, com morfologia de indicativo (*deixa/diz/vai*), no contexto discursivo do pronome *tu*; com morfologia de subjuntivo (*deixe/diga/vá*), no contexto discursivo do pronome *você*. Em sentenças negativas, entretanto, o imperativo deve ser associado sempre ao modo subjuntivo, independentemente do contexto discursivo (CEGALLA, 1991, p. 186-187). Contudo, pesquisas realizadas sobre o tema têm encontrado uma realidade diversas vezes distinta da registrada pela tradição gramatical, visto que as formas imperativas também são realizadas com percentuais significativos de indicativo a depender, em grande parte, de aspectos geográficos de amostras faladas e escritas consideradas (cf., ALVES, 2008, 2009; SCHERRE, CARDOSO, LUNGUINHO, 2005; ANDRADE, MELO, SCHERRE, 2007; CONCEIÇÃO, 2017; OLIVEIRA, 2017; SAMPAIO, 2002; SCHERRE, 2003, 2004, 2005, 2012).

Com base nisso, à luz da Sociolinguística (LABOV, 2008 [1972]; MOLLICA, BRAGA, 2012; WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]) a presente pesquisa analisa a variação da expressão do imperativo (*deixa/deixe*) em 79 revistas em quadrinhos da Turma da Mônica criança, publicadas nos anos de 2017, 2018 e 2019. Nosso objetivo, portanto, é analisar o comportamento da expressão do imperativo nessas revistas e comparar com resultados de pesquisas anteriores a esta (CONCEIÇÃO, 2017; SCHERRE, 2003, 2004, 2005, 2012). Para isso, analisamos aspectos internos à língua: conjugação verbal; saliência fônica; polaridade da estrutura e contexto pronominal; presença/ausência, tipo, pessoa e posição do pronome átono em relação ao verbo; número de sílabas do verbo na forma infinitiva; atos de fala, conforme Faraco (1986); presença/ausência e posição do vocativo em relação ao verbo; e presença e ausência de dêiticos. Já os fatores externos que levamos em consideração são os personagens das histórias em quadrinhos e o ano de publicação.

Nesta pesquisa, para o tratamento estatístico, utilizamos o Goldvarb X (GUY; ZILLES, 2007; SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que disponibiliza percentuais e os pesos relativos de cada fator em cada um dos grupos de fatores ou variáveis independentes (NARO, SCHERRE, 2012). Na nossa análise, os percentuais e pesos relativos são calculados em relação ao imperativo associado na forma indicativa.

De modo geral encontramos um percentual de 74,5% de imperativo na forma indicativa (*deixa/diz/vai*), ou seja, 1.750 ocorrências de um total de 2.348 dados variáveis. Por outro lado, encontramos um total 25,5% de imperativo na forma subjuntiva (*deixe/diga/vá*), a saber, 598 ocorrências do total de 2.348 dados.

Tendo isso em vista, acreditamos que a presente pesquisa pode contribuir, dentro de suas limitações, para o melhor entendimento da variação do imperativo nas histórias em quadrinhos de modo geral, a julgar pelo *corpus* aqui analisado, considerado um excelente representante de quadrinhos no Brasil e um gênero aproximado da fala vernacular.

Além desta introdução, das referências e dos anexos 1 e 2, este trabalho contém quatro capítulos e as considerações finais.

O capítulo *Estudos sobre histórias em quadrinhos no Brasil* serão apresentados quatro estudos (sendo dois gerais e dois da Sociolinguística) que levaram em consideração o *corpus* histórias em quadrinhos.

No capítulo *Fundamentação teórica* serão apresentados os fundamentos da área na qual esta pesquisa se baseia, a saber, Teoria da Variação e Mudança Linguística.

No capítulo *Procedimentos metodológicos* faremos uma explanação sobre a quantidade de revistas analisadas, além disso, descreveremos a caracterização do *corpus*, contendo um quadro com o personagem titular de cada revista, o tema/título, o número da edição, o mês e ano de publicação de cada revista. Falaremos, ainda, sobre a constituição das histórias em quadrinhos Turma da Mônica no Brasil; sobre a variável aqui analisada e suas variantes; e sobre a ferramenta estatística utilizada para tratar a parte quantitativa da análise dos dados.

No capítulo *Análise do imperativo gramatical nas histórias em quadrinhos Turma da Mônica* realizaremos a análise propriamente dita do *corpus*, levando em consideração cada grupo de fatores, a saber, os selecionados como estatisticamente significativos e os eliminados pela ferramenta estatística.

Nas *Considerações finais*, faremos nossas reflexões a partir do trabalho aqui apresentado, exibindo os resultados e discussões, com base nas nossas hipóteses e objetivos. Além disso, registraremos possíveis passos futuros para a continuidade de trabalhos que envolvam o estudo da expressão do imperativo como um fenômeno variável.

Salientamos que este trabalho é continuação dos estudos de Iniciação Científica (IC), de Conceição (2016, 2017b), iniciados ainda na graduação de Letras/Português, na Universidade

Federal do Espírito Santo (UFES). À época, a autora retomou a análise demais alguns dados de revistas publicadas no ano de 2010 anteriormente investigados por Scherre (2012); posteriormente, analisou alguns dados publicados nos dois semestres do ano de 2017, o que resultou no seu trabalho de conclusão de curso intitulado *A expressão do imperativo nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica e o preconceito linguístico*, e no relatório final de IC, com o título *Expressão do imperativo em Quadrinhos da Turma da Mônica: um estudo em tempo real*.

Por isso é que se justifica a presente pesquisa: acreditamos que é importante dar continuidade a análise da expressão do imperativo, a fim de contribuirmos, na medida do possível, para o entendimento desse fenômeno variável. Nosso objetivo principal, portanto, é analisar o comportamento da expressão do imperativo nessas revistas e comparar com resultados de pesquisas anteriores a esta (CONCEIÇÃO, 2017; SCHERRE, 2003, 2004, 2005, 2012). Além disso, expandirmos os estudos que utilizam as HQs como *corpus* de pesquisa, bem como contribuirmos com os estudos do campo da Sociolinguística Variacionista, no Brasil.

CAPÍTULO 1 – ESTUDOS SOBRE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO BRASIL

Com o intuito de dar visibilidade a pesquisas acadêmicas sobre histórias em quadrinhos (doravante HQs) e com base nos trabalhos de Ramos (2006) e Lins e Capistrano Jr. (2014) é que se constitui este capítulo.

Para esta pesquisa sociolinguística faremos a listagem de alguns desses estudos, mas cientes que há muitos outros que levam em consideração as HQs. Os trabalhos aqui selecionados tratam de duas pesquisas mais gerais sobre o tema: o trabalho de Ramos (2006) e o trabalho de Lins e Capistrano Jr. (2014), com os quais é possível notar a gama de diversos trabalhos acadêmicos que tomaram como *corpus* as histórias em quadrinhos. Em seguida, falaremos de dois trabalhos voltados para área da Sociolinguística (SILVA, 2020; ZANELATO, 2021), nos quais é notória a relevância de trabalhos sociolinguísticos com o *corpus* aqui mencionado.

Ramos (2006) faz em seu artigo um panorama primoroso sobre algumas das pesquisas que introduziram o objeto histórias em quadrinhos no campo dos estudos da linguagem, em especial no Brasil. O autor esclarece, através dessa linha do tempo, como havia uma forte aversão aos estudos que utilizavam como *corpus* as HQs. Dessa forma, percebemos, conforme nos aprofundamos no texto, que essa aversão tinha como um dos fatores o desconhecimento do que seria esse gênero textual e a crença de que essas histórias só serviriam para uma leitura prazerosa, sem caráter educativo e social.

Mais à frente o autor vai exemplificando, com citações de alguns pesquisadores sobre o tema, como Vergueiro (2005), que na verdade o que faltava era uma “alfabetização” no gênero, resultando assim na incompreensão dele (RAMOS, 2006).

Após, então, expor o início dos estudos sobre histórias em quadrinhos, em 1970, e a retomada das pesquisas com a mesma temática, depois da metade dos anos 1990, Ramos (2006) finaliza o estudo reforçando a necessidade de mais trabalhos que tomem como *corpus* os quadrinhos, visto que esses estão mais do que consolidados como aptos a serem analisados e descritos. E, mais uma vez, reforçamos que em Ramos (2006) é feita essa linha do tempo com meticulosidade, apontando cada autor e a época que atuou no espaço de tempo por ele descrito. É por esse fator que citamos o próximo trabalho em que o *corpus* quadrinhos é o protagonista.

Lins e Capistrano Jr. (2014), por sua vez, realizaram um lindo trabalho de organização de onze artigos em um livro denominado *Quadrinhos sob diferentes olhares teóricos*.

Neste livro é possível encontrar pesquisas da área da Linguística do Texto, da Pragmática, do Discurso e da Semântica. Todas essas pesquisas, porém, têm em comum uma característica: levaram em consideração os quadrinhos como *corpus* de pesquisa.

Os organizadores aqui referidos mencionam seu desejo ao organizarem a obra *Quadrinhos sob diferentes olhares teóricos*, logo no prólogo, ao afirmarem que esperam “que a leitura dos textos desta coletânea seja uma importante contribuição para a divulgação e para a ampliação de estudos sobre Quadrinhos em diferentes abordagens teóricas” (LINS; CAPISTRANO JR, 2014, p. 06).

Com isso, destacamos que esse importante trabalho foi uma das inspirações para que a continuação do estudo aqui arrolado, na área da Sociolinguística, fosse levado a cabo. Todavia, sentimos a falta de um artigo na referida obra que fosse do campo da Sociolinguística Variacionista. Portanto, trazendo as análises sobre quadrinhos para a área da Sociolinguística, listamos dois dos trabalhos mais contemporâneos com dados dos textos das histórias em quadrinhos de que temos conhecimento (SILVA, 2020; ZANELATO, 2021).

Na sua dissertação de mestrado, Silva (2020) fez uma pesquisa sociolinguística sobre o fenômeno variável de primeira pessoa do plural (*nós/a gente*) nas revistas em quadrinhos de Chico Bento. A autora se debruçou sobre 1.724 dados de *nós* e *a gente* retirados de revistas (Turma Criança e Turma Jovem) dos personagens criados por Mauricio de Sousa e, para tanto, levou em consideração: (1) a alternância *nós/a gente* em todas as funções sintáticas; (2) a alternância *nós/a gente* na função de sujeito; e, (3) a concordância verbal de primeira pessoa do plural. Além dessa análise, Silva (2020) fez uma retrospectiva de estudos sociolinguísticos sobre o fenômeno analisado por ela, dando assim visibilidade para outros autores, bem como comparou sua pesquisa com essas advindas antes da produzida por ela. Com isso, a autora justifica sua pesquisa como sendo relevante por faltarem estudos dessa temática em dados de textos escritos, visto que a retrospectiva por ela feita de trabalhos sobre primeira pessoa do plural apresentou uma grande amostragem de trabalhos no campo da fala.

De modo geral, Silva (2020) encontrou resultados instigantes no que diz respeito à variação e mudança do pronome de primeira pessoa do plural nas revistas do Chico Bento, tanto na Turma Jovem quanto na Turma Criança (77% de ocorrência de *nós* e 22,3% de ocorrência de *a gente*). Além disso, a autora constatou que não houve uma mudança significativa na

ocorrência de *a gente* quando comparada com a Turma Criança (22,9%) e a Turma Jovem (21,8%) (SILVA, 2020).

Zanellato (2021) fez uma análise em tempo real da variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa, também em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica Criança. Com esse estudo, a autora ratifica a ideia de que as HQs são sim gêneros textuais que carregam em si o reflexo da sociedade em que é produzido e veiculado.

Em termos de resultados, Zanellato (2021) retrata que sua pesquisa seguiu as tendências das demais pesquisas que antecederam a dela. A pesquisadora analisou, na sua dissertação de mestrado, dados publicados desde 1970 até o ano de 2010 e chegou à conclusão de que, com o passar do tempo, as ocorrências de clíticos nessas revistas caíram drasticamente: de 54,5% em 1970 a 2,5% em 2010, resultados esses que corroboram resultados de pesquisas que investigaram a fala vernacular, no Brasil, e também verificaram uma grande diminuição de clíticos em outros *corpora*.

Logo, é perceptível a gama de possibilidades de estudos da linguagem que pode tomar como *corpus* de pesquisa o gênero história em quadrinhos. Além disso, com base nas duas pesquisas sociolinguísticas supracitadas, verificamos que, por vezes, as tendências linguísticas dos meios de comunicação (como as histórias em quadrinhos do Maurício de Sousa) seguem as tendências linguísticas vernaculares dos contextos em que são veiculados.

CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo faremos uma descrição da fundamentação teórica na qual se baseia esta pesquisa. Para tanto, falaremos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]; MOLLICA; BRAGA, 2012; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA OU TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

A Teoria da Variação e Mudança Linguística surgiu da necessidade de se estudar a língua relacionando-a com seu contexto social. Com essa finalidade, sua investigação leva em consideração tanto aspectos linguísticos quanto aspectos extralinguísticos ou sociais. Sendo assim, esta ciência se faz presente na fronteira entre língua e sociedade (MOLLICA; BRAGA, 2012).

William Labov é considerado um dos precursores da Sociolinguística Variacionista. A princípio, entretanto, o teórico deparou-se com várias barreiras que dificultaram o início de seus estudos que envolvem a língua inserida no seu contexto social. O primeiro deles, como declara Labov (2008[1972]), foi sobre o modo como era estudada a língua, segundo o estruturalismo, que levava em consideração que os sistemas estruturais do presente e as mudanças históricas do passado tinham de ser estudados separadamente. Em segundo plano, o estudioso encontrou o empecilho de, até aquele momento, a mudança sonora não podia, em princípio, ser observada diretamente. Logo, como bem enfatiza o autor, o estudo empírico da mudança linguística estava eliminado do programa da linguística do século XX. Em terceiro lugar, Labov deparou-se com a barreira que pode ser considerada como a mais intrigante, ou seja, a variação livre não podia, em princípio, ser condicionada e ordenada.

Contudo, por volta de 1960, Labov inicia um de seus estudos sobre a mudança sonora, no contexto da vida da comunidade da ilha de Marthas's Vineyard, no estado de Massachusetts, USA (LABOV, [1972] 2008). A mudança sobre a qual o estudioso se empenhou em investigar

foi a alteração na posição fonética dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/, características da fala dos nativos daquela região.

Segundo esse estudo, Labov verificou que a variação no uso desses ditongos, por parte dos moradores, estava relacionada com o sentimento de pertencimento à ilha. Em outras palavras, aqueles que se sentiam pertencentes à ilha utilizavam o ditongo mais centralizado, de modo que fosse identificado como residente de Martha's Vineyard. Por outro lado, aqueles que não se identificavam como pertencentes à localidade realizavam o ditongo menos centralizado, ainda que inconscientemente (LABOV, 2008 [1972]).

Com isso, William Labov demonstrou como fatores sociais podem influenciar a realização linguística de um indivíduo ou grupo de indivíduos, tendo em vista que ele observou essa mudança sonora considerando as diversas regiões, faixas etárias, grupos profissionais e étnicos dentro da ilha (LABOV, 2008 [1972]).

Baseado nesse estudo, então, Labov evidencia que “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008 [1972], p. 21). Afinal, “fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 126).

Partindo, então, desses pressupostos é que se configura a presente pesquisa sobre o fenômeno variável a expressão do imperativo, no corpus histórias em quadrinhos A Turma da Mônica, de Maurício de Sousa.

2.2 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA TURMA DA MÔNICA

As histórias em quadrinhos denominadas de Turma da Mônica¹ foram criadas pelo cartunista, empresário e escritor paulista Maurício de Souza, no ano de 1959. Inicialmente, as referidas HQs eram compostas apenas pelos personagens Bidu e Franjinha, que apareciam em tirinhas de jornal. Foi somente a partir de 1960, com o surgimento dos personagens Mônica e

¹ Informações retiradas da internet (Turma da Mônica – Wikipédia, a enciclopédia livre - wikipedia.org -, acesso em 06/01/2022).

Cebolinha (entre 1960 e 1963) que a série de historinhas começou a carregar a identidade que tem até os dias de hoje. Além disso, Maurício de Sousa estabeleceu esses dois últimos personagens como os novos protagonistas a partir de então.

As histórias fazem tanto sucesso que já foram publicadas, desde 1970, pelas editoras Abril (1970-1986), Globo (1987-2006) e Panini Comics (2007 até a atualidade), somando um total de quase 2.000 revistas já publicadas para cada personagem.

Acreditamos que as revistas aqui retratadas cumprem papéis sociais muito importantes. Além de gerar o riso, através do humor que perpassa todas as histórias, é possível perceber também lutas de vários grupos minoritários sendo expostas em algumas histórias.

Entre várias dessas representações sociais, está a causa do enfrentamento ao racismo, com a criação da personagem negra denominada Milena. Essa personagem teve sua primeira aparição em 17 de dezembro do ano de 2017, em um evento aberto conhecido como “Corrida Donas da Rua”, evento esse que defende o empoderamento feminino e a igualdade de gênero.

Acreditamos que, com o surgimento dessa personagem, várias crianças e adolescentes, no Brasil, sentiram-se representados, tendo em vista que Milena possui um alto astral invejável, além de um orgulho imenso por ter um cabelo cacheado e no estilo *Black Power*, enfatizando assim a sua autoestima.

Além da Milena, podemos citar também a causa da deficiência física sendo representada pelos personagens Luca e Dorinha. O primeiro, apesar de andar em uma cadeira de rodas, mostra que é possível ser uma criança deficiente, mas também aventureira e feliz, principalmente quando se tem amigos e recursos que a ampare. No caso dos amigos aqui mencionados são os personagens da própria turminha; e os recursos podem ser representados pela cadeira de rodas que é super equipada, facilitando sua mobilidade. Por último, a personagem Dorinha, trazendo à tona a causa da deficiência visual. A personagem referida foi, inclusive, inspirada na Dorinade Gouvêa Nowil, que foi uma educadora, filantropa e administradora brasileira. Como era Educadora de formação, ela trabalhou bravamente a fim de criar e implantar instituições, leis e campanhas em prol dos deficientes visuais. Com isso, seu trabalho foi reconhecido e premiado inúmeras vezes, prova disso é a criação da personagem Dorinha, representando sua causa, nas histórias em quadrinhos discutidas nesse tópico.

Por essas questões acima citadas e por acreditarmos que os grandes veículos de comunicação podem e devem representar a realidade da sociedade na qual são produzidos e

propagados, acreditamos que as histórias em quadrinhos Turma da Mônica podem representar e nos nortear em relação ao uso da expressão do imperativo, ora associado ao indicativo, ora associado ao subjuntivo. Isso porque, como já mencionado neste trabalho, a Sociolinguística (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH, LABOV; HERZOG, 2006, [1968]) enfatiza que a língua é uma instituição social e como tal segue as tendências do contexto social em que está inserida.

CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tendo em vista que a presente pesquisa se baseia na metodologia da Sociolinguística (LABOV, 2008 [1972]), neste capítulo faremos uma descrição do *corpus* aqui investigado, juntamente com a variável dependente e suas variantes. Além disso, faremos uma breve abordagem sobre a ferramenta estatística utilizada na análise dos dados: o Goldvarb X (GUY; ZILLES, 2007; SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

3.1 PANORAMA DO *CORPUS*

Aqui faremos um panorama geral do *corpus* escolhido para ser analisado nesta pesquisa: as histórias em quadrinhos da Turma da Mônica criança, do cartunista, empresário e escritor Mauricio de Sousa. Dentro desse panorama cabem: a quantidade de revistas e dos dados publicados nos anos de 2017, 2018 e 2019; a consolidação das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, no Brasil, como também sua importância para representações e defesa de causas sociais.

3.1.1 Caracterização do *corpus*

Os 2.414 dados selecionados para esta pesquisa foram coletados de 79 revistas Turma da Mônica criança publicadas nos anos de 2017, 2018 e 2019. No primeiro ano citado, tivemos acesso a um total de 30 revistas publicadas no primeiro semestre (janeiro, fevereiro, março, abril, maio e junho), sendo uma revista de cada um dos cinco personagens principais: Mônica, Magali, Cebolinha, Cascão e Chico Bento, publicadas em cada um dos seis meses do primeiro semestre. Em 2018, entretanto, obtivemos um total de 19 revistas publicadas: sendo 14 no primeiro semestre do ano mencionado, entre os meses de janeiro a abril; e 5 revistas publicadas no segundo semestre, especificamente em dezembro de 2018. Por fim, as outras 30 revistas

foram publicadas no primeiro semestre do ano de 2019, seguindo a mesma lógica de distribuição do ano de 2017. A seguir podemos visualizar o quadro 1 com o levantamento detalhado (personagem titular da revista, tema/título da revista, número de edição e mês/ano de publicação) de cada revista que constitui o *corpus* ora investigado:

Quadro 1 – Levantamento das revistas da Turma da Mônica criança de 2017, 2018 e 2019: que constituíram o corpus sob análise

(continua)

Revista	Título/tema das revistas	Edição	Mês/ano de publicação
Mônica	“O troféu hq-limão”	21 ^a	Janeiro/2017
Cebolinha	"O grande piloto"	21 ^a	Janeiro/2017
Magali	"O bicho-devorão"	21 ^a	Janeiro/2017
Cascão	"O incrível Cascão"	21 ^a	Janeiro/2017
Chico Bento	"Coisas estranhas"	21 ^a	Janeiro/2017
Mônica	"A rainha do carnaval"	22 ^a	Fevereiro/2017
Cebolinha	"De ida para o passado"	22 ^a	Fevereiro/2017
Magali	"O grande concurso masterchef"	22 ^a	Fevereiro/2017
Cascão	"Os caça-fantasma”	22 ^a	Fevereiro/2017
Chico Bento	"Vocabulário de Bicho"	22 ^a	Fevereiro/2017
Mônica	"Um aniversário de peso"	23 ^a	Março/2017
Cebolinha	"A casa mais descolada da rua"	23 ^a	Março/2017
Magali	"O cabuloso dr. Transgênio"	23 ^a	Março/2017
Cascão	"A ilha dos porcos"	23 ^a	Março/2017
Chico Bento	"O casamento de Rosinha"	23 ^a	Março/2017
Mônica	"Meu projeto de vida"	24 ^a	Abril/2017
Cebolinha	"O plano da casa voadora"	24 ^a	Abril/2017
Magali	"Primos pirados"	24 ^a	Abril/2017
Cascão	"apenas palavras"	24 ^a	Abril/2017
Chico Bento	“No seu lugar”	24 ^a	Abril/2017

Quadro 1 – Levantamento das revistas da Turma da Mônica criança de 2017, 2018 e 2019: que constituíram o corpus sob análise

(continuação)

Revista	Título/tema das revistas	Edição	Mês/ano de publicação
Mônica	"O espelho mágico"	25 ^a	Maio/2017
Cebolinha	"Os filhos de Umbra"	25 ^a	Maio/2017
Magali	"Tem gato demais nessa festa"	25 ^a	Maio/2017
Cascão	"Os nove desafios do Cascão"	25 ^a	Maio/2017
Chico Bento	"O invasor"	25 ^a	Maio/2017
Mônica	"O mistério da redonda"	26 ^a	Junho/2017
Cebolinha	"O dia em que Cebolinha virou galinha"	26 ^a	Junho/2017
Magali	"A tiara de Cleópatra"	26 ^a	Junho/2017
Cascão	"O unicórnio"	26 ^a	Junho/2017
Chico Bento	"O menino que era todos os animais"	26 ^a	Junho/2017
Mônica	"Os quatro amigos ilhados"	33 ^a	Janeiro/2018
Cebolinha	"Uma noite no cemitério"	33 ^a	Janeiro/2018
Magali	"Faminta ou metido?"	33 ^a	Janeiro/2018
Cascão	"Jogo animal"	33 ^a	Janeiro/2018
Mônica	"Meu canal na internet"	34 ^a	Fevereiro/2018
Cebolinha	"Os incríveis poderes de um super-herói"	34 ^a	Fevereiro/2018
Magali	"Garotos metidos, meninas gatas"	34 ^a	Fevereiro/2018
Cascão	"Meu passado ninguém suja"	34 ^a	Fevereiro/2018
Chico Bento	"Milho aos porcos"	34 ^a	Fevereiro/2018
Cebolinha	"Amigos, amiguinhos e amigões"	35 ^a	Março/2018
Magali	"Amigos imaginários"	35 ^a	Março/2018
Cascão	"A corrida do século"	35 ^a	Março/2018
Chico Bento	"110 anos da imigração japonesa no Brasil"	35 ^a	Março/2018

Quadro 1 – Levantamento das revistas da Turma da Mônica criança de 2017, 2018 e 2019: que constituíram o corpus sob análise

(continuação)

Revista	Título/tema das revistas	Edição	Mês/ano de publicação
Cebolinha	"A culpa é sempre dos outros"	36 ^a	Abril/2018
Mônica	"O plano infalível e a lanterna verde"	44 ^a	Dezembro/2018
Cebolinha	"Eu trabalho sozinho"	44 ^a	Dezembro/2018
Magali	"Muita fome para muita velocidade"	44 ^a	Dezembro/2018
Cascão	"O mestre dos mares"	44 ^a	Dezembro/2018
Chico Bento	"Esperança"	44 ^a	Dezembro/2018
Mônica	"A volta da boneca tenebrosa"	45 ^a	Janeiro/2019
Cebolinha	"A fita assombrada da jumenta voadora"	45 ^a	Janeiro/2019
Magali	"O grande tubarão-branco"	45 ^a	Janeiro/2019
Cascão	"Viagem aos cosmos"	45 ^a	Janeiro/2019
Chico Bento	"A revolta da goiabeira"	45 ^a	Janeiro/2019
Mônica	"A menina do vestido vermelho"	46 ^a	Fevereiro/2019
Cebolinha	"Espiondo espões"	46 ^a	Fevereiro/2019
Magali	"Todo mundo futebol clube"	46 ^a	Fevereiro/2019
Cascão	"Existem monstros no quarto do cascão"	46 ^a	Fevereiro/2019
Chico Bento	"É cuidando"	46 ^a	Fevereiro/2019
Mônica	"A pior tempestade do mundo"	47 ^a	Março/2019
Cebolinha	"A cadeira sumiu"	47 ^a	Março/2019
Magali	"Os tios louquinhos da Magali"	47 ^a	Março/2019
Cascão	"O mestre do jogo"	47 ^a	Março/2019
Chico Bento	"Entre amigos e trovoadas"	47 ^a	Março/2019
Mônica	"A guarda dos coelhos"	48 ^a	Abril/2019
Cebolinha	"O dono da lua"	48 ^a	Abril/2019
Magali	"O baile de máscaras"	48 ^a	Abril/2019

Quadro 1 – Levantamento das revistas da Turma da Mônica criança de 2017, 2018 e 2019: que constituíram o corpus sob análise

(conclusão)

Revista	Título/tema das revistas	Edição	Mês/ano de publicação
Cascão	"O plano do capitão feio"	48ª	Abril/2019
Chico Bento	"De volta do além"	48ª	Abril/2019
Mônica	"O cavaleiro da abobrinha"	49ª	Maió/2019
Cebolinha	"Em busca do cabelo perdido"	49ª	Maió/2019
Magali	"O acampamento no quintal"	49ª	Maió/2019
Cascão	"No limite da bondade"	49ª	Maió/2019
Chico Bento	"A caixa de pindora"	49ª	Maió/2019
Mônica	"A nova dona da rua"	50ª	Junho/2019
Cebolinha	"De onde vêm as ideias"	50ª	Junho/2019
Magali	"O tamanho da minha fome"	50ª	Junho/2019
Cascão	"A ameaça marinha"	50ª	Junho/2019
Chico Bento	"Um dia na praia"	50ª	Junho/2019

Fonte: elaborado pela autora.

Com esses objetivos, na presente pesquisa adicionamos outras variáveis não investigadas no TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) e no projeto de IC (iniciação científica), como conjugação verbal, saliência fônica, presença e ausência de vocativo em relação ao verbo, e presença e ausência de dêiticos; adicionamos dados publicados nos anos de 2018 e 2019, tendo em vista que, à época da IC e do TCC, analisamos apenas os dados de 2017. Além disso, fizemos uma análise inédita e aprofundada da variável atos de fala, conforme Faraco (1986). Análise inédita, pois sua investigação teve início na época do trabalho de IC e TCC também sobre a expressão do imperativo nas histórias em quadrinhos A Turma da Mônica; e, na atual pesquisa fizemos um recorte maior de dado. Análise mais aprofundada, pois aqui nos debruçamos nas hipóteses de Faraco (1986) e fizemos uma análise comparativa dos dados sob análise com os pressupostos do autor sobre atos de fala e sua relação com o uso da expressão do imperativo.

Isso exposto, no capítulo 4, faremos uma explanação e análise da expressão do imperativo encontrada nas histórias em quadrinhos aqui analisadas, em função dos fatores externos e internos à língua.

3.1.2 Variável dependente e suas variantes

A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes (MOLLICA; BRAGA, 2012). Dessa forma, entende-se por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, também conhecido como variável dependente (LABOV, [1972] 2008; SANKOFF, 1988). A expressão do imperativo, fenômeno aqui investigado, é uma variável linguística (ou um fenômeno variável), pois se realiza através de duas variantes, ou seja, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes: associada a forma indicativa (*diz/fala/vem*) ou associada a forma subjuntiva (*diga/fale/venha*).

Mollica e Braga (2012, p. 2012, p. 11) evidenciam que,

[...] uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural. Assim sendo, as variáveis independentes ou grupos de fatores podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência.

O fenômeno variável é denominado de variável dependente, neste caso, o fenômeno da expressão do imperativo. Além disso, pode significar o que conhecemos como grupo de fatores ou variáveis independentes, que são “parâmetros reguladores dos fenômenos variáveis, condicionando positiva ou negativamente o emprego de formas variantes” (MOLLICA; BRAGA, 2012, p. 11). No presente estudo do fenômeno sobre a variação do imperativo, consideramos diversos grupos de fatores (linguísticos e não linguísticos) que interferem na escolha, por parte do falante (aqui personagens), de uma variante ao invés de outra. Os grupos de fatores internos (que estão no plano linguístico) são esses: conjugação verbal; saliência

fônica; polaridade da estrutura e contexto pronominal; presença/ausência, tipo, pessoa e posição do pronome átono em relação ao verbo; número de sílabas do verbo na forma infinitiva; atos de fala, conforme Faraco (1986); presença/ausência e posição do vocativo em relação ao verbo; e presença/ausência de dêiticos. Já os fatores externos que levamos em consideração: os personagens das histórias em quadrinhos e o ano de publicação das revistas.

Na presente pesquisa, as formas variantes da expressão do imperativo são ora associadas ao indicativo ora associadas ao subjuntivo, como podem ser vistas nas figuras 1, 2, 3, com exemplos de fala do personagem Cebolinha; e na figura 4, com exemplo de fala do personagem Mônica.

Figura 1 – Variante da expressão do imperativo na forma indicativa (polaridade afirmativa)



Fonte: Mônica (2017, n. 21, p. 9).

Conforme figura 1, nos dados, observamos a expressão do imperativo associada a forma indicativa, como no exemplo da fala do personagem Cebolinha “Me FALA qual é a ideia”, em que o verbo *falar* ocorre na forma indicativa, no contexto de polaridade afirmativa.

Ainda em termos da expressão do imperativo na forma indicativa, temos o exemplo registrado na figura 2, a seguir:

Figura 2 – Variante da expressão do imperativo na forma indicativa (polaridade negativa)



Fonte: Mônica (2017, n. 21, p. 6).

De acordo com a figura 2, no *corpus* sob investigação, encontramos a expressão do imperativo na forma indicativa, também em contextos de polaridade negativa, apesar da gramática normativa não prever tal ocorrência. No exemplo da fala do personagem Cebolinha “Não FALA besteira, Mônica!”, o imperativo ocorre na forma indicativa, com o verbo *falar*.

A mesma situação de variação, independentemente da polaridade, ocorre com a variante associada ao subjuntivo, nos dados aqui investigados. Um exemplo de imperativo associado à forma subjuntiva, no contexto de polaridade afirmativa, pode ser visualizado na figura 3, a seguir:

Figura 3 – Variante da expressão do imperativo na forma subjuntiva (polaridade afirmativa)



Fonte: Mônica (2017, n. 21, p. 05).

Consoante a figura 3, o exemplo de imperativo, na fala do personagem Cebolinha, “FALE mais”, ocorre na forma associada ao subjuntivo, em contexto de polaridade afirmativa.

Nosso último exemplo de variante da expressão do imperativo ocorre na fala da personagem Mônica, como podemos ver a seguir:

Figura 4 – Variante da expressão do imperativo na forma subjuntiva (polaridade negativa)



Fonte: Mônica (2017, n. 21, p. 60).

A partir da figura 4, podemos vislumbrar a expressão do imperativo associada à forma subjuntiva “Nem me FALE nesse nome”, em contexto de sentença negativa, também como o verbo “falar”.

Como vimos então, o fenômeno linguístico aqui investigado é passível de ser analisado à luz da Sociolinguística Variacionista, tendo em vista a possibilidade de variação na fala dos personagens das histórias em quadrinhos, que registram formas da expressão do imperativo ora associadas ao indicativo (*fala*) ora associadas ao subjuntivo (*fale*), independentemente do contexto da sentença, se afirmativa ou negativa.

3.2 FERRAMENTA ESTATÍSTICA

Aqui faremos uma breve abordagem sobre a ferramenta estatística Goldvarb X utilizada na análise dos dados (GUY, ZILLES, 2007; SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005).

É comum em estudos que levam em consideração a Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]) os pesquisadores lançarem mão de ferramentas de análises estatísticas, a fim de realizar as devidas análises.

Além de todo o processo que antecede a análise quantitativa– conforme Guy e Zilles (2007) – há três fases principais no decorrer de qualquer análise com esse cunho, que podem ser resumidas em: 1) coleta de dados; 2) redução e apresentação de dados; 3) interpretação e explicação de dados.

O pesquisador necessita do auxílio de uma ferramenta estatística, a fim de realizar os resultados quantitativos. Na presente pesquisa utilizamos como suporte computacional o Goldvarb X (GUY, ZILLES, 2007; SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005).

Segundo Naro e Scherre (2012, p. 159, grifos nossos), por fazer parte do pacote *Varbrul*, essa ferramenta possui as funções de:

- 1) preparar os dados para serem submetidos a análises diversas;

- 2) produzir resultados percentuais os mais diversos, em função dos infinitos desejos do pesquisador, incluindo a preparação dos dados para análise de pesos relativos;
- 3) Projetar os pesos relativos para análise binária, ternária e eneária;
- 4) Efetuar tabulação cruzada de duas variáveis independentes previamente estabelecidas;
- 5) Efetuar pesquisa de dados pelas cadeias de codificação ou pelos contextos explicitados nos arquivos de dados, seja para a conferência de dados, seja para criação de novos arquivos de dados.

As funções do programa aqui elencadas facilitam o trabalho do pesquisador, tendo em vista que este é o principal responsável por todas as etapas de trabalho. Além disso, a estatística “é uma ferramenta valiosíssima, que nos permite resumir, quantificar e manipular grandes massas de dados que, de outra forma, ficariam fora das nossas possibilidades reais de trabalho” (NARO; SCHERRE, 2012, p. 176).

Após a análise quantitativa, por parte da ferramenta estatística, cabe ao pesquisador realizar as devidas interpretações dos resultados disponibilizados. Em outros termos, é o momento de responder à pergunta “o que isso significa?”. Afinal, “O progresso da ciência não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas” (NARO, 2017, p. 25).

Em outros termos, a ferramenta estatística disponibilizará os percentuais e pesos relativos de cada fator e grupo de fatores, como disponibilizará a ordem de seleção das variáveis independentes ou sua não seleção, porém, cabe ao linguista, a partir do seu conhecimento na área teórica, fazer interpretações dos resultados.

Após essas ponderações, passemos à análise propriamente dita do *corpus* aqui investigado.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DO IMPERATIVO GRAMATICAL NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS TURMA DA MÔNICA

A fim de analisarmos os dados presentes nas HQs Turma da Mônica, levamos em consideração fatores externos (os personagens das histórias em quadrinhos e o ano de publicação), bem como fatores internos à língua (conjugação verbal; saliência fônica; polaridade da estrutura e contexto pronominal; presença/ausência, tipo, pessoa e posição do pronome átono em relação ao verbo; número de sílabas do verbo na forma infinitiva; atos de fala, conforme Faraco (1986); presença/ausência e posição do vocativo em relação ao verbo; e presença e ausência de dêiticos). Vale ressaltar que essa escolha se deve ao fato de a Teoria Sociolinguística (LABOV, 2008[1972]; WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]) admitir que a variação linguística não é aleatória, e sim regida por vários fatores, sendo eles externos e internos à língua. Assim sendo, nos próximos tópicos será descrito e analisado cada fator condicionador que foi investigado nesta pesquisa, seguindo uma lógica linguística, para facilitar a compreensão do fenômeno linguístico por parte do leitor.

Antes, porém, disponibilizaremos duas tabelas: a primeira (tabela 1), com os resultados gerais, antes de efetuarmos algumas retiradas de dados e amalgamações; a segunda (tabela 2), com o total geral de dados analisados e seus respectivos resultados em relação às variantes aqui investigadas: o imperativo na forma indicativa e na forma subjuntiva.

Tabela 1 – Frequência de uso do imperativo na forma indicativa e na forma subjuntiva em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019 – todos os casos analisados

Variável Dependente	Número de ocorrências/Total	Porcentagem
Forma associada ao indicativo	1754/2414	72,7%
Forma associada ao subjuntivo	660/2414	27,3%

Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com a tabela 1, tivemos um total geral de 2.414 dados codificados e analisados na presente pesquisa. Desse total, 1.754 dados, ou seja, um percentual de 72,7%, são de imperativo na forma indicativa; e os outros 660 dados (27,3%) são de imperativo na forma subjuntiva. Enfatizamos, ainda, que esse total diz respeito a todas as ocorrências, mesmo

aquelas sem variação e, além disso, sem as devidas retiradas e amalgamações de outros dados, vistas como relevantes durante a pesquisa.

A seguir, na tabela 2, teremos os resultados com as retiradas dos casos sem variação e com as devidas amalgamações.

Tabela 2 – Frequência de uso do imperativo na forma indicativa e na forma subjuntiva em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019– casos com variação

Variável Dependente	Número de ocorrências/Total	Porcentagem
Forma associada ao indicativo	1750/2348	74,5 %
Forma associada ao subjuntivo	598/2348	25,5 %

Fonte: elaborado pela autora.

Como pode ser verificado na tabela 2, entretanto, do total de 2.348 dados (com as retiradas daqueles dados invariáveis e dos fatores denominados de “Casos de difícil classificação”, da variável “Atos de fala”) analisados na presente pesquisa, 1.750 dados, ou seja, 74,5% são de imperativo na forma indicativa. Por outro lado, apenas 598 dados, um percentual de 25,5%, é de imperativo na forma subjuntiva.

Salientamos que esse resultado não era esperado, pois Conceição (2017) verificou um percentual robusto de 71,6%, de imperativo na forma indicativa ao analisar dados publicados no primeiro semestre do ano de 2017. Com isso, nossa hipótese ao analisarmos os presentes dados ano a ano (2017, 2018 e 2019) era de que houvesse um aumento significativo de imperativo na forma indicativa, haja vista o percentual anterior da pesquisa supracitada. Porém, como vimos acima, tivemos uma diferença de aproximadamente 3 pontos percentuais em relação ao resultado encontrado por Conceição (2017). Apesar de não haver um aumento robusto da forma indicativa, vale registrar que a tendência de maior ocorrência dessa forma persiste nos dados aqui investigados, assim como naqueles analisados por Conceição (2017). Ademais, julgamos se tratar de um período de estabilidade da variação em relação à expressão do imperativo, o que justificaria o percentual aqui encontrado.

Após a apresentação dos resultados gerais² do fenômeno sob investigação, apresentaremos um quadro de modelagem (quadro2), com algumas observações, a fim de mostrarmos a ordem de codificação (entrada) de cada grupo de fatores e a ordem de seleção ou não seleção de cada um deles pela ferramenta estatística, na etapa (*run*) de seleção e o nível de significância estatística ou *p* valor que pode ser visualizado a seguir:

Quadro 2 – Modelagem da análise do uso do imperativo na forma indicativa nas histórias em quadrinhos Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019

Dez variáveis independentes analisadas, na ordem de codificação	Ordem de seleção de sete variáveis estatisticamente significativas e especificação de três não selecionadas e eliminadas	<i>p</i> valor ou nível de significância (nível de seleção e número da etapa de análise ou <i>run</i> na rodada estatística)	Número de fatores de cada variável Independente
1) Conjugação verbal	Não selecionada e terceira eliminada	0,093 (Nível 8/ <i>run</i> 51)	Três fatores
2) Saliência fônica	Segunda selecionada	0,000 (Nível 2/ <i>run</i> 13)	Dois fatores
3) Personagens	Terceira selecionada	0,000 (Nível 3/ <i>run</i> 22)	Vinte e dois fatores
4) Polaridade da estrutura e contexto pronominal	Primeira selecionada	0,000 (Nível 1/ <i>run</i> 5)	Seis fatores
5) Presença/ausência, tipo, pessoa e posição do pronome átono em relação ao verbo	Quarta selecionada	0,000 (Nível 4/ <i>Run</i> 30)	Sete fatores
6) Número de sílabas do verbo na forma infinitiva	Sexta selecionada	0,003 (Nível 6/ <i>run</i> 43)	Quatro fatores
7) Atos de fala (Faraco, 1986)	Quinta selecionada	0,000 (Nível 5/ <i>run</i> 38)	Onze fatores
8) Presença/ausência e posição do vocativo em relação ao verbo	Sétima selecionada	0,032 (Nível 7/ <i>run</i> 48)	Dois fatores
9) Presença/ausência de dêiticos	Não selecionada e segunda eliminada	0,104 (Nível 8/ <i>run</i> 52)	Dois fatores
10) Ano de publicação das revistas	Não selecionada e primeira eliminada	0,405 (Nível 8/ <i>run</i> 53)	Três fatores
Total de dados analisados – imperativo na forma indicativa vs. imperativo na forma subjuntiva: 1750/2348=74,5%			
Input inicial (nível 0, <i>run</i> 1): 0,745			
Input final (nível 7, <i>run</i> 48 – melhor etapa da análise estatística): 0,803			

Fonte: elaborado pela autora.

² No anexo há uma primeira rodada (com percentuais) e uma segunda (rodada com pesos relativos). A coluna contendo a ordem de seleção de cada grupo de fatores, presente no quadro 2, foi elaborada a fim de facilitar a leitura das rodadas, tendo em vista que a leitura da rodada implica saber a ordem de seleção de cada variável independente.

Conforme o quadro 2, a variável independente “Conjugação verbal” é o primeiro grupo do campo linguístico e contém três fatores (primeira, segunda e terceira conjugação). Esse grupo, porém, não foi selecionado e foi o terceiro eliminado pela ferramenta estatística, com significância 0,093, apesar de acreditarmos que sua não seleção se deva a uma possível sobreposição dos grupos de fatores “Saliência fônica” e “Número de sílabas do verbo na forma infinitiva”. Ao nosso ver, é possível que este grupo de fatores seja selecionado, em análises futuras, a depender dos resultados apresentados nos grupos de fatores já mencionados.

Em seguida, “Saliência fônica”, com dois fatores (mais ou menos salientes), sendo a segunda a ser selecionada como estatisticamente significativa pelo programa.

O grupo de fatores “Personagens” é uma variável do campo não linguístico, contém vinte e um fatores (que serão detalhadamente analisados) e foi o terceiro a ser codificado e o terceiro a ser selecionado pela ferramenta.

O quarto grupo de fatores é “Polaridade da estrutura e contexto pronominal”, com seis fatores (que serão detalhadamente analisados) e foi nosso primeiro grupo a ser selecionado pelo programa, com significância 0,000.

“Presença/ausência, tipo, pessoa e posição do pronome átono em relação ao verbo” é o nosso quinto grupo do campo linguístico, possui setes fatores (que serão detalhadamente analisados) e foi o quarto grupo de fatores a ser selecionado como estatisticamente significativo na variação do imperativo por ora analisada.

“Número de sílabas do verbo na forma infinitiva” possui quatro fatores (monossílabos, dissílabos, trissílabos e polissílabos), é o sexto grupo de fatores a ser codificado e o sexto a ser selecionado como estatisticamente significativo pelo programa.

O sétimo grupo de fatores é “Atos de fala”, conforme Faraco (1986), que contém doze fatores (que serão destrinchados e analisados) e foi a quinta variável selecionada como estatisticamente significativa pelo programa.

A oitava variável é “Presença/ausência e posição do vocativo em relação ao verbo”, com quatro fatores (que serão detalhadamente analisados) e foi a última variável independente a ser selecionada pelo programa.

“Presença/ausência de dêiticos” é a nona variável independente codificada, é composta por dois fatores, não foi selecionada e foi a segunda eliminada pela ferramenta estatística, com significância 0,104.

Por fim, a variável “Ano de publicação”, a décima codificada, constituída por três fatores (anos 2017, 2018 e 2019), não foi selecionada e foi a primeira a ser eliminada pelo programa, com significância 0,405.

Nosso *input* inicial foi no nível 0 *run* 1 e nosso *input* final foi no nível 7, *run* 48, onde estão todas as variáveis estatisticamente significativas, sendo, portanto, nossa melhor etapa de análise (*best run*), com nível de significância de 0,032, ou seja, abaixo do nível de significância de 0,05.

Munidos do resultado geral e do quadro de modelagem com suas respectivas análises, passaremos, então, para a análise de cada grupo de fatores, por ordem de lógica linguística, sendo apresentados, a priori, os grupos de fatores “Polaridade da estrutura” e “Presença/ausência, tipo, pessoa e posição do pronome átono em relação ao verbo”, a fim de obtermos uma visão de conjunto, haja vista o registro da tradição gramatical (BECHARA, 1999; CEGALLA, 1991; CUNHA e CINTRA, 2003) se basear no contexto pronominal e na polaridade da sentença no que se refere à expressão do imperativo.

4.1 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS ESTATISTICAMENTE SIGNIFICATIVAS

Neste subitem analisaremos as variáveis independentes conforme lógica linguística e estatística.

Nossa primeira variável a ser analisada será “Polaridade da estrutura e contexto pronominal”, que também foi a primeira a ser selecionada como estatisticamente significativa pelo programa; já a nossa segunda variável a ser analisada será “Presença/ausência, tipo, pessoa e posição do pronome átono em relação ao verbo”, que foi a quarta selecionada como estatisticamente significativa pelo programa, porém, será a segunda variável a ser aqui analisada, porque acreditamos que, juntamente com “Polaridade da estrutura e contexto pronominal”, formam uma visão de conjunto dos resultados aqui apresentados, tendo em vista que a tradição gramatical registra o uso do imperativo baseada na polaridade da sentença (se negativa ou afirmativa); e no contexto do pronome (se *tu* ou *você*). Além do tipo, pessoa e posição do pronome átono em relação ao verbo interferir diretamente no uso da expressão do imperativo.

Em seguida, teremos as demais variáveis, que seguirão a ordem de seleção estatística: “Saliência fônica”, segunda selecionada; “Personagens”, terceira selecionada; “Atos de fala”, conforme Faraco, quinta selecionada; “Número de sílabas do verbo”, sexta selecionada; e “Presença/ausência e posição do vocativo em relação ao verbo”, sétima e última selecionada pelo programa. Com essa explicação, passemos, então, à análise.

4.1.1 Polaridade da estrutura

O grupo de fatores “polaridade da estrutura e contexto pronominal” foi o primeiro grupo linguístico estatisticamente selecionado pelo programa. Nosso objetivo ao analisá-lo era investigar a relação de uso e norma, tendo em vista que, em termos de sentenças negativas, as gramáticas normativas registram formas apenas associadas ao subjuntivo.

As gramáticas normativas registram o imperativo gramatical (*deixa/deixe*) baseadas no contexto pronominal e no contexto da polaridade da estrutura: em sentenças afirmativas, com morfologia de indicativo (*deixa/diz/vai*), no contexto discursivo do pronome *tu*; com morfologia de subjuntivo (*deixe/diga/vá*), no contexto discursivo do pronome *você*. Em sentenças negativas, entretanto, o imperativo deve ser associado sempre ao modo subjuntivo, independentemente do contexto discursivo (CEGALLA, 1991, p. 186-187).

Veremos, porém, que nos diálogos dos personagens das histórias em quadrinhos, é possível encontrarmos formas também associadas ao indicativo, mesmo em contextos de negação, como nos exemplos a seguir:

- “Ah, não ESQUENTA!” (MÔNICA, nº 22, p. 5, fev.2017).
- “Não DEMORA!” (MAGALI, nº 21, p. 40, jan.2017).

É por isso que decidimos analisar este fator em especial, para compararmos o contexto (sentenças afirmativas e sentenças negativas), com o objetivo de verificarmos o seu efeito em relação à expressão do imperativo nas histórias em quadrinhos sob análise.

A seguir apresentamos as tabelas 3 e 4 com os percentuais e pesos relativos, desse grupo de fatores:

Tabela 3 – Percentagens de imperativo na forma indicativa vs. imperativo na forma subjuntiva em função da variável Polaridade da estrutura e contexto pronominal em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019 - todos os casos analisados

Fatores ou categorias (Polaridade da estrutura e contexto pronominal)	Frequência de imperativo na forma indicativa
Polaridade afirmativa	
Sem pronome <i>você/seu/sua/te/vós</i> no contexto	76,4 % (694/908)
Com pronome <i>você</i> no contexto	76,7% (960/1252)
Com pronome <i>te</i> no contexto	57,1% (4/7)
Só com pronome <i>seu/sua</i> no contexto	51,7% (30/58)
Com forma verbal do pronome <i>vós</i>	100,0% (1/1)
Polaridade negativa	
<i>Não</i> antes do verbo: negação pré-verbal	34,3 % (58/169)
<i>Nem</i> antes do verbo: negação pré-verbal	33,3% (4/12)
<i>Nunca</i> antes do verbo: negação pré-verbal	0,0% (0/4)
<i>Não</i> antes e depois do verbo: dupla negação	100,0% (2/2)
<i>Não</i> depois do verbo: negação pós-verbal	100,0% (1/1)
Total	72,7 % (1754/2414)

Fonte: elaborado pela autora

Na tabela 3 visualizamos os resultados dessa variável com todos os dados e todos os fatores analisados, antes de serem levados a análise de pesos relativos. Por isso, é possível verificarmos contextos de efeito categórico, tanto em contextos de polaridade afirmativa como em contextos de polaridade negativa. No contexto de polaridade afirmativa, tivemos exemplo de ocorrência categórica (apenas um caso, por isso a não variação) no fator “Com forma verbal do pronome *vós*”, em que há uma única ocorrência: “DAI- me forças...” (Magali, nº 26, jun. 2017, p. 05) e essa se deu com imperativo na forma indicativa.

No contexto de polaridade negativa, por outro lado, tivemos efeito categórico em sentenças com “*Nunca* antes do verbo: negação pré-verbal, como nos exemplos a seguir:

- “Nunca DEIXE esse menino se olhar no espelho!” (Cebolinha, nº 24, abr. 2017, p.73);
- “E nunca mais PEGUE o Sansão de novo!” (Mônica, nº 26, jan. 2017, p.53);
- “Nunca DEIXE meus inventos cair em mãos erradas!” (Mônica, nº 45, jan. 2019, p.30);

- “Mas lembre-se... Nunca CHEGUE perto da colmeia sem a presença de um adulto” (Magali, nº 46, fev. 2019, p.63).

Como podemos perceber, em contextos com a forma *nunca* antes do verbo, as quatro ocorrências de imperativo foram todas associadas ao subjuntivo, nos dados aqui analisados, o que já era esperado, por se tratar de um contexto categórico. Por isso, para análise de peso relativo, esses dados foram retirados.

Outro fator que também apresentou efeito categórico, no contexto de polaridade negativa, foi “*Não* antes e depois do verbo: dupla negação”, mas com duas ocorrências de imperativo associadas ao indicativo, como nos exemplos “Mais num si PERCUPA com isso, não, seu Crark... porveita suas férias!” (Chico Bento, nº 44, dez. 2018, p.12); e “Não VAI lá não!” (Chico Bento, nº 46, fev. 2019, p.21), em ambos os casos o imperativo está associado ao indicativo. Logo, esse foi mais um fator que foi retirado da análise de peso relativo.

Por fim, ainda no contexto de polaridade negativa, tivemos efeito categórico no fator “*Não* depois do verbo: negação pós-verbal”, em que há uma única ocorrência, “FICA assim não! A fada do dente dá outla pla você, quando o seu dente cair” (Cebolinha, nº 50, jun. 2019, p.19) com imperativo na forma indicativa. Salientamos, com isso, que esse dado também será retirado da análise de pesos relativos, pois em uma análise sociolinguística, sempre que há contexto categórico, como o exemplo aqui mencionado, o pesquisador retira esse contexto a fim de executar a análise estatística.

Com base na tabela 3, portanto, tivemos um percentual de 72,7%, ou seja, 1.764 dados de um total de 2.428 de imperativo na forma indicativa, sem a retirada de nenhum dos fatores.

Na tabela 4 apresentaremos os percentuais com pesos relativos, após a retirada dos fatores com efeito categórico supracitados.

Tabela 4 – Efeito da variável Polaridade da estrutura e contexto pronominal no uso do imperativo na forma indicativa em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019 – casos com variação

Fatores ou categorias (Polaridade da estrutura e contexto pronominal)	Peso relativo dos fatores (<i>run</i> 48)	Frequência de variante associada ao indicativo
Polaridade afirmativa		
Sem pronome <i>você/seu/sua/te/vós</i> no contexto	0,556	78,1 % (694/889)
Com pronome <i>você</i> no contexto	0,538	79,0% (960/1215)
Com pronome <i>te</i> no contexto	0,345	66,7% (4/6)
Só com pronome <i>seu/sua</i> no contexto	0,267	52,6% (30/57)
Polaridade negativa		
<i>Não</i> antes do verbo: negação pré-verbal	0,151	34,3 % (58 /169)
<i>Nem</i> antes do verbo: negação pré-verbal	0,068	33,3% (4/12)
Total		74,5 % (1750/2348)

Fonte: elaborado pela autora.

A partir da tabela 4, com a retirada dos efeitos categóricos relacionados na tabela 3, podemos interpretar que sentenças afirmativas, sem a presença do pronome *você/seu/sua/te/tua/te/vós* no contexto, influenciaram relativamente a ocorrência de imperativo na forma indicativa. Com base na tabela, esse fator apresentou um percentual de 78,1% (694/889) e peso relativo favorecedor de 0,556 de imperativo na forma indicativa.

Resultado semelhante (peso relativo de 0,538 e percentual de 79,0%), ou seja, 960 dados de um total de 1.215, ocorreu com sentenças afirmativas com expressão do pronome “você” no contexto. Esse resultado, com sentenças afirmativas, vai de encontro ao registro gramatical, se levarmos em consideração o contexto pronominal (*você*) em que essas revistas são produzidas, tendo em vista que nesse contexto o previsto seria a forma associada ao subjuntivo, pelas gramáticas normativas.

Portanto, esses dois contextos nos levam a refletir que ainda é complexa a tentativa de compreensão do uso do imperativo com base no contexto pronominal, tendo em vista que nos dados aqui investigados tanto ocorrências com expressão explícita e implícita do pronome *você* favoreceram, ainda que relativamente (peso relativo de 0,538 e 0,556) a forma associada ao indicativo.

Além disso, as sentenças afirmativas com pronome *te* no contexto, apresentaram, por sua vez, um peso relativo desfavorecedor de 0,345, o que também é contrário ao registrado nas gramáticas normativas. Pois, se em contextos de *tu* o esperado é a forma indicativa, os dados aqui investigados deveriam apresentar resultados favorecedores dessa forma em contexto de *te*,

tendo em vista que *te* historicamente se refere ao pronome *tu*, de uso bem restrito e regional, no Brasil (no nosso *corpus* encontramos apenas 6 ocorrências de *te*). Por fim, ainda em termos de sentenças afirmativas, com a presença do pronome *você* indiretamente (*seu/sua*), nossos resultados foram desfavorecedores da forma indicativa, com um peso relativo de 0,267, o que encontra respaldo na tradição gramatical, que registra o uso do imperativo na forma subjuntiva em contextos do pronome *você*. Mas esse resultado é paradoxal, pois, nos nossos dados, sentenças com *você* explícito no contexto favoreceram levemente (0,538) a expressão do imperativo associada ao indicativo.

Em relação às sentenças negativas, entretanto, os nossos resultados seguiram a tendência normativa no que se refere ao imperativo associado ao subjuntivo nesse contexto. Apesar de haver dados também na forma indicativa, no presente trabalho, a forma subjuntiva predominou (com pesos relativos de 0,151 e 0,068 para “*Não* antes do verbo: negação pré-verbal” e casos com “*Nem* antes do verbo: negação pré-verbal”, respectivamente) em detrimento da forma indicativa.

De modo geral, nossos resultados em relação à polaridade da estrutura apresentaram comportamento parecido ao encontrado por Conceição, (2017), que apresentou peso relativo de 0,53 de imperativo na forma indicativa, em sentenças afirmativas, apesar do contexto pronominal (*você*), das revistas, que prevê a forma associada ao subjuntivo. Além disso, apesar de ser possível a ocorrência de forma indicativa em contextos de polaridade negativa, nos dados sob análise, de modo geral, as sentenças afirmativas apresentam maior percentual da forma indicativa; e sentenças negativas, por sua vez, apresentam maior percentual de imperativo na forma subjuntiva, como registra a tradição gramatical.

Em relação ao desfavorecimento do imperativo associado ao indicativo, em contextos dos pronomes *seu/sua* ainda não temos uma possível hipótese para tal comportamento. Entretanto, é desejo nosso retomarmos os dados, a fim de analisarmos o possível motivo para esse resultado.

4.1.2 Presença/ausência, tipo, pessoa e posição do pronome átono em relação ao verbo

Este grupo de fatores foi escolhido para ser investigado, pois a nossa hipótese é que o efeito dele na variação da expressão do imperativo seja bastante visível, tendo em vista os resultados de pesquisas anteriores desenvolvidas (SCHERRE, 2003, 2004; SCHERRE, ANDRADE, 2021). Além disso, com esse grupo é possível verificar se há diferença na variação do fenômeno, a depender da ausência, presença, tipo de pronome (se reto ou oblíquo) e sua posição em relação ao verbo.

Sua análise será levada a cabo, levando em consideração os exemplos de cada fator, os percentuais e os respectivos pesos relativos: foi a quarta selecionada como estatisticamente significativa.

Abaixo apresentaremos duas tabelas (5 e 6), em que na primeira teremos todos os fatores dessa variável e seus respectivos percentuais, com todos os casos de efeito categórico; e, na outra tabela, teremos os casos somente variáveis, com seus respectivos pesos relativos, tendo em vista que, para essa etapa de análise só podemos considerar fatores com efeito variável.

Tabela 5 – Percentagens de imperativo na forma indicativa vs. imperativo na forma subjuntiva em função da variável Presença/ausência, tipo, pessoa e posição do pronome átono em relação ao verbo em histórias quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019 - todos os casos analisados

Fatores ou categorias (Presença/ausência, tipo, pessoa e posição do pronome em relação ao verbo)	Frequência de variante associada ao indicativo
Ausência de pronomes átonos na estrutura	
Pronome <i>você</i> depois do verbo	0,0% (0/3)
Pronome <i>eu</i> depois do verbo	95,6% (86/90)
Pronome <i>comigo</i> depois do verbo	89,1% (57/64)
‘Sem sintagmas depois do verbo	80,1 % (169/211)
Pronome <i>ele</i> depois do verbo	73,1 % (19 /26)
Com sintagma nominal depois do verbo	74,3% (1307/1758)
Com pronome <i>isso/aquilo</i> depois do verbo	60,0% (18/30)
Presença de pronomes átonos na estrutura	
Pronome <i>me</i> antes do verbo	62,5 % (80/128)
Pronome <i>se</i> antes do verbo	36,2% (17/47)
Pronome <i>me</i> depois do verbo (com o caso de <i>vós</i>)	5,9% (1/17)
Pronome <i>se</i> depois do verbo	0,0% (0/38)
Pronome <i>nos</i> depois do verbo	0,0% (0/1)
Pronome <i>o</i> depois do verbo	0,0% (0/1)
Total	72,7 % (1754/2414)

Fonte: elaborado pela autora.

Conforme tabela 5, acima, nessa variável é possível vermos casos com ausência de pronomes átonos, na estrutura; e presença de pronomes átonos, na estrutura. Em ambos os casos, porém, é possível encontrarmos ocorrências de efeito categórico, como veremos a seguir.

No primeiro contexto, tivemos três casos de não variação em contextos de “Pronome reto *você* depois do verbo, como no exemplo: “SEJA *você* mesma!” (Cebolinha, nº 25, maio. 2017, p.52), em que o imperativo está na forma subjuntiva em todos os casos, com o verbo *ser*, o que era esperado, se levarmos em conta que as formas “*sê*” e “*sede*” do indicativo são consideradas formas arcaicas, portanto pouco frequentes tanto na fala quanto na escrita contemporâneas.

Outros exemplos de não variação ocorreram em casos com “Presença pronome átono na estrutura”. O primeiro deles ocorreu com “Pronome *se* depois do verbo”, comportamento já esperado, tendo em vista o resultado de pesquisas anteriores a essa que também verificaram comportamento semelhante de não variação com o pronome átono *se* depois do verbo favorecendo a forma subjuntiva. Na nossa análise tivemos trinta e oito casos como esse “LIVRE-SE desses sapatos chulezentos, ministro!” (Chico Bento, nº 24, abril. 2017, p.51), e todos apresentaram imperativo na forma subjuntiva.

O segundo exemplo de efeito categórico que ocorreu no contexto de presença de pronomes átonos foi com o contexto de “Pronome *nos* depois do verbo”: “DIGA-NOS, Mônica! Como conseguiu essa proeza?” (Mônica, nº 48, abril. 2019, p.47), em que tivemos uma única sentença e essa foi associada também à forma subjuntiva, sendo eliminada, portanto, da etapa de análise dos pesos relativos.

Em seguida tivemos uma ocorrência de não variação em contextos de “Pronome *o/a* depois do verbo”, com no nosso único exemplo com pronome *o* “Lá está ele! PEGUE-O!”, em que o imperativo foi associado ao subjuntivo.

Enfatizando, com todas as ocorrências analisadas, tanto de variação e não variação, na etapa de análise só de percentuais, tivemos um total de 72,7% de imperativo na forma indicativa, ou seja, 1754 de 2414 dessa variante.

Na tabela 6, porém, podemos visualizar uma análise com percentuais e pesos relativos, pois nessa etapa retiramos todas as ocorrências de efeito categórico, como mencionado anteriormente e só então fizemos a análise de pesos relativos.

Tabela 6 – Efeito da variável Presença/ausência, tipo, pessoa e posição do pronome átono em relação ao verbo no uso do imperativo na forma indicativa em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019 – casos com variação

Fatores ou categorias (Presença/ausência, tipo, pessoa e posição do pronome em relação ao verbo)	Peso relativo dos fatores (<i>run</i> 48)	Frequência de variante associada ao indicativo
Ausência de pronomes átonos na estrutura		
Pronome <i>eu</i> depois do verbo	0,788	95,6% (86/90)
Pronome <i>comigo</i> depois do verbo	0,710	89,1% (57/64)
Sem sintagmas depois do verbo	0,605	80,1 % (169/211)
Pronome <i>ele</i> depois do verbo	0,540	73,1 % (19 /26)
Sintagma nominal depois do verbo	0,477	74,2% (1323/1783)
Presença de pronomes átonos na estrutura		
Pronome <i>me</i> antes do verbo	0,385	62,5 % (80/128)
Pronome <i>se</i> antes do verbo	0,267	34,8 % (16/43)
	Total	74,5 % (1750/2348)

Fonte: elaborado pela autora.

Conforme a tabela 6, de modo geral, os casos com “Ausência de pronomes átonos” são os que mais favorecem a forma indicativa, especialmente os casos com “pronome *eu* depois do verbo”, em que foram verificados um percentual de 95,6% de imperativo na forma indicativa e um peso relativo de 0,788 de favorecimento dessa variante.

Em seguida, os casos com “pronome preposicionado *comigo* depois do verbo”, em que foi verificado um percentual de 89,1% de imperativo na forma indicativa e um peso relativo de 0,710.

Em terceiro lugar dessa categoria, estão os casos “sem sintagmas nominais depois do verbo”, que apresentou peso relativo de 0,605 e percentual de 80,1% de imperativo na forma indicativa.

O quarto fator foi “Pronome *ele* depois do verbo”, que mesmo apresentando um peso relativo (0,540) na casa do ponto neutro (0,5) também favoreceu a forma indicativa.

Os casos com “sintagma nominal depois do verbo”, por sua vez, desfavoreceram a forma indicativa e, em contrapartida, favoreceram a forma subjuntiva, com peso relativo de 0,477 e percentual de 74,2% de imperativo nessa variante.

No entanto, os casos com “Presença de pronomes átonos na estrutura” desfavoreceram, em todos os casos, a forma associada ao indicativo.

Na nossa análise tivemos dois contextos, após retirarmos os casos de efeito categórico: “Pronome *me* antes do verbo” e “Pronome *se* antes do verbo”. No primeiro caso, tivemos um percentual de 62,5% e peso relativo desfavorecedor de 0,385 de imperativo na forma indicativa. Já no segundo caso, tivemos percentual de 34,8% e peso relativo de 0,267 de imperativo na forma indicativa.

De modo geral, então, os casos com presença de pronome pessoal do caso reto favorecem fortemente a forma indicativa, especialmente o pronome *eu* depois do verbo; e casos com presença de pronome átono (em específico os pronomes *se* e *me* antes do verbo) desfavorecem a forma indicativa, em detrimento do favorecimento da forma subjuntiva.

4.1.3 Saliência fônica

O grupo de fatores “saliência fônica” foi a segunda variável linguística a ser selecionada pelo programa estatístico. Nosso intuito ao analisar essa variável era verificar o efeito dela na variação da expressão do imperativo, haja vista que trabalhos anteriores, como Scherre (2003), observou a importância dessa variável no referido fenômeno variável. Salientamos que a análise aqui efetuada seguiu parcialmente a realizada por Scherre (2003). Na sua pesquisa, a referida autora fez uma análise bem detalhada desse grupo de fatores, apresentando paradigma verbal, tipo de oposição entre as formas verbais, paralelismo fônico e número de sílabas do verbo na forma infinitiva (conf. Scherre, 2003, p. 08). Com isso, é de se notar a complexidade que envolve essa variável independente.

A nossa hipótese, portanto, era a de que sentenças menos salientes (mudança simples do verbo de uma forma para outra, por exemplo), como nos exemplos a seguir, tenderiam a favorecer a forma indicativa, à luz da ideia de mais ou menos marcação de Givón (1995). Para esse autor, é preciso levar em consideração três critérios (complexidade estrutural, distribuição da frequência e complexidade cognitiva) para diferenciar uma estrutura mais marcada de uma menos marcada. No contexto aqui retratado, ou seja, histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, o imperativo na forma indicativa (*dá*) é considerada a forma menos marcada, haja vista o percentual aqui apresentado (72,7%) e o seu amplo uso na região (sudeste) em que essas revistas são produzidas, por exemplo. Por outro lado, o imperativo na forma subjuntiva (*dê*)

seria a forma mais marcada, tendo em vista que essa variante segue o comportamento oposto ao imperativo na forma indicativa: nos nossos dados tivemos um percentual de 27,3% da forma.

Passemos então aos exemplos:

- “Me DÁ meu tloféu!” (Mônica, nº 21, janeiro de 2017).
- “FALE mais!” (Mônica, nº 21, janeiro de 2017).

Como apresentado nos exemplos anteriores, caso o verbo *dar* fosse modificado da forma indicativa (*dá*) para a forma subjuntiva (*dê*) a única mudança seria em relação à vogal, que passaria de /a/ para /e/ e em relação a tonicidade vocálica da primeira sílaba, que passaria de vogal mais aberta para mais fechada. O verbo *falar*, por sua vez, sofreria modificação apenas na vogal da última sílaba, que passaria de /e/ para /a/, formando, portanto, *fala*. Com base nisso, podemos afirmar que esses exemplos fazem parte da categoria de verbos menos marcados, a julgar pela não complexidade estrutural, em outros termos, essas formas não possuem um elevado nível de complexidade estrutural (conf. Givón, 1995).

Dessa forma, a tendência, de acordo com nossa hipótese e resultados de outras pesquisas (SCHERRE, 2003), seria o imperativo ocorrer na forma indicativa, tendo em vista as pouquíssimas saliências ocorridas pelas mudanças e esse contexto favorecer a forma preterida dos falantes, ou seja, como maior número de ocorrências.

A seguir, podemos visualizar os resultados aqui apresentado, através da tabela 7:

Tabela 7 – Efeito da variável Saliência fônica no uso do imperativo na forma indicativa em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019

Fatores ou categorias (Saliência Fônica)	Peso relativo dos fatores (<i>run48</i>)	Frequência de variante associada ao indicativo
Menos saliente	0,537	77,2% (1608/2083)
Mais saliente	0,238	53,6% (142/265)
	Total	74,5% (1750/2348)

Fonte: elaborado pela autora.

Conforme a tabela 7, podemos observar o efeito dessa variável na expressão do imperativo, no *corpus* sob análise. De modo geral, nossa hipótese foi confirmada, considerando o percentual de 77,2% e o peso relativo favorecedor de 0,537 de imperativo na forma indicativa, em sentenças com contextos menos salientes. O imperativo na forma subjuntiva, em seu turno, apresentou um percentual de 53,6% e peso relativo desfavorecedor de 0,238, o que também era esperado.

Com isso, nossos resultados em relação à variável saliência fônica seguem a tendência de pesquisas como Scherre (2003, p. 10) que verificou um percentual de 77% (72/93) de imperativo associado ao indicativo, em contextos de menos marcação com verbos de paradigma irregular, por exemplo.

Por fim, com o intuito de democratizar nossa etapa de análise³, deixaremos a seguir um quadro com alguns dos verbos considerados mais ou menos salientes na presente pesquisa, seguidos de alguns exemplos nos nossos dados.

Quadro 3 – Exemplos de verbos mais salientes e menos salientes no *corpus*

Verbos menos salientes (-)	Verbos mais salientes (+)
Vai/vá “VAI, lê logo!” (MÔNICA, 2017, p. 57)	Corre/Corra “Tá bom! Mas CORRE que a inscrição é até hoje à tarde!” (MÔNICA, 2017, p. 07)
Dá/dê “Me DÁ meu tloféu!” (MÔNICA, 2017, p. 18)	Diz/diga “DIGA para ela esquecer o Fabinho! Ele não gosta de ninguém, só dele mesmo!” (MÔNICA, 2017, p. 59)
Olha/olhe “Dudu!! OLHA eles, mexendo no Sansão!” (MÔNICA, 2017, p. 32)	Faz/faça “Cebola! Não FAÇA...” (CEBOLINHA, 2017, p. 11)

Fonte: elaborado pela autora.

Como podemos visualizar, conforme quadro 3, levamos em consideração a distinção vocálica final; a abertura da vogal tônica no meio da palavra; se o verbo finalizava com uma

³ Enfatizamos, mais uma vez, que a análise aqui efetuada para essa variável seguiu parcialmente aquela efetuada por Scherre (2003). Além disso, desejamos reavaliar a codificação de alguns verbos, pois, nessa etapa da pesquisa, vislumbramos algumas incorreções em relação à codificação. Acreditamos, porém, que os possíveis ajustes não afetarão drasticamente os resultados aqui apresentados.

consoante podendo ou não acrescentar uma sílaba, por exemplo, para defini-lo como mais ou menos saliente.

4.1.4 Personagens

O grupo de fatores Personagens foi o terceiro grupo selecionado como estatisticamente significativo. Com esse grupo de fatores, pretendemos analisar se há diferença de uso do imperativo entre a fala de personagens urbanos (como Mônica, Magali, Cebolinha, Cascão e os coadjuvantes) e personagens rurais (Chico Bento e o restante dos personagens rurais). Além disso, pretendemos verificar se há diferença maciça do uso do imperativo na forma subjuntiva entre personagens mais passivos, como a Magali e Cebolinha; e uso do imperativo na forma indicativa na fala dos personagens mais autoritários, como a Mônica, protagonista da HQs, tendo em vista seu nome como registro da marca, de igual modo na fala de personagens com mais autoridade, como os pais de modo geral, para compararmos com outras pesquisas anteriores a esta (CONCEIÇÃO, 2017), por exemplo.

Após o exposto, lembramos que selecionamos, a título de exemplificação, apenas falas dos cinco personagens principais das HQs: Mônica, Magali, Cebolinha, Cascão e Chico Bento, por se tratar, segundo nossa concepção, de personagens mais evidentes nas histórias.

Apesar disso, enfatizamos o levantamento e análise minuciosos dos dados das falas dos demais personagens que compõem essas histórias. Entre esses personagens estão: os coadjuvantes, os pais dos personagens principais, a professora dos personagens da área rural; e aqueles personagens que representam o não-humano, como os animais, os personagens da Turma do Penadinho, como também os seres inanimados (pedras e objetos de modo geral), que têm a fala como característica nessas histórias, que serão devidamente analisados ainda neste tópico.

Abaixo transcrevemos alguns exemplos de uso do imperativo presentes na fala dos personagens principais, com o dado sob análise realçado em caixa alta – o primeiro exemplo de cada para apresenta o imperativo na forma indicativa; o segundo, na forma subjuntiva:

Exemplos na fala da personagem Mônica:

- “Dudu!!OLHA eles, mexendo no Sansão!” (Mônica, nº 22, janeiro de 2017).
- “OLHE! Ele entrou no laboratório do Franjinha” (Cebolinha, nº 34, fev.2018).

Exemplos na fala da personagem Magali:

- “OLHA só como Mingau gostou!” (Magali, nº 22, jan.2017).
- “OLHE como as suas patinhas abrem quando eu as toco!” (Magali, nº 22, fev.2017).

Exemplos na fala do personagem Cebolinha:

- “OLHA lá o cascão e a Malina!” (Mônica, nº 21, jan.2017).
- “OLHE e APRENDA!” (Mônica, nº 34, fev.2018).

Exemplos na fala do personagem Cascão:

- “Cebola!! OLHA a árvore!!” (Cebolinha, nº 21, jan.2017).
- “OLHE quantos castelos!” (Cascão nº 34, fev.2018).

Exemplos na fala do personagem Chico Bento:

- “Ara! OIA aí os tar pirilampo qui ele falô!” (Chico Bento, nº 21, jan.2017)
- “Socorro! SARVE a gente!” (Chico Bento, nº 50, jun.2019)

Após a exposição desses exemplos, podemos notar a variação em relação ao uso da expressão do imperativo presente na fala dos cinco personagens principais das histórias em quadrinhos. Variação essa presente em contextos similares, ou seja, em orações afirmativas, em contextos discursivos do pronome *você*, considerando o contexto de produção dessas revistas (região sudeste), contexto em que a tradição gramatical prevê a forma associada somente ao subjuntivo.

Evidenciamos que a escolha do verbo *olhar* na exemplificação da variação aqui analisada é resultado de uma percepção nossa de que esse verbo seja um dos mais recorrentes nos dados aqui analisados. Não podemos afirmar, pois não fizemos um levantamento quantitativo desses verbos, mas acreditamos ser um dos mais recorrentes, se não o mais recorrente. Dessa forma, sendo possível, por questões didáticas, uma amostragem de exemplos de natureza semelhante, com as duas variantes do imperativo gramatical.

O único personagem, porém, para quem não foi possível encontrar variação do imperativo com o verbo *olhar* foi o Chico Bento. Por isso, trouxemos um exemplo com o verbo *salvar* para representar a variação do imperativo fala dele. Além disso, enfatizamos que, em nossa análise, não houve variação do verbo *olhar*, na fala do referido personagem, tendo em vista que esse verbo só foi registrado na forma indicativa (*oia*). Destacamos que essa constatação foi concluída a partir da análise dos 143 dados encontrados na fala do personagem Chico Bento, sendo que desse total apenas 11 dados (7,7%) são de ocorrência subjuntivas e se tratam dos verbos: acudir, pensar, desculpar, procurar, ficar, levar e salvar, que foram repetidos algumas vezes.

A nossa hipótese é que, por conta do reforço do estereótipo de morador da zona rural, que por consequência fala de forma distinta ao que registra a gramática normativa, foi necessário não registrar o dígrafo “lh” na representação da fala do personagem Chico Bento, nas histórias. Em todas as ocorrências do verbo *olhar* conjugado na segunda pessoa do presente indicativo, a fala do personagem é grafada como “oia” e não “olha”, dificultando assim a possibilidade de imperativo na forma subjuntiva (*oie*), nesse contexto, na fala desse personagem especificamente.

Após essa descrição do grupo de fatores “personagens”, faremos uma análise dos dados propriamente dita, com base nos resultados com percentuais e pesos relativos apresentados na tabela 8, distribuídos em ordem decrescente, ou seja, do maior ao menor percentual e peso.

Tabela 8 – Efeito da variável Personagens no uso do imperativo na forma indicativa em histórias em quadrinhos Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019

Fatores ou categorias (Personagens)	Peso relativo dos fatores (run 48)	Frequência de variante associada ao indicativo
Personagens da área rural		
Rosinha, Zé Lelé, Nhô Lau...	0,905	96,0% (96/100)
Pai/Mãe do Chico Bento	0,826	85,7% (6/7)
Chico Bento	0,774	92,3% (132/143)
Professora do Chico Bento	0,179	36,4 % (4/11)
Personagens da área urbana		
Principais		
Mônica	0,602	81,7% (196/240)
Cebolinha	0,585	81,7 % (255/312)
Cascão	0,582	81,7% (188/230)
Magali	0,518	75,7 % (128/169)
Alguns amigos mais presentes		
Tití	0,713	88,9 % (8/9)
Do Contra	0,669	91,7 % (11/12)
Dudu	0,622	80,9 % (55/68)
Coadjuvantes com nome	0,395	69,0% (271/393)
Coadjuvantes sem nome	0,292	66,7% (34/51)
Pais/mães dos coadjuvantes	0,527	77,8% (14/18)
Pais/mães dos personagens principais	0,223	43,8% (21/48)
Personagens de outros mundos		
Indígenas	0,384	79,2 % (19/24)
Inanimados	0,360	58,3% (7/12)
Animais	0,333	65,9% (110/167)
Pré-históricos	0,319	67,5% (27/40)
Franjinha	0,307	62,1% (36/58)
Virtuais	0,254	56,2% (123/219)
Astronauta	0,199	52,9% (9/17)
Total		74,5% (1750/2348)

Fonte: elaborado pela autora.

Consoante a tabela 8, concluímos que as personagens da zona rural (Rosinha, Zé Lelé, Nhô Lau, entre outros) foram os que mais favoreceram a forma indicativa, com peso relativo de 0,905 e percentual de 96% de imperativo nessa variante. De modo geral, esse resultado confirmou a nossa hipótese que os personagens do contexto rural tendem a favorecer a forma indicativa. Além disso, esse resultado também foi confirmado no trabalho de Conceição (2017), que encontrou um total de 91,4% de imperativo na forma indicativa, no contexto de fala desses personagens.

Nossa hipótese para esse resultado robusto é que, por se tratar de representantes da zona rural - representantes da fala menos monitorada – nos dados desses personagens, haverá, majoritariamente, as formas não tradicionais pela gramática, aqui apresentada pela forma indicativa, no contexto discursivo do pronome *você*.

Seguindo a tendência desses personagens, temos também o resultado dos personagens Pai/Mãe do Chico Bento, com peso relativo de 0,826 e percentual de 85,7% de imperativo na forma indicativa; Chico Bento, com 92,3% de percentual global de imperativo na forma indicativa e peso relativo favorecedor de 0,774; seguido da professora de Chico Bento com percentual desfavorecedor de 0,179 e peso relativo bem abaixo do ponto neutro (0,5) (conf. Guy; Zilles, 2007, p. 239) de imperativo na forma subjuntiva. Além de ser personagem principal, o que contribui, de acordo com a nossa hipótese, para o uso do imperativo na forma indicativa é que Chico Bento também faz parte da zona rural nas histórias. Porém, o peso relativo apresentado nos dados da professora dele, ao nosso ver, tem relação com o fato dela não pertencer, necessariamente, à zona rural, tendo em vista que isso não fica claro nas histórias. Além disso, a professora possui escolarização elevada em relação aos alunos e apresenta figura de autoridade no contexto da escola, sendo necessário, conforme nossa hipótese, um comportamento, mesmo linguístico, distinto ao apresentado pelos alunos.

O resultado dos personagens Pai/Mãe do Chico Bento nos surpreendeu levemente, pois acreditávamos que personagens tidos como autoridades, como os pais dos personagens, tenderiam a favorecer a forma subjuntiva, à luz dos pressupostos de Leite (1994), que levantou a hipótese de que personagens autoritários tenderiam a favorecer a forma subjuntiva e, em contrapartida, personagens passivos tenderiam a favorecer a forma indicativa. Nos dados aqui investigados, porém, muitas vezes ocorre o inverso, como nos dados de fala da personagem Mônica, que é super autoritária e apresenta, costumeiramente, a forma indicativa, como veremos logo mais. Apesar de nem sempre um personagem de autoridade representar autoritarismo, acreditamos que os exemplos dos contextos de fala dos personagens Pai/Mãe do Chico Bento, por exemplo, representam um tom autoritário, por se tratar de comandos incontestáveis por parte do seu interlocutor, nesse caso, Chico Bento.

Com isso, acreditamos que, nos dados aqui investigados, o contexto rural sobrepôs a característica de autoridade/não autoridade por parte dos personagens Pai/Mãe do Chico Bento.

Seguindo a análise, os personagens principais urbanos, favoreceram a forma indicativa, nos dados sob análise. Mônica, Cebolinha, Cascão e Magali, apresentaram pesos relativos acima

do ponto neutro (0,5) e percentuais significantes acima de 75,7% e pesos relativos respectivos de 0,602; 0,585; 0,588 e 0,518. Esses resultados corroboram os percentuais encontrados por Conceição (2017, p. 19), que verificou percentuais também acima de 70% de imperativo na forma indicativa para os referidos personagens, como também confirma a nossa hipótese de que personagens principais tendem a favorecer a forma indicativa nas histórias da Turma da Mônica.

Nossa hipótese para esses resultados foi confirmada, pois acreditamos que personagens principais tendem a favorecer a forma indicativa. De modo geral, Mônica foi a personagem que mais favoreceu (peso relativo de 0,602), o que corrobora nossas expectativas, tendo em vista sua posição de protagonista nas histórias, que levam o seu nome (Turma da Mônica) como titulação. Por outro lado, temos a personagem Magali, que também é principal, mas apresenta uma característica mais branda em relação a temperamento, por isso um pouco diferente dos demais personagens principais urbanos (Mônica, Cebolinha e Cascão).

Os personagens Titi, Do Contra e Dudu, por sua vez, considerados não principais, apresentaram percentuais significativos (88,9%; 91,7%; 80,9%, respectivamente), o que é intrigante do ponto de vista de eles serem personagens que não possuem a mesma visibilidade que os personagens principais, a nosso ver. A nossa hipótese, contudo, é que os pesos relativos favorecedores de 0,713; 0,669 e 0,622 da forma indicativa para esses personagens se deva ao fato de cada um deles, apesar de não serem principais, possuírem personalidades de destaque dentro das histórias.

Isso, pois, de acordo com as histórias em quadrinho, Titi trata-se de um personagem com características típicas de um garoto convencido, charmoso, prova disso é o fato de viver dando em cima de outras meninas, apesar de namorar a Aninha, outra personagem da turma. O personagem Do Contra, por sua vez, tem uma característica excêntrica, com tendência a apreciar as coisas diferentes e, por isso, carrega um nome tão sugestivo. Para fechar a tríade, temos o personagem Dudu, que é mais passivo, manhoso, tem pouco apetite e é o queridinho de sua mãe.

Acreditamos, assim, que esses personagens, por terem características que se destacam, apresentam, de igual modo, um comportamento linguístico singular ao dos personagens principais, no que se refere à expressão do imperativo.

Os personagens coadjuvantes com nome e sem nome na história apresentaram resultados desfavorecedores em relação à forma indicativa (percentuais de 69,0 % e 66,7% e

pesos relativos de 0,395 e 0,292), tendo em vista o seu não estrelato no enredo. Normalmente, esses personagens servem apenas de lacunas, para a realização da história. Com isso, nossa hipótese é que dificilmente carregarão similaridades com os personagens principais, muito menos linguísticas.

Os pais e mães dos personagens coadjuvantes favoreceram a forma indicativa, ainda que relativamente, tendo em vista o peso relativo de 0,527. Ressaltamos que, na etapa de análise, amalgamamos esses dois fatores (pais e mães), por acreditarmos que ambos possuem características similares, como pertencer a mesma categoria de progenitores, portanto, autoridades em relação aos seus filhos.

Inclusive, o resultado desses personagens não foi o esperado, pois nossa hipótese, baseada no trabalho de Leite (1994), em relação aos personagens que possuem algum grau de autoridade, é que ao realizarem a expressão do imperativo, essa se dará na forma subjuntiva e não indicativa, como ocorreu na maioria dos dados aqui investigados. Já os pais e mães dos personagens principais apresentaram peso relativo desfavorecer (0,223) de imperativo na forma indicativa e, em contrapartida, favorecedor da forma subjuntiva.

Os personagens de outros mundos, como os indígenas, desfavoreceram em grande escala (0,384 de peso relativo) e 79,2% de percentual, a forma indicativa; seguidos dos inanimados, que apresentaram peso relativo um pouco menor (0,360); dos animais, com peso relativo de 0,333; e dos pré-históricos, com percentual de 67,5% e peso relativo de 0,319 da forma indicativa.

A nossa hipótese para esses resultados se confirmou, pois acreditamos que personagens com características mais distintas das características dos personagens principais tendem a desfavorecer a forma indicativa, ao passo que favorecem a forma subjuntiva.

Franjinha é o próximo personagem de “outros mundos” a ser aqui analisado e seguiu a tendência dos personagens com essas características distintas das dos personagens principais. Assim como esses personagens, Franjinha não faz parte da categoria principal, porém, se destaca, ao seu modo, nas histórias. Além disso, Franjinha foi o primeiro personagem criado, juntamente com o personagem Bidu, em 1959, pelo cartunista Mauricio de Sousa e o destaque de Franjinha refere-sea descobertas e tentativas de experimentos científicos, no decorrer das histórias, tendo em vista que é um cientista.

Por isso, nossa hipótese de desfavorecimento da forma indicativa (percentual de 62,1% e peso relativo de 0,307) para o personagem Franjinha se justifica na ideia de que, apesar de ser criança, como os demais personagens, Franjinha possui ideias mais avançadas para sua idade, logo, seus comportamentos, até o linguístico, tendem a ser distintos dos outros.

De igual modo, os personagens virtuais, que dizem respeito aos fantasmas da Turma do Penadinho; ao Anjinho, protetor das crianças; e quaisquer outros personagens com características folclóricas ou do campo da imaginação, por exemplo. Esses personagens, a nosso ver, possuem a mesma tendência daqueles mais periféricos, em relação ao uso do imperativo. Na nossa análise, esses personagens apresentaram peso relativo de 0,254 e percentual de 56,2% de imperativo na forma indicativa e a justificativa se baseia no fato desses personagens não possuírem características humanas, ficando, portanto, difícil de seguirem as tendências de personagens com essa característica.

Astronauta é o nosso último personagem com peso relativo desfavorecedor de 0,199 de imperativo na forma indicativa e, sob nossa ótica, possui características similares ao personagem Franjinha, tendo em vista as diversas viagens a outros planetas que o personagem executa no decorrer das histórias. Assim, seu comportamento oposto (imperativo majoritariamente na forma subjuntiva, 52,9%) aos demais personagens principais se justifica por ele também possuir características opostas as dos referidos personagens.

À luz dessa análise, então, verificamos que esse grupo de fatores se mostra bastante relevante na tentativa de se compreender a variação da expressão do imperativo, nas histórias em quadrinho em questão. Além disso, essa variável foi a única do campo não-linguístico a ser considerada na presente pesquisa, corroborando os preceitos labovianos, no que diz respeito à consideração de fatores sociais em uma análise Sociolinguística (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006[1968]).

4.1.5 Atos de fala

A variável Atos de fala foi a quinta variável linguística selecionada pela ferramenta estatística. Nosso objetivo ao analisar essa variável é verificar de que modo os atos de fala

propostos por Faraco (1986) contribuem para o entendimento da variação da expressão do imperativo, nas histórias em quadrinho Turma da Mônica.

O autor enfatiza que o uso de expressões como “Canta essa música agora!” e “Não canta essa música agora” é “amplamente possível na fala espontânea de vários falantes do português brasileiro” (FARACO, 1986, p. 02). Baseado nisso, o autor levanta a hipótese de que essas formas imperativas, sincronicamente associadas ao indicativo, se apresentam quando o falante deseja, nos termos de Faraco “reforçar a força ilocucional do ato de fala” (1986, p. 09). Assim sendo, o autor classificou os atos de fala baseados em características distintas: os atos denominados por ele como não marcados, que seriam uma ordem/comentário/observação/pedido/aviso, sem reforço ilocucional, em que o falante não evidencia sua relação de assimetria em relação ao seu ouvinte; e os atos de fala marcados, com características opostas, ou seja, o falante quer evidenciar que está em relação assimétrica, na relação entre ele e seu interlocutor, em que reforça um ato de fala: ordem rude/repreensão/pedido atenuado/solicitação com marca de solidariedade/súplica humilde/um aviso com marca de assimetria. Assim, Faraco (1986) pondera que os atos de fala não marcados tenderiam a favorecer a forma avaliada por ele como básica, ou seja, imperativo na forma subjuntiva; e os atos de fala marcados tenderiam a favorecer a forma imperativa associada ao indicativo, como um reforço do ato de fala.

O autor faz essas reflexões sobre a sentença imperativa após fazer uma descoberta que, no português do Brasil, há duas possibilidades diferentes de formas verbais da sentença imperativa, na segunda pessoa do singular, Faraco (1986, p. 1):

- CANTE essa música agora!
- Não CANTE essa música agora!

Com base nesses exemplos e de acordo com o autor, essas seriam as formas consideradas básicas, visto que o tratamento do interlocutor no Brasil é majoritariamente realizado com formas linguísticas que ocorrem com a terceira pessoa verbal.

Contudo, Faraco (1986, p. 2) expõe que, na sentença imperativa, podem também ocorrer formas verbais como nas sentenças as registradas a seguir:

- CANTA essa música agora!
- Não CANTA essa música agora!

Fato que surpreende duplamente, haja vista a oposição dessas sentenças em relação às sentenças “CANTE essa música agora” e “Não CANTE essa música agora”, classificadas como formas básicas no português do Brasil; e, em segundo plano, a questão de a negativa *não canta!*, que é a forma positiva diretamente negada, opor-se ao que está registrado nas gramáticas normativas. Ou seja, em contextos de sentenças negativas, o imperativo gramatical deve ser associado sempre à forma subjuntiva, como nas sentenças a seguir, retiradas de Faraco (1986, p. 2):

- CANTA essa música agora!
- Não CANTES essa música agora!

Além dessas ponderações, Faraco (1986) relata ainda que alguns estudiosos, por vezes, classificam as ocorrências “CANTA essa música agora!” e “Não CANTA essa música agora!” como sentenças indicativas e não imperativas. Porém, ele acrescenta que tal confusão pode ser esclarecida através do entendimento de alguns aspectos históricos da língua: “é uma homofonia criada historicamente como resultado da queda do -t final da terceira pessoa do singular do presente do indicativo latino (*cantat-canta*)” (FARACO, 1986, p. 05).

Com base nisso, o autor classifica como desafiadoras as sentenças “CANTA essa música agora!” e “Não CANTA essa música agora!”, por duas principais razões. A primeira é que *cantada* sentença “CANTA essa música agora!” parece ser morfologicamente a forma verbal imperativa de segunda pessoa, no contexto do pronome *tu*. Assim sendo, levando em consideração que o pronome *tu* é de uso de contextos geográficos e sociais restritos, no português do Brasil, sentenças como essa seriam igualmente de uso restrito, logo, de difícil probabilidade de ocorrência no Brasil. Ademais, o pronome de amplo emprego no tratamento do interlocutor é *você*, que se combina com as formas verbais de terceira pessoa. Tendo isso em vista, no caso do imperativo, as formas esperadas são aquelas advindas do subjuntivo, como as representadas nas sentenças “CANTE essa música agora!” e “Não CANTE essa música agora”, conforme Faraco (1986, p. 03).

A segunda razão das sentenças “CANTA essa música agora!” e “Não CANTA essa música agora” serem desafiadoras, segundo Faraco (1986), é que a forma negativa padrão

correspondente à imperativa *canta!* ocorre com o subjuntivo, como na sentença “Não CANTES essa música agora!”.

Com isso, autor pontua que o modo imperativo em português tem, no singular, três pares de formas, sendo entendidas, de acordo com Faraco, como:

- CANTA/não CANTES (português europeu) - as formas tradicionais da segunda pessoa singular, do imperativo, herdadas do latim. São ainda amplamente usadas no português europeu, mas estão praticamente extintas em termos de português brasileiro.
- CANTE/não CANTE (português brasileiro e europeu) - são usadas no Brasil como as formas singulares básicas de modo imperativo; e, em Portugal, correspondendo a *você* e a todas as outras formas de tratamento não familiar, que combinam com a terceira pessoa verbal.
- CANTA/não CANTA (português brasileiro) - constituem, nos termos dele, um par bastante peculiar que tem levantado problemas descritivos para quantos vêm estudando o português brasileiro. (FARACO, 1986, p. 4, grifos nossos)

É a partir dessas conjecturas que a presente pesquisa objetiva analisar a variável atos de fala. Com essa finalidade, analisaremos as diversas expressões dos personagens e sua relação com o interlocutor de cada contexto de fala, por exemplo. Assim, acreditamos ser possível verificar como os diversos atos de fala podem interferir no uso da expressão do imperativo.

Tendo como referência o que pondera Faraco (1986), analisaremos essa variável apresentando percentuais, pesos relativos de cada fator (dispostos na tabela abaixo):

Tabela 9 – Efeito da variável Atos de fala no uso do imperativo na forma indicativa em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019

Fatores ou categorias (Atos de fala)	Peso relativo dos fatores (<i>run</i> 48)	Frequência de variante associada ao indicativo
Aviso (não marcado)	0,641	88,9% (16/18)
Comentário/Observação (não marcado)	0,639	84,6% (477/564)
Repreensão (marcado)	0,439	61,5% (40/65)
Pedido/Solicitação (não marcado)	0,571	79,7% (141/177)
Pedido atenuado/Solicitação com marca de assimetria (marcado)	0,503	74,3% (52/70)
Conselho/sugestão (não marcado)	0,516	72,8% (118/ 162)
Sugestão com marca de assimetria (marcado)	0,503	76,9% (602/783)
Ordem (não marcado)	0,455	73,7% (115/156)
Ordem rude (marcado)	0,272	54,9% (130/237)
Súplica humilde (marcado)	0,365	66,2 % (43/65)
Instrução (não marcado)	0,145	31,4% (16/51)
Total		74,5% (1750/2348)

Fonte: elaborado pela autora.

Na tabela acima apresentamos os percentuais e pesos relativos de onze fatores, apresentados, em sua maioria, em dicotomia: um ato de fala não marcado seguido de um ato de fala marcado, a fim de compararmos com as dicotomias descritas em Faraco (1986).

O primeiro fator a ser analisado é “aviso”, tido como não marcado, a julgar pela sua semântica de um simples alerta.

No *corpus* em questão, “aviso” foi o ato de fala que mais favoreceu a forma indicativa, com peso relativo de (0,641) e um percentual de 88,9 (16/18), ou seja, um aumento de 14,4 pontos percentuais em relação à média de 74,5 de imperativo associado ao indicativo. Em outras palavras, das dezoito ocorrências de aviso, dezesseis ocorrências são de imperativo na forma indicativa, um resultado bastante intrigante do ponto de vista de Faraco (1986), que propõe formas associadas a indicativo, em contextos de atos de fala marcados; e formas associadas ao subjuntivo, em contextos de atos de fala não marcados, como o aqui analisado (aviso).

Com isso, o referido ato de fala não marcado se destacou como o que mais favoreceu a forma associada ao indicativo, apontado por Faraco (1986) como a forma possível para ser

usada quando o falante quer reforçar sua relação de poder em comparação ao seu ouvinte e não quando o ato de fala não é marcado, como no caso aqui exposto.

Averiguemos um exemplo retirado do *corpus*:

Figura 5 – Ato de fala “Aviso”



Fonte: Chico Bento (2017, n. 22, p. 59).

No exemplo, o personagem Chico Bento avisa aos transeuntes que ele está vendendo galinhas que foram criadas no seu quintal. Com esse intuito, ele realiza o ato de fala não marcado associado à forma indicativa (*oia*, representando *olha*).

Com isso, apreendemos que o personagem não teve intenção alguma de reforçar sua posição de assimetria em relação aos seus ouvintes. Pelo contrário, caso ele anunciasse o seu produto (galinha) forçando o seu cliente a adquiri-lo, certamente ele teria um comportamento contrário ao esperado, haja vista a falta de educação presente em falas e gestos como esses.

Normalmente, ao anunciar um produto, o vendedor deseja fazê-lo de modo que o cliente chegue à conclusão de que necessita dele. Além disso, vendedores com uma linguagem mais enfática costumam ser malvistos pelo seu público.

Isso posto, o ato de fala aqui analisado, à luz do que expõe Faraco (1986) deveria ser um dos que menos favoreceriam a expressão imperativa na forma indicativa, a julgar pela sua não intenção de “reforçar a força ilocucional do ato de fala” (FARACO, 1986, p. 09).

Como é possível acompanhar, o ato de fala “comentários” foi o fator que apresentou o segundo maior índice de peso relativo (0,639), com percentual de 84,6% (477/564), ou seja, 10,1 pontos percentuais a mais em relação à média (74,5%) de imperativo na forma indicativa. Esse ato de fala é considerado não-marcado, pelos termos de Faraco (1986), pois nele o personagem realiza apenas um comentário simples em relação ao que presencia com o seu

interlocutor. Um exemplo desse ato de fala pode ser visto na imagem abaixo, em que Mônica inicia um diálogo com o personagem Dudu:

Figura 6 – Ato de fala “Comentários”



Fonte: Magali (2018, n. 33, p. 31).

No contexto imagético, a personagem Mônica pergunta a Dudu sobre o desenho que este está produzindo. Ele, por sua vez, exibe sua obra de arte, que em seguida recebe um comentário da Mônica: “OLHA, é um...um...”, tendo o imperativo associado ao indicativo. A realização desse ato de fala com a expressão da personagem nos dá a entender, contudo, que não houve nenhuma intenção de “reforçar a força ilocucional do ato de fala”, como propõe Faraco (1986, p. 09). Apesar de a forma verbal estar associada ao indicativo, essa não indica necessariamente um ato de fala marcado (ocorrência sugerida pelo autor como sendo possível apenas no contexto da expressão do imperativo associado ao indicativo), além de que, nesse contexto, o verbo “olhar” se apresenta como um marcador discursivo e que costumeiramente se apresenta na forma indicativa.

Como vimos, no *corpus* aqui analisado, é possível encontrar um ato de fala não marcado (comentário) apresentando um percentual significativo de 84,6% (477/564), de imperativo associado ao indicativo, não convergindo com a leitura proposta por Faraco (1986) sobre a ocorrência de imperativo associado ao indicativo apenas na realização de um ato de fala marcado.

O próximo ato de fala é “repreensão”, que foi apresentado na tabela 9 de modo a compararmos com o ato de fala anterior (comentário). Conforme a tabela 9, “repreensão” apresentou um peso relativo de 0,439, ou seja, abaixo do que a ferramenta estatística interpreta como favorecedor da variante de referência, que é o imperativo na forma indicativa em nossa pesquisa. Em relação aos percentuais, o ato de fala apresentou um total de 61,5% (40/65) de imperativo associado ao indicativo. Vejamos um exemplo dessa ocorrência no *corpus*:

Figura 7 – Ato de fala “Repreensão



Fonte: Cebolinha (2018, n. 44, p. 50).

Na imagem, o personagem Cebolinha demonstra sua indignação em relação a atitude do personagem Louco. Este último, durante o contexto anterior ao quadrinho representado na imagem, vinha organizando algumas festas surpresas para o Cebolinha, apesar deste informar que não é o dia do seu aniversário. Com isso, na imagem ilustrada acima, Cebolinha sinaliza mais uma vez, na tentativa de ser compreendido pelo seu interlocutor, que não é o dia que ele comemora o seu aniversário. Esse ato pode ser interpretado pela fala “Hoje não é meu aniversário. Por favor, não FAÇA isso de novo!”, como pela expressão facial e corporal de Cebolinha, que se mostra bastante energético em enfatizar a sua repreensão. Nesse contexto, Cebolinha realiza o que Faraco (1986, p. 09) definiu como “reforço da força ilocucional do ato de fala”, com o qual o falante (neste caso, personagem) reforça uma relação interacional em relação ao seu interlocutor. No exemplo mencionado, o personagem Cebolinha não ameniza a sua indignação em relação ao personagem Louco, o que pode ser visível através de sua expressão.

O curioso, entretanto, é que no *corpus* aqui analisado, na maioria das vezes que o personagem tem essa intenção de reforçar um ato de fala, a expressão do imperativo é associada ao subjuntivo (“Hoje não é meu aniversário. Por favor, não FAÇA isso de novo!”) e não ao indicativo (*faz*), como escreve Faraco (1986).

O terceiro fator aqui analisado é “pedido/solicitação”, descrito como ato de fala não marcado, tendo em vista sua característica não acentuada. No que tange ao peso relativo, esse ato de fala apresentou um índice de 0,571, ou seja, acima de 0,5, limite base para favorecimento mínimo da forma indicativa (conf. Guy; Zilles, 2007, p. 139). Já os percentuais, esse fator apresentou um total de 79,7% (141/177) imperativo associado ao indicativo, isto é, um aumento de 5,2 pontos percentuais em relação à média 74,5%. Com isso, vemos que “pedido/solicitação”, no presente *corpus* favorece relativamente a forma associada ao indicativo (peso relativo 0,571).

Um exemplo de ocorrência desse fator no *corpus* pode ser visualizado na imagem abaixo:

Figura 8 – Ato de fala “Pedido/solicitação”



Fonte: Magali (2018, n. 34, p. 43).

Na imagem, acompanhamos um pedido de desculpa feito por Nimbus, pois este tirou uma foto da Mônica sem que ela o autorizasse. Esse contexto é iniciado no quadro anterior ao apresentado na imagem acima e nele é possível acompanhar o menino dando o clique na máquina fotográfica e imediatamente a Mônica cobrindo o rosto em virtude do *flash* que ofusca seus olhos. Contudo, no contexto da imagem acima, vemos o Nimbus realizando o ato de fala “pedido/solicitação”, por meio da frase: “DESCULPA, Mônica! Eu só tava tirando uma foto sua!”, no qual ele realiza o ato de fala utilizando o imperativo na forma indicativa (*desculpa*) seguido de uma suavização no rosto, para mostrar a sua interlocutora, Mônica, que não houve má intenção na ação praticada por ele.

Como pode ser notado, a forma indicativa foi utilizada pela personagem para representar o ato de fala não marcado (pedido/solicitação), contexto previsto por Faraco (1986) como o possível para a forma subjuntiva, tendo em vista a sua não intenção de reforçar sua relação assimétrica em relação à Mônica.

Como já mencionado, na amostra aqui analisada, na maioria das vezes, quando o personagem não deseja enfatizar sua posição em relação ao seu interlocutor, sua fala é representada pela forma imperativa associada ao indicativo, relativamente favorecida (0,571 de peso relativo), como apresentado no fator “pedido/solicitação”.

O ato de fala marcado que conversa com o anterior é “solicitação com marca de assimetria”, esse ato de fala é considerado como marcado, considerando-se que ao realizá-lo o falante tem a intenção evidente de deixar claro sua posição assimétrica em relação ao seu destinatário.

No referido ato de fala, o interlocutor solicita algo ao seu ouvinte, porém, essa solicitação beira a semântica da ordem, pois, apesar de ser uma solicitação, essa é feita de modo enfático, como podemos ver na figura 9, a seguir:

Figura 9 – Ato de fala “Solicitação com marca de assimetria”



Fonte: Cebolinha (2017, n. 26, p.54).

De acordo com a imagem 9, o personagem Cebolinha realiza o ato de fala “Solicitação com marca de assimetria” e o faz de forma a não deixar opção de não cumprimento por parte do seu interlocutor. A solicitação enfática é ratificada com o puxão de mão que ele realiza, apesar de seu interlocutor não ter possibilidade de fuga, mesmo que assim desejasse, haja vista sua incapacidade física, sendo retratada pelo uso da cadeira de rodas.

No *corpus* sob análise, o referido ato de fala apresentou peso relativo de 0,503. Esse resultado é intrigante, pois nesse *corpus*, esse ato de fala marcado foi um dos dois atos marcados que favoreceram, ainda que minimamente, a forma associada ao indicativo, forma prevista por Faraco (1986) em contextos de ato de fala marcado.

Seguindo a análise dos atos de fala, “conselho” é o próximo fator dessa variável a ser analisado. O ato de fala tem como característica a não marcação, proposta por Faraco (1986), tendo em vista que, ao realizá-lo, o falante (personagem) não tem a intenção de reforçar sua posição de poder em relação ao seu ouvinte. No que tange ao peso relativo, “conselho” apresentou peso de 0,516, ligeiramente acima de 0,5; e um percentual de 72,8% (118/162) de quase 2 pontos percentuais em relação à média (74,5) de imperativo associado ao indicativo. Com isso, esse fator não seguiu a tendência de Faraco (1986) de ser associado ao subjuntivo, tendo em vista que é um ato de fala não marcado.

Abaixo conseguimos vislumbrar um exemplo desse fator no *corpus* sob investigação:

Figura 10 – Ato de fala “Conselho”



Fonte: Cebolinha (2018, n. 33, p. 30).

Na imagem acima, Mônica realiza o ato de fala “conselho”, a fim de tranquilizar Cebolinha, que estava com medo de ter visto uma suposta assombração. Mônica aconselha o Cebolinha da seguinte maneira: “Ah, Cebolinha... DEIXA de drama! Era só um boneco”, com a forma imperativa associada ao indicativo (*deixa*), acompanhado de uma expressão facial de tranquilidade e um afago de leve nas costas de Cebolinha.

À luz de Faraco (1986), o contexto acima descrito tenderia a ocorrer com a forma imperativa associada ao subjuntivo, haja vista sua característica não marcada. Porém, como já relatado anteriormente, no *corpus* sob investigação, atos de fala marcados é que favorecem consideravelmente a forma associada ao subjuntivo.

O próximo ato de fala a ser analisado é “sugestão com marca de assimetria”, a fim de fazermos uma comparação com o ato de fala anterior. Em relação a percentuais, “sugestão com marca de assimetria” apresentou um total de 76, 9% certo agora (602/783) de imperativo na forma indicativa. Vejamos um exemplo nas histórias em quadrinhos:

Figura 11 – Ato de fala “Sugestão com marca de assimetria”



Fonte: Cebolinha (2018, n. 33, p. 5).

No quadrinho, o personagem Cascão é quem realiza o ato de fala marcado “sugestão com marca de assimetria”. Na imagem é possível notar a expressão de desespero do personagem que, ao se aventurar em mais uma brincadeira com a Mônica e o Cebolinha, acaba entrando em

uma confusão que parece não ter solução. O personagem Cebolinha, vislumbrando o fundo do poço, pede ajuda ao seu parceiro Cascão, que o responde com a seguinte exclamação: “PEDE pra Mônica ajudar você!”, utilizando a forma imperativa associada ao indicativo e não ao subjuntivo (*peça*). Além da forma indicativa, o personagem também demonstra um ato marcado, portanto enfático, ao correr enquanto fala e ao abrir bastante os olhos durante sua sugestão.

Isso dito, acreditamos que essa seja uma possível leitura do resultado do ato de fala “sugestão com marca de assimetria”, interpretados como atos de fala marcados à luz de Faraco (1986).

Os próximos atos de fala a serem analisados são “ordem” e “ordem rude”, caracterizados como não marcado e marcado, respectivamente, o que permite um vislumbre perfeito em relação a interpretação, pois ambos possuem a semântica de ordem, apesar de um ser marcado e o outro não, porém, ambos desfavorecem a forma proposto por Faraco (1986) para os atos de fala marcados, ou seja, imperativo associado ao indicativo.

O primeiro ato de fala a ser analisado é “ordem”, com o qual o falante delega uma ação, porém a faz de forma não tão acentuada, portanto, marcada.

No *corpus* sob análise, esse ato de fala apresentou um percentual de 73,7% (percentual próximo da média de 74,5%) de imperativo associado ao indicativo. Em termos de peso relativo, esse fator apresentou peso relativo de 0,455, abaixo do ponto neutro. Acreditamos que esses resultados se devam a fato de que, ao realizar um ato de fala com conotação de ordem, ainda que não marcado, o personagem realize na forma subjuntiva, de modo geral, no *corpus* aqui analisado, apesar de ser o oposto do previsto por Faraco (1986). Por isso, esse fator em especial seguiu a tendência dos demais resultados aqui investigados.

Vejamos um exemplo na figura 12:

Figura 12 – Ato de fala “Ordem”



Fonte: Chico Bento (2018, n. 34, p. 57).

Na imagem 12, vemos a fala da professora destinada ao Chico Bento. No contexto em questão, o personagem aparece à escola muito empolgado com tudo que já fez em casa, antes de chegar até ali. A professora, por sua vez, o anima através da frase supracitada, a fim de que ele tenha a mesma empolgação de estudar como ele tem para realizar os afazeres em casa. Notamos, através do exemplo, que a ordem proferida pela professora é realizada por meio do imperativo associado ao subjuntivo em ambas as ocorrências (*aproveite/estude*), seguindo a tendência proposta por Faraco (1986).

Apesar de o ato de fala seguir a tendência proposta por Faraco (1986), acreditamos que, para o *corpus* em questão, a leitura seja mais voltada para outras questões semânticas, que não apenas atos de fala marcado ou não marcado. No exemplo acima, apesar de o ato de fala não ser marcado e ser associado ao subjuntivo, acreditamos que isso tenha acontecido, porque o fator seguiu a tendência dos resultados dessa pesquisa, em que atos de fala que transmitem a ideia de autoritarismo, ainda que sutilmente, tendem a ser associados ao subjuntivo e não ao indicativo, como propõe Faraco (1986). Além do exposto, no exemplo apresentado, a professora de Chico Bento, pessoa que representa autoridade em sala de aula, é quem enuncia as orações associadas ao subjuntivo. E ela o faz de forma oposta à fala dos personagens da zona rural e do próprio Chico Bento, com percentuais⁴ 96% e 92,3 de imperativo associado ao indicativo, respectivamente, na amostra aqui analisada.

“Ordem rude” é um ato de fala marcado e apresentou, por sua vez, um percentual de 54,9%, ou seja, uma diminuição de 19,6 pontos percentuais em relação à média de 74,5% de imperativo associado ao indicativo. Em relação a peso relativo, esse fator apresentou um peso desfavorável de 0,272, bem abaixo do ponto neutro 0,5. Como podemos observar então, é

⁴ Dados retirados da Tabela 8: Efeito da variável Personagens na variação do imperativo nas histórias em quadrinhos Turma da Mônica, dos anos de 2017, 2018 e 2019.

um ato de fala marcado que apresenta o imperativo na sua forma subjuntiva (diferentemente do proposto por Faraco (1986), nesse contexto.

Abaixo, podemos acompanhar um exemplo desse ato de fala no *corpus* investigado:

Figura 13 – Ato de fala “Ordem rude”



Fonte: Mônica (2018, p. 11).

Na imagem é possível acompanharmos uma sequência de um plano iniciado pouco antes pela Mônica e Denise. Ambas desejam criar um programa para ir ao ar em um canal da *internet*. Mônica, porém, ao tentar cumprir com o seu papel de apresentadora, tenta contar sua vida simplesmente como ela é. Denise, por sua vez, ao ver tal cena, resolve cancelar a missão, pois, segundo a personagem, contar sobre a própria vida na *internet* é sinal de fracasso total. Por isso, no contexto da imagem acima, Denise profere a seguinte oração: “Não DIGA mais nada”, sugerindo assim o plano B.

Isso dito, além da enunciação do imperativo associado ao subjuntivo (*diga*) a personagem demonstra sua insatisfação através da expressão facial de quem realmente está desapontada e irritada, seguido de um levantar de dedo em direção a Mônica, a vítima da sua irritação. Logo, essa atitude faz parecer, por parte da Denise, que ela realmente não está para brincadeira, e deseja que sua ordem seja obedecida.

Dessa forma, vemos mais um exemplo, no *corpus* sob análise, de um ato de fala marcado sendo associado ao subjuntivo (*diga*) e não ao indicativo (*diz*), como sugerido em Faraco (1986).

O penúltimo ato de fala sob análise é “súplica humilde”, considerado um ato de fala marcado.

Esse ato de fala é tido como marcado, pois com ele o falante (personagem) tem a intenção de conseguir um desejo por meio das boas maneiras, nesse caso, humildade. Apesar

de a representação do emissor, por meio do ato, demonstrar uma boa atitude, na verdade, sua intenção é conseguir que o seu interlocutor realize o seu desejo, tendo em vista o apelo emocional que carrega esse ato de fala, como pode ser notado na imagem abaixo:

Figura 14 – Ato de fala “Súplica humilde”



Fonte: Mônica (2018, n. 44, p. 14).

Na ilustração, vemos um exemplo desse ato de fala sendo representado por Mônica. No contexto do quadrinho, a personagem está em mais uma aventura cheia de confusão com seus companheiros Cebolinha e Cascão e, em um determinado momento dessa aventura, vê-se presa a uma gaiola suspensa no ar. Com isso, com o intuito de sinalizar ao seu amigo sobre seu desespero, solta a seguinte oração: “Cebolinha! Me TIRE daqui!”, com o imperativo na forma subjuntiva, o que é não é previsto por Faraco (1986), em contextos de ato de fala marcado.

Além da forma subjuntiva, Mônica utiliza recursos persuasivos, como o drama exacerbado e o choro super dramático, seguido de um aperto mais firme nas grades que a prendem, a fim de chamar a atenção do seu interlocutor, nesse caso, Cebolinha. Este, por sua vez, a julgar pela tranquilidade que transparece no olhar e pela fala anterior a da Mônica, provavelmente não cumprirá o desejo dela.

Destacamos esse exemplo como ideal para a representação do ato de fala “súplica humilde”, pois nele é possível notar que, apesar da intenção positiva do ato (representado pela Mônica), este ocorre apenas para tentar persuadir o interlocutor. Isso em razão de Mônica ser uma das personagens mais autoritárias das histórias em quadrinhos, inclusive com o personagem Cebolinha, que vive formulando planos para capturar o coelho de pelúcia (Sansão) da personagem. Acreditamos que, provavelmente, esse ato de fala foi realizado somente porque ela estava presa, sem possibilidade de liberdade. Pois, caso não estivesse em apuros, dificilmente o faria. Logo, sua intenção foi tentar convencer Cebolinha pelo apelo emocional, ainda que sutilmente.

Isso dito, no nosso *corpus*, o ato de fala “súplica humilde” não seguiu a tendência de Faraco (1986) de ser associado à forma indicativa (*tira*), apresentando um peso relativo de 0,365.

Nosso último ato de fala a ser analisado é “instrução”, sendo caracterizado como um ato de fala não marcado, à luz de Faraco (1986). Em relação ao peso relativo, esse ato de fala foi o que mais desfavoreceu a forma indicativa, nesta pesquisa, com peso relativo de 0,145 e com percentual de 31,4% de imperativo associado ao indicativo, ou seja, uma diminuição de 43,1 pontos percentuais em relação à média de 73,4%.

Esse resultado é bastante curioso, pois esse ato de fala não segue a definição de ato de fala marcado, conforme Faraco (1986) e, por sua vez, dificilmente é associado ao indicativo, neste *corpus*, como mostraram o peso relativo (0,145) e o percentual (31,4%) de imperativo associado ao indicativo. Exemplo desse fator:

Figura 15 – Ato de fala “Instrução”



Fonte: Chico Bento (2019, n. 45, p. 17).

No exemplo acima, o personagem Jeremias propõe uma aventura na forma de uma viagem aos cosmos. Já sobrevoando o espaço, porém, Jeremias instrui o seu passageiro Cascão, sobre como proceder em relação aos cuidados que envolvem a segurança dele. Para isso, Jeremias profere a oração “COLOQUE o capacete e o cabo de segurança! PEGUE este aparelho regenerador”, na qual utiliza o imperativo associado ao subjuntivo nas duas ocorrências (*coloque/pegue/aponte/aperte*) referindo aos equipamentos de segurança (capacete e cabo de segurança). O personagem segue o procedimento de instrução, já no terceiro quadrinho, com a

fala “APONTE para onde tinha o propulsor e APERTE o botão!”, com exemplos de imperativo na forma subjuntiva.

Nossa hipótese para esse comportamento desfavorecedor do ato de fala “instrução” é que ele possui uma característica de texto escrito. Dizemos isso, pois, na maioria das vezes, esse ato de fala apresentou-se na forma associada ao subjuntivo (haja vista o percentual e peso relativo aqui apresentado). Além disso, quando o falante, neste caso, personagem, instrui alguém sobre como proceder, por vezes, essa instrução é sobre algo sério, como a segurança do interlocutor, como no caso exemplificado, ou sobre como proceder em relação a montagem de um equipamento etc.

Acreditamos que, ao realizar tal ato, o falante deseja que o seu interlocutor realmente cumpra o passo a passo (instrução) por ele estabelecido. E, como no *corpus* aqui investigado, na maioria das vezes (34 ocorrências do total de 51 dados), o personagem prefere usar o imperativo associado ao subjuntivo (*coloque/pegue*), ao realizar um ato de fala em que o falante reforça uma relação interacional marcada de poder, nos termos de Faraco (1986), o ato de fala “instrução”, apesar de não ser considerado um ato de fala marcado, mas ser entendido como um ato de fala que o falante realmente deseja que o seu interlocutor o realize, tendo em vista o risco que este corre, caso não o faça, o fator seguiu a tendência geral do corpus de ser associado ao subjuntivo. Além disso, nossa hipótese para este resultado do fator “aviso” é que este possui, na maioria das vezes, características da escrita, sendo possível a realização do imperativo na forma subjuntiva.

De modo geral, os resultados da presente pesquisa, no que tange à variável “Atos de fala”, seguiram o oposto das ideias propostas por Faraco (1986). Do total de onze fatores analisados, apenas dois fatores (solicitação com marca de assimetria e sugestão com marca de assimetria) seguiram a tendência de serem associados, na sua maioria, ao imperativo na forma indicativa, por se tratarem de atos de fala marcados. Por outro lado, tivemos um resultado curioso de quatro fatores (aviso, comentário, pedido/solicitação e conselho/sugestão) tidos como não-marcados, que também foram associados à forma indicativa, apesar de não serem considerados atos de fala marcados. Ademais, obtivemos resultados intrigantes em relação aos atos de fala “ordem” e “ordem rude”, vistos como não-marcado e marcado, respectivamente, e que em ambos os casos há maior ocorrência do imperativo na forma indicativa.

Com isso, percebemos que não há uma dicotomia (marcado/não-marcado versus indicativo/subjuntivo) bem delimitada da variável independente em questão, o que nos faz

acreditar em diversas possibilidades de análises futuras, com o intuito de averiguar até que ponto os atos de fala podem interferir na variação da expressão do imperativo.

4.1.6 Número de sílabas do verbo na forma infinitiva

A presente variável foi investigada com o propósito de verificar a influência do número de sílabas na forma infinitiva na compreensão da expressão do imperativo. Além disso, em pesquisas anteriores (SCHERRE, 2003; CONCEIÇÃO, 2017) esse grupo de fatores se mostrou relevante, sendo, portanto, analisado aqui. A seguir podemos conferir os resultados, com percentuais e pesos relativos desse grupo de fatores, a partir da tabela 10:

Tabela 10 – Efeito da variável Número de sílabas do verbo na forma infinitiva no uso do imperativo na forma indicativa nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019

Fatores ou categorias Número de sílabas do verbo na forma infinita	Peso relativo dos fatores (<i>run</i> 48)	Frequência de variante associada ao indicativo
Monossílabos	0,566	75,3% (244/324)
Dissílabos	0,522	77,5% (1106/1427)
Trissílabos	0,412	68,0% (348/512)
Polissílabos	0,413	61,2% (52/85)
Total		74,5% (1750/2348)

Fonte: elaborado pela autora.

Na tabela 10 podemos verificar, de modo geral, uma dicotomia entre verbos monossílabos e dissílabos, de um lado; e, verbos trissílabos e polissílabos, do outro lado. Favorecendo e desfavorecendo, respectivamente, o imperativo na forma indicativa.

Em termos de peso relativo, os monossílabos foram os que mais favoreceram, ainda que timidamente, a forma indicativa, com peso relativo de 0,566 e percentual de 75,3%. Em seguida, temos os dissílabos com peso relativo de 0,522 e percentual de 77,5% também de imperativo na forma indicativa.

Contrariamente, temos os trissílabos, com peso relativo de 0,412 e percentual de 68,0% de imperativo na forma indicativa, favorecendo, com isso, a forma subjuntiva. Após os trissílabos, temos os polissílabos, com peso relativo de igual modo desfavorecedor (0,413) da forma indicativa.

Em termos de tendências, os resultados para essa variável seguiram os resultados de Scherre (2003), por exemplo, que concluiu, em sua análise, que verbos de uma ou duas sílabas favorecem a forma indicativa; e, verbos de três ou mais sílabas desfavorecem essa variante. A autora observou, ainda, em seus dados, percentuais de 69% e 64%, de imperativo na forma indicativa, em verbos monossílabos e trissílabos, respectivamente; e percentuais de 39% e 28% de imperativo na forma indicativa, em verbos trissílabos e polissílabos (SCHERRE, 2003), o que corrobora a polaridade também verificada na pesquisa em tela, para a variável número de sílabas do verbo na forma infinitiva.

4.1.7 Presença/ausência e posição do vocativo em relação ao verbo

A presente variável foi escolhida para análise, pois com ela nosso intuito era investigar de que forma a leitura imperativa pode ser assegurada, ainda que essa seja associada à forma indicativa, à luz do trabalho de Scherre (2003), a depender da presença ou não do vocativo, tendo em vista que o vocativo assegura à sentença uma leitura mais aproximada da fala. Esse grupo de fatores foia sétima a ser selecionada como estatisticamente significativa pelo programa, ficando no limiar entre ser ou não ser selecionada com nível de significância de 0,032.

Na tabela 11 podemos acompanhar os resultados, com os respectivos percentuais e pesos relativos desse grupo de fatores:

Tabela 11 – Efeito da variável Presença/ausência e posição do vocativo em relação ao verbono uso do imperativo na forma indicativa nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019

Fatores ou categorias (Ausência, presença e posição do vocativo em relação verbo)	Peso relativo dos fatores (<i>run 48</i>)	Frequência de variante associada ao indicativo
Depois do verbo	0,560	78,1% (357/457)
Ausência	0,497	75,0% (1238/1650)
Antes do verbo	0,412	64,4% (141/219)
Casos como “ei” antes do verbo	0,369	63,6% (14/22)
Total		74,5% (1750/2348)

Fonte: elaborado pela autora.

A partir da tabela 11, verificamos que, de modo geral, sentenças com presença de vocativo depois o verbo, como no exemplo “Não FALA *besteila*, Monica!” (Mônica, nº 21, jan. 2017, p. 06) tendem a favorecer, ainda que minimamente, a forma indicativa (peso relativo de 0,560 e percentual de 78,1%) dessa variante, resultado também verificado em Scherre (2003, p.07), que registrou um percentual de 63% de imperativo associado ao indicativo, no contexto de presença de vocativo. Por outro lado, a ausência de vocativo, (peso relativo de 0,497 e percentual de 75,0%) desfavorece levemente o imperativo na forma indicativa; seguido de presença de vocativo antes do verbo como no exemplo “Mônica, DISFARCE, passe na frente dele e finja que não viu!” (Mônica, nº 21, jan. 2017, p. 59), com peso relativo de 0,412; e ocorrências de “ei”, no contexto discursivo, como em “Ei! ESPERE”, (Mônica, nº 21, jan. 2017, p. 63) que apresentou um percentual de 63,6% e peso relativo bem abaixo da média (0,369) de ocorrência de indicativo.

Nossa hipótese era que a presença de vocativo, de modo geral, independentemente da posição (se antes ou depois do verbo) tenderia a favorecer a forma indicativa, pois a presença do vocativo ajudaria na manutenção da leitura imperativa, apesar da presença da forma indicativa ao invés da forma subjuntiva. Contudo, na presente pesquisa, a presença do vocativo depois do verbo é que favoreceu a forma indicativa. Por outro lado, a presença antes do verbo desfavoreceu a forma indicativa e favoreceu a forma subjuntiva.

Com isso, acreditamos que há necessidade uma análise minuciosa desse fator no que tange à contribuição dele na variação da expressão do imperativo, nas revistas sob análise.

4.2 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS NÃO ESTATISTICAMENTE SIGNIFICATIVAS

4.2.1 Ano de publicação

Selecionamos este grupo de fatores (o segundo não linguístico) para ser analisado, porque a pesquisa sobre a variação do imperativo já é uma averiguação diacrônica, ou seja, estudo que busca a compreensão de um fato ou de um conjunto de fatos em sua evolução no tempo, tendo em vista que envolve pesquisa dos dados da década de 1970. Além disso, pesquisas anteriores a esta (CONCEIÇÃO, 2017; SCHERRE, 2003, 2004, 2005, 2012) verificaram um aumento significativo (74 pontos percentuais desde a década de 70, do século XX, até a primeira década do século XXI) de imperativo associado ao indicativo, conforme a mudança do tempo (anos/décadas), como mostra a tabela abaixo:

Tabela 12 – Efeito da variável Décadas/anos no uso do imperativo na forma indicativa em histórias em quadrinhos Turma da Mônica dos anos 1970 a 2010

Fatores ou categorias (Anos de publicação)	Peso relativo dos fatores	Frequência de variante associada ao indicativo
1970/1971	0,02	7% (11/153)
1983	0,06	18% (15/84)
1985	0,40	56% (145/260)
1986/1987	0,38	59% (135/229)
1988/1999	0,44	57% (361/637)
2001	0,62	71% (360/507)
2002	0,61	73% (579/794)
2004	0,52	68% (333/489)
2005	0,69	76% (365/478)
2010	0,76	81% (119/147)

Fonte: Scherre (2012, adaptado).

Por isso, aqui estamos analisando dados dos anos de 2017, 2018 e 2019, a fim de verificarmos se a mudança do tempo (anos), em um período relativamente curto, também contribuiu para a variação do fenômeno aqui estudado: a expressão do imperativo gramatical.

Abaixo deixamos uma tabela com o resultado geral dos dados presentes nos três anos aqui analisados, tendo em vista que essa foi uma das três variáveis não selecionadas estatisticamente pelo programa, com significância final de 0,405 (de onde retiramos os pesos relativos) e a primeira eliminada. Ou seja, para o programa, o ano de publicação não interferiu significativamente na variação da expressão do imperativo nos dados aqui analisamos.

Tabela 13 – Efeito da variável Ano de publicação no uso do imperativo na forma indicativa em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019

Fatores ou categorias (Anos de publicação)	Peso relativo dos fatores (run 53)	Frequência de variante associada ao indicativo
2017	[0,492]	72,7% (721/992)
2018	[0,475]	74,1% (372/502)
2019	[0,524]	76,9% (657/854)
	Total	74,5% (1750/2348)

Fonte: elaborado pela autora.

Verificamos, a partir da tabela 13, que não houve uma diferença significativa de ocorrências da expressão do imperativo associada à forma indicativa nos dados publicados nos anos de 2017, 2018 e 2019. Os percentuais giram em torno de 72,7% no ano de 2017; 74,1% no ano de 2018 (percentual esse que gira em torno de um ponto de diferença do ano anterior); e 76,9% no ano de 2019, um pequeno aumento de quase três pontos percentuais em relação ao ano anterior e pouco mais de quatro pontos percentuais em relação ao ano de 2017. As pequenas diferenças entre os percentuais e os respectivos pesos relativos (0,492; 0,475; e 0,524) não são consideradas estatisticamente significativas.

Como vimos, houve uma pequena diferença entre 2010, 2017, 2018 e 2019, em termos de resultados. Com isso, acreditamos que há a necessidade de uma análise em tempo real, ano a ano. Salientamos, inclusive, que essa era a nossa ideia primeira para este trabalho, contudo, como não tivemos acesso a todos os dados desses anos, modificamos o *corpus* a ser analisado.

Nossa interpretação é que, por se tratar de um intervalo relativamente curto, portanto, com mudanças sociais aparentemente pequenas, seja difícil verificar mudanças também no campo linguístico. Acreditamos que com uma amostragem maior de dados como também um espaço de tempo maior em relação à publicação, é possível uma análise mais reveladora dessa variável independente, à luz do que atestam outras análises com revistas da Turma da Mônica

criança, como as relatadas por Andrade, Melo e Scherre (2007), Scherre e Andrade (2010) e Scherre (2012, 2019).

4.2.2 Presença/Ausência de Dêiticos

A variável em questão foi uma das inovações que trouxemos para este trabalho. Isso porque acreditávamos que esse seria mais um grupo de fatores que nos ajudaria a compreender o comportamento da expressão do imperativo, visto que os dêiticos contribuem para que uma sentença tenha características da fala. Em outros termos, os dêiticos nos situam no tempo e no lugar em que o enunciado foi produzido.

Vejamos dois exemplos dessa variável nas histórias em quadrinhos Turma da Mônica:

- Dêitico (lugar): “PEGA aí!” (Mônica, nº 22, p. 69, fev. 2017).
- Dêitico (tempo): “Tá bom! Mas CORRE que a inscrição é até hoje à tarde!” (Mônica, nº 21, p. 7. jan. 2017)

Por meio dos exemplos, percebemos que há ocorrência da forma indicativa em contextos de presença de dêiticos (tanto com semântica de lugar como de tempo).

Todavia, esse foi o segundo dos três grupos de fatores não selecionados pela ferramenta estatística. Acreditamos que isso se deva ao fato de não termos feito, para esta pesquisa, uma codificação minuciosa desse grupo de fatores. Na codificação separamos os dados apenas entre presença e ausência de dêiticos. No caso de presença, não sinalizamos a que sentido pertencia o dêitico (tempo ou lugar, por exemplo). Logo, acreditamos que futuramente seja possível a realização de uma investigação detalhada desse grupo de fatores, ao lado de aspectos relativos a processos de gramaticalização, como em ocorrências do tipo “Peralá” ou “Peraí”, com aglutinação do verbo “esperar” com os dêiticos de lugar “lá” e “aí”, muito recorrentes no *corpus* aqui investigado.

A seguir apresentamos os resultados com os percentuais dessa variável independente:

Tabela 14 – Efeito da variável Presença ou ausência de dêiticos no uso do imperativo em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019

Fatores ou categorias (Dêiticos)	Peso relativo dos fatores (run 52)	Frequência de variante associada ao indicativo
Presença	[0,551]	77,5% (303/391)
Ausência	[0,490]	73,9% (1447/1957)
Total		74,5% (1750/2348)

Fonte: elaborado pela autora.

Em concordância com a tabela 12, depreendemos que, de modo geral, nos dados sob investigação, houve mais ocorrência de dados em contextos de ausência de dêiticos (1.957 dados) do que em contextos com presença de dêiticos (391 dados), de um total de 2.348 dados. Entretanto, quando analisamos as ocorrências de presença de dêiticos, verificamos um percentual de 77,5% de imperativo gramatical associado ao indicativo, resultado intrigante, do ponto de vista linguístico. A ausência de dêiticos, por seu lado, também apresentou um percentual intrigante de 73,9% de imperativo associado ao indicativo, totalizando uma diferença mínima de aproximados quatro pontos percentuais entre um fator e outro.

Por isso, acreditamos que seja necessária uma investigação aprofundada da variável independente em discussão, adicionando outros fatores, como a descrição detalhada do campo semântico a que pertence cada dêitico (lugar, tempo, etc.).

4.2.3 Conjugação verbal

A conjugação verbal foi mais um dos fatores linguísticos levados em consideração na variação da expressão do imperativo, nas histórias em quadros aqui verificadas. Abaixo listamos três exemplos da variante associada ao indicativo, no contexto das três conjugações verbais:

- Primeira conjugação:
“OLHA lá o cascão e a Malina!” (MÔNICA, nº 21, p. 11, jan.2017)

- Segunda conjugação:
“Vai, LÊ logo!” (MÔNICA, nº 21, p. 54, jan.2017)
- Terceira conjugação:
“SAI da frente! Estávamos correndo primeiro!” (MÔNICA, nº 21, p. 63, jan.2017)

Nosso intuito era investigar o efeito da conjugação do verbo (primeira; segunda ou terceira conjugação) no fenômeno sociolinguístico em questão. Para mais, compararmos com outras pesquisas que também levaram em consideração essa variável na análise da expressão do imperativo, tendo como hipótese o efeito da frequência das três conjugações, na linha de que conjugações mais frequentes, como a primeira, pudesse favorecer imperativo na forma associada ao indicativo, por ser essa a forma mais geral na língua e pelo fato de o imperativo na forma indicativa ser também mais geral no PB. Entretanto, esse grupo não teve relevância estatística nos presentes dados, sendo um dos três fatores não selecionados e o terceiro eliminado pelo programa.

A seguir apresentamos os resultados com percentuais e pesos relativos da etapa em que essa variável tem a sua última chance de seleção estatística:

Tabela 15 – Efeito da variável Conjugação verbal no uso do imperativo na forma indicativa em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica dos anos de 2017, 2018 e 2019

Fatores ou categorias (Conjugação verbal)	Peso relativo dos fatores (<i>run</i> 51)	Frequência de variante associada ao indicativo
Primeira	[0,513]	77,8% (1375/1767)
Segunda	[0,399]	51,5% (135/262)
Terceira	[0,513]	75,1% (240/319)
	Total	74,5% (1750/2348)

Fonte: elaborado pela autora.

Apesar da não seleção estatística, essa variável merece mais alguns comentários. Conforme a tabela 15, percebemos que, pelos percentuais, os verbos de primeira conjugação tendem a favorecer levemente o imperativo associado ao indicativo, com um percentual de 77,8% (para uma média de 74,5%); seguidos dos verbos de terceira conjugação, com um

percentual levemente menor de 75,1%, em outras palavras, quase três pontos percentuais de diferença entre um e outro. Os verbos de segunda conjugação, por sua vez, ficaram na posição intermediária, com um percentual bastante desfavorecedor de 51,5% de imperativo associado ao indicativo (diminuição de 23 pontos percentuais em relação à média). Isto é, do total de 262 verbos de segunda conjugação, aproximadamente 135 dados são associados ao indicativo. Com isso, percebemos, em uma leitura de percentuais, que os verbos de segunda conjugação assumem um comportamento intermediário e desfavorecedor em relação à expressão do imperativo na forma indicativa. Esses resultados indicam ser importante verificar cuidadosamente essa variável, levando em consideração os dois extremos (primeira e terceira conjugação) com percentuais tão parecidos.

Nossa hipótese para a não seleção estatística é a de que esse foi mais um fator sobreposto a outros (saliência fônica e número de sílabas do verbo na forma infinitiva), levando em conta que em ambos fatores prevalece a conotação de extensão (forma estrutural ou fonológica) do verbo. Por isso, acreditamos ser possível uma análise sob outro olhar, a fim de descobrir a interferência desse fator na variação do imperativo gramatical.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]; MOLLICA, BRAGA, 2012; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) a presente pesquisa buscou analisar a expressão do imperativo em histórias em quadrinhos Turma da Mônica criança, de Mauricio de Sousa, publicadas nos anos de 2017, 2018 e 2019.

Para cumprir nosso objetivo de analisar o comportamento da expressão do imperativo nessas revistas e comparar com resultados de pesquisas anteriores a esta (CONCEIÇÃO, 2017; SCHERRE, 2003, 2004, 2005, 2012), realizamos o tratamento estatístico dos dados utilizando o Goldvarb X (GUY; ZILLES, 2007; SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

De modo geral, nossos resultados apontaram um percentual robusto de 74,5% de imperativo associado ao indicativo. Ou seja, do total de 2.348 (2.414 gerais)⁵ dados sob análise, 1.750 dados foram de imperativo na forma indicativa e 598 (25,5%) de imperativo na forma subjuntiva. Em relação às variáveis investigadas, analisamos fatores linguísticos e não linguísticos, dentre eles: “Polaridade da estrutura e contexto pronominal” foi a primeira selecionada como estatisticamente significativa pelo programa; seguida da variável “Saliência fônica”; “Personagens”, terceira selecionada; “Presença/ausência, tipo, pessoa e posição do pronome átono em relação ao verbo”, quarta selecionada; “Atos de fala”, à luz de Faraco (1986), quinta selecionada; “Número de sílabas do verbo na forma infinitiva”, sexta selecionada; e, sétima e última a ser selecionada como estatisticamente significativa pelo programa, “Presença/ausência e posição do vocativo em relação ao verbo”. Em contrapartida, as três eliminadas e não selecionadas foram: “Ano de publicação”, a primeira eliminada e não selecionada; “Presença, ausência de dêiticos”, segunda eliminada e não selecionada; e “Conjugação verbal”, terceira eliminada e não selecionada.

A variável “Saliência fônica” foi analisada, parcialmente, à luz de Scherre (2003). Em seu trabalho, a autora fez uma análise detalhada dessa variável complexa, levando em consideração o paradigma verbal, do tipo de posição entre a forma indicativa/subjuntiva e do paralelismo fônico, por exemplo. Na nossa análise, por outro lado, consideramos basicamente a natureza da vogal final de cada verbo; distinção vocálica no meio da palavra; e se o verbo

⁵ No total de 2.414 dados do resultado geral encontram-se os casos (10/14) denominados de “Difícil classificação da variável “Atos de fala”, antes de serem retiradas da rodada de análise, pois é desejo nosso investigar mais a fundo esses casos, em uma análise futura. Além disso, há nesse total os casos de efeito categórico de cada grupo de fatores aqui investigados e descritos no corpo do texto.

finalizava com uma consoante podendo ou não acrescentar uma sílaba para somente então classificá-lo como mais ou menos saliente. No futuro pretendemos retomar essa análise a fim de fazermos uma análise mais aprofundada e compararmos com o trabalho de Scherre (2003).

As variáveis “Polaridade da estrutura e contexto pronominal” e “Presença/ausência, tipo, pessoa e posição do pronome átono em relação ao verbo” nos deram uma visão de conjunto em relação ao fenômeno em tela, haja vista a tradição gramatical (BECHARA, 1999; CEGALLA, 1991; CUNHA e CINTRA, 2008) registrar o uso da expressão do imperativo baseado no contexto pronominal (*tu/você*) e da sentença (se negativa ou afirmativa).

O grupo de fatores “Personagens” mostrou-se relevante no que diz respeito ao comportamento linguístico dos personagens das histórias em quadrinhos a depender do contexto geográfico (rural/urbano); da questão de maior ou menor visibilidade nas histórias; e no quesito mais ou menos passivo, por exemplo.

Em “Atos de fala” realizamos uma análise comparativa completa e inédita para esse texto e apresentamos resultados reveladores. Ao final da análise detalhada do grupo de fatores “atos de fala”, acreditamos que, com base nos resultados aqui apresentados, essa variável possui mais nuances passíveis de investigação. Dizemos isso, pois - a julgar pela realização quase oposta à da proposta por Faraco (1986) - por parte dos dados aqui apresentados de imperativo na forma subjuntiva, em ocorrências de atos de fala marcados, acreditamos que outras questões semânticas ainda não evidentes estejam atuando na variação da expressão do imperativo no *corpus* sob análise.

Essas questões podem dizer respeito à relação de poder entre os personagens (forma indicativa como atenuadora da forma imperativa; e forma subjuntiva como uma reforçadora da forma imperativa).

Além dessa questão, vale salientar que o texto de Faraco (1986) é datado da década de 80 e a presente pesquisa foi realizada com dados da segunda década do século XXI. E há a questão do contexto geográfico, haja vista a localização do autor no estado do Paraná, região onde não há trabalho sociolinguístico sobre o falar dos paranaenses em relação à expressão do imperativo. Portanto, investigações futuras nessa região seriam de suma importância para compreensão e extensão das pesquisas sobre esse fenômeno linguístico.

A terceira variável eliminada pela ferramenta estatística (conjugação verbal) também merece uma análise futura mais detalhada, pois em outras pesquisas ela já se mostrou relevante

(Scherre, 2003). Nossa hipótese para sua não seleção na presente pesquisa é que ela foi sobreposta as variáveis “Saliência fônica” e “Número de sílabas do verbo na forma infinitiva”.

Reforçamos também a importância de uma análise da expressão do imperativo em um período maior de tempo (ano a ano), a fim de verificar possíveis variações ou tendências de mudança desse fenômeno variável ainda tão enigmático. Acreditamos que a não seleção da variável “Ano de publicação” por parte da ferramenta estatística se deva ao fato do período relativamente curto entre um ano e outro (2017, 2018 e 2019) aqui investigados ou uma possível estabilidade de variação do fenômeno sob análise. Salientamos que nosso objetivo primeiro era analisar dados de um espaço maior de tempo, entre os anos de 2010 a 2020, contudo, não dispusemos de todos os dados a tempo da conclusão desta pesquisa.

Por fim, vimos que a gramática tradicional não dá conta de todas as variações presentes e inerentes à língua, como a variação do fenômeno aqui investigado, a saber, expressão do imperativo. Vimos também que a variação é possível de ser analisada e descrita; a variação não é aleatória, a julgar pelas restrições linguísticas e não-linguísticas levadas em consideração no nosso trabalho, a fim de compreender o fenômeno a expressão do imperativo nas histórias em quadrinhos Turma da Mônica.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Jeferson da Silva. O imperativo gramatical em histórias em quadrinhos baianas. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 42, p. 141-152, set./dez. 2008.
- ALVES, Jeferson da Silva. Imperativo: uma análise das variáveis sociais na língua falada de Salvador. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 15, n. 44, p. 89-105, mai./ago. 2009.
- ANDRADE, C. Q.; MELO, F. G. de; SCHERRE, M. P. P. História e Variação Linguística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. **Finos leitores**, Brasília, ano 3, n. 1, PÁGINAS, ago. 2007.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 34. ed. São Paulo: Nacional, 1991.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.
- CONCEIÇÃO, Ednaides Bispo. **A expressão do imperativo nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica e o preconceito linguístico**. 2017. 30f. Trabalho de Conclusão de curso (Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa) – Departamento de Línguas e Letras, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2017a.
- CONCEIÇÃO, Ednaides Bispo. Expressão do imperativo em Quadrinhos da Turma da Mônica: um estudo em tempo real. **Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES**, Vitória, v. 8, p. 1-8, 2017b.
- FARACO, Carlos Alberto. Considerações sobre a sentença imperativa no português do Brasil. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 1-15, 1986.
- GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- GUY, Gregory. R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.
- LEITE, Josevane S. **O fenômeno variacionista na formação do imperativo: linguagem oral**. Brasília: UnB, 1994. Não Publicado.
- LINS, Maria da Penha Pereira; CAPISTRANO JR, Rivaldo (orgs). **Quadrinhos sob diferentes olhares teóricos**. 1. ed. Vitória: PPGEL-UFES, 2014.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2012.

NARO, Anthony. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. O imperativo gramatical nas capitais do Nordeste: análise sociolinguística dos dados do ALiB. *In*: LOPES, Norma da Silva; OLIVEIRA, Josane Moreira de; PARCERO, Lúcia Maria de Jesus (orgs.). **Estudos sobre o português do Nordeste: língua, lugar e sociedade**. São Paulo: Blucher, 2017. p. 27-43.

RAMOS, Paulo. Histórias em quadrinhos: um novo objeto de estudos. *In*: **Estudos Linguísticos XXXV**, São Paulo, 2006, p. 1572-1583.

SAMPAIO, Dilcéia Almeida. A variação diatópica do imperativo no português brasileiro. **Anais do GELNE de 2002**, p.564-565. Disponível em: http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2002/artigos/05_linguistica_historica/artigo04.pdf. Acesso em: 07jan. 2022.

SANKOFF, David. Variable rules. *In*: Ammom, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J. (eds.). **Sociolinguistics: na international handbook of the Science of language and Society**. New York: Walker de Gruyter, 1988. P. 984-998

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **GoldVarbX: A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.
Disponível em: http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref. Acesso em: 07jan. 2022.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. *In*: SILVA, Denize Elena Garcia da; LARA, Gláucia Muniz Proença; MENEGAZZO, Maria Adélia (orgs.). **Estudos de Linguagem: Inter-relações e Perspectivas**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003. p. 177-191.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Norma e uso - o imperativo no português brasileiro. *In*: DIETRICH, Wolf; NOLL, Volker. (org.) **O português do Brasil: Perspectivas da pesquisa atual**. Frankfurt AM Main: Vervuert/Madrid: Iberoamericana, 2004. p. 231-260.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. **Tabuleiro de Letras, LOCAL**, v. 4, NÚMERO, p. 01-32, MESES 2012.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; ANDRADE, Carolina Queiroz. Sobre a variação do imperativo na gramática do português brasileiro: ampliando a análise de enunciados escritos sem marcas convencionais de diálogo. *In*: MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz (orgs.). **Saberes em Sociolinguística: trilhas, demandas e proposições no século XXI**. São Paulo: Pé da Palavra/Parábola, 2021, no prelo.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; CARDOSO, Daisy Bárbara Borges; LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva. O imperativo gramatical no português brasileiro: uma discussão translinguística. *In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN*, 2005, Brasília. **Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN**. Brasília: Publicação eletrônica: www.abralin.org, 2005. v. 1, p. 505-509.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. *In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 147-177.

SILVA, Jessyca Christyna Soares da. **A variação de primeira pessoa do plural nas revistas em quadrinhos do Chico Bento**. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária. *In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.) Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 31-65.

WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ZANELLATO, Carolina Amorim. **Já vejo ELE nos quadrinhos: uma análise em tempo real da variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa em revistas da Turma da Mônica**. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

ANEXO I – RODADA GERAL

Rodada geral sem 10/14 casos de difícil classificação em atos de fala na coluna 8 que ainda não foram reanalisados

Rodada para compor as tabelas 1 e 2 com todos os casos analisados, exceto os casos de difícil classificação

Tabela 1 Polaridade da estrutura e contexto pronominal

Tabela 2 Presença/ausência, tipo, pessoa e posição do pronome átono em relação ao verbo

• CELL CREATION • 22/12/2021 08:56:38

Nameof token file: TM201720182019MESTRADONANA.09.12.2021.tkn

Nameofcondition file: Rodada geral para a dissertação sem casos de difícil classificação 22dez2021.cnd

(
 ; Rodada geral sem os 10/14=71,4% casos de difícil classificação
 ; na coluna de atos de fala, coluna 8
 (1)
 (2)
 (3)
 (4)
 (5)
 (6)
 (7)
 (8 (nil (col8 ?)))
 (9)
 (10)
 (11)
)

Numberofcells: 1800

Applicationvalue(s): IS

Total no. offactors: 80

Group		I	S	Total	%	
----- Conjugação verbal						
1 (2)		I	S			
A	N	1378	441	1819	75.4	primeira
	%	75.8	24.2			
E	N	135	136	271	11.2	segunda
	%	49.8	50.2			
I	N	241	83	324	13.4	terceira
	%	74.4	25.6			
Total	N	1754	660	2414		
	%	72.7	27.3			
----- Saliência fônica						
2 (3)		I	S			
-	N	1612	529	2141	88.7	menos saliente
	%	75.3	24.7			
+	N	142	131	273	11.3	mais saliente
	%	52.0	48.0			
Total	N	1754	660	2414		

				72.7		27.3				
-----				Personagens			(28 fatores, sem			
amalgamações)										
3 (4)		I	S							
L	N	256	66	322	13.3	Cebolinha				
	%	79.5	20.5							
M	N	196	45	241	10.0	Mônica				
	%	81.3	18.7							
?	N	236	122	358	14.8	Coadjuvantes com nome				
	%	65.9	34.1							
*	N	34	18	52	2.2	Coadjuvantes sem nome				
	%	65.4	34.6							
+	N	123	103	226	9.4	Personagens virtuais personagens de outros mundos (Penadinho, Alminha, Dona Morte, Zé Vampir, Cranícola, Frank, Saci-pererê, Curupira, Anjinho, Fada, Anjo-da-guarda, São Pedro)				
	%	54.4	45.6							
G	N	128	45	173	7.2	Magali				
	%	74.0	26.0							
C	N	188	45	233	9.7	Cascão				
	%	80.7	19.3							
!	N	110	65	175	7.2	Animais personagens de outros mundos (Bidu- cachorro, Budu-cachorro, Dinossauro, Mingau-gato, Ministro, Jotalhão- elefante, Horácio-coelho, Leão, mensageiro-Siriema)				
	%	62.9	37.1							
R	N	22	11	33	1.4	Tina				
	%	66.7	33.3							
>	N	14	4	18	0.7	Marina				
	%	77.8	22.2							
J	N	36	28	64	2.7	Franjinha				
	%	56.2	43.8							
D	N	55	15	70	2.9	Dudu				
	%	78.6	21.4							
P	N	28	13	41	1.7	Pré-históricos personagens de outros mundos (Piteco, Cevrnoso, Clung, Gordo, Thuga)				
	%	68.3	31.7							
2	N	13	19	32	1.3	Mães dos personagens principais urbanos				
	%	40.6	59.4							
B	N	132	11	143	5.9	Chico Bento				
	%	92.3	7.7							
@	N	88	4	92	3.8	Personagens rurais diversos (Zé Lelé, vó Dita, vó do Chico, NhoLau (dono das goiabas), Nho Leo (dono das laranjeiras)				
	%	95.7	4.3							
I	N	19	5	24	1.0	Indígenas personagens de outros mundos (Papa-capim, Cavernoso, Cafuné, Pajé, Ubiritã, Igarapé)				
	%	79.2	20.8							

T	N	8	3	11	0.5	Titi
	%	72.7	27.3			
f	N	4	7	11	0.5	Professora do Chico Bento
	%	36.4	63.6			
6	N	11	4	15	0.6	Mães dos personagens urbanos coadjuvantes
	%	73.3	26.7			
A	N	9	9	18	0.7	Astronauta personagem de outros mundos
	%	50.0	50.0			
4	N	3	1	4	0.2	Mãe do Chico Bento
	%	75.0	25.0			
#	N	7	6	13	0.5	Inanimados personagens de outros mundos (flores, pedras, pastéis, computador)
	%	53.8	46.2			
1	N	8	10	18	0.7	Pais dos personagens principais urbanos
	%	44.4	55.6			
r	N	8	0	8	0.3	Rosinha * KnockOut * (namorada do Chico Bento)
	%	100.0	0.0			
3	N	4	0	4	0.2	Pai do Chico Bento * KnockOut *
	%	100.0	0.0			
5	N	3	0	3	0.1	Pais dos personagens * KnockOut * urbanos coadjuvantes
	%	100.0	0.0			
&	N	11	1	12	0.5	Do Contra
	%	91.7	8.3			
Total	N	1754	660	2414		
	%	72.7	27.3			

-----Polaridade da estrutura e contexto pronominal - Tabela 5 - 13 fatores

4 (5)	I	S				
c	N	694	214	908	37.6	sem pronome você/seu/te no contexto
	%	76.4	23.6			(9/13 eram de difícil classificação em atos de fala)
N	N	58	111	169	7.0	não antes do verbo
	%	34.3	65.7			
K	N	4	8	12	0.5	nem antes do verbo
	%	33.3	66.7			
b	N	960	292	1252	51.9	com pronome você no contexto
	%	76.7	23.3			
s	N	30	28	58	2.4	só pronome seu no contexto
	%	51.7	48.3			(1/1 era de difícil classificação em atos de fala)
w	N	4	3	7	0.3	pronome te no contexto
	%	57.1	42.9			
k	N	0	4	4	0.2	nunca antes do verbo
	%	0.0	100.0			* KnockOut *

* N 1 0 1 0.0 morfologia verbal de vós
 % 100.0 0.0 * KnockOut *
 (IA-?M1E0AZ 02. DAI-me forças...[Magali, n. 26, Magali em "A tiara de Cleópatra", p.05 junho./ 2017] Denise

D N 2 0 2 0.1 dupla negação
 % 100.0 0.0 * KnockOut *
 (IA-3DS4C0D8 06. Mais num si percupa com isso, não, seu Crark... PORVEITAsuas férias! Pai Chico[Chico Bento n. 44, Chico Bento em "Esperança" p.12 dez.\2018 (II-PD\$1E0D9 13. Não VAI lá não! Pré-histórico[Chico Bento n. 46, Pitecoem "Não vai lá não " p.21, fev.\2019

P N 1 0 1 0.0 negação pós verbal
 % 100.0 0.0 * KnockOut *
 (IA-LP\$2E0A9 16. FICA assim não! A fada do dente dá outlapla você, quando o seu dente cair. Cebolinha[Cebolinha n. 50, Cebolinha em "De onde vêm as ideias" p.19, Jun.\2019

Total N 1754 660 2414
 % 72.7 27.3

----- Presença/ausência, tipo, pessoa e
 posição do pronome átono em relação ao verbo Tabela
 4 -

5 (6) I S
 \$ N 1307 451 1758 72.8 Com SN depois do verbo
 % 74.3 25.7

(10/13 casos de difícil classificação estavam aqui)

0 N 169 42 211 8.7 Sem qualquer elemento
 % 80.1 19.9 depois do verbo

* N 57 7 64 2.7 comigo
 % 89.1 10.9

S N 17 30 47 1.9 se antes do verbo
 % 36.2 63.8

3 N 19 7 26 1.1 ele depois do verbo
 % 73.1 26.9

P N 80 48 128 5.3 me antes do verbo
 % 62.5 37.5

@ N 0 1 1 0.0 pronome o depois do verbo
 % 0.0 100.0 * KnockOut *

(SA-+c@2@0DZ 43. Lá está ele! PEGUE-o! [Monica, n. 21, Turma do Penadinho em "Um velho crânio encardido", p. 66, jan./ 2017] Penadinho

I N 18 12 30 1.2 pronome isso/aquilo
 % 60.0 40.0 depois do verbo
 (0/1 caso de difícil classificação estava aqui)

E N 0 38 38 1.6 pronome se depois do verbo
 % 0.0 100.0 * KnockOut *

M N 1 16 17 0.7 pronome me depois do verbo
 % 5.9 94.1 (com o caso de vós Dai-me forças...)

(IA-?*M1E0AZ 02. DAI-me forças...[Magali, n. 26, Magali em "A tiara de Cleópatra", p.05 junho./ 2017]Denise

1	N	86	4	90	3.7	pronome eu depois do verbo
	%	95.6	4.4			
2	N	0	3	3	0.1	pronome você depois do verbo
	%	0.0	100.0			* KnockOut *
(SE+Lb21C0AZ 37. SEJA você mesmo!						
[Cebolinha, n. 25, Cebolinha em "Seja você mesmo, p.51 maio./ 2017]						
Cebolinha						
(SE+Lb21C0AZ 38. SEJA você mesma!						
[Cebolinha, n. 25, Cebolinha em "Seja você mesmo, p.52 maio./ 2017]						
Cebolinha						
(SE+Lb21C0AZ 39. SEJA você mesma!						
[Cebolinha, n. 25, Cebolinha em "Seja você mesmo, p.52 maio./ 2017]						
Cebolinha						
	N	0	1	1	0.0	nos depois do verbo
	%	0.0	100.0			* KnockOut *
(SE+?bN2PdA9 25. DIGA-NOS, Mônica! Como conseguiu essa proeza?						
Repórter [Monica, n. 48, Monica em "Nome da arte" p. 47, abril.\2019						

Total	N	1754	660	2414
	%	72.7	27.3	

----- Número de sílabas do verbo na forma infinitiva

6 (7)		I	S			
2	N	1107	354	1461	60.5	dissílabo
	%	75.8	24.2			
1	N	246	84	330	13.7	monossílabo
	%	74.5	25.5			
3	N	348	188	536	22.2	trissílabo
	%	64.9	35.1			
4	N	53	34	87	3.6	polissílabo
	%	60.9	39.1			
Total	N	1754	660	2414		
	%	72.7	27.3			

----- Atos de fala

7 (8)		I	S			
P	N	141	38	179	7.4	pedido/solicitação não marcado
	%	78.8	21.2			
Z	N	477	90	567	23.5	comentário/observação não marcado
	%	84.1	15.9			
C	N	119	50	169	7.0	conselho/sugestão não marcado
	%	70.4	29.6			
O	N	115	43	158	6.5	ordem não marcado
	%	72.8	27.2			
I	N	52	21	73	3.0	pedido atenuado/solicitação marca de assimetria marcado
	%	71.2	28.8			
T	N	16	36	52	2.2	instrução não marcado
	%	30.8	69.2			

R	N	40	26	66	2.7	repreensão marcado
	%	60.6	39.4			
E	N	605	207	812	33.6	sugestão com marca de assimetria marcado
	%	74.5	25.5			
@	N	130	120	250	10.4	ordem reforçada/ordem rude marcado
	%	52.0	48.0			
S	N	43	27	70	2.9	súplica humilde marcado
	%	61.4	38.6			
A	N	16	2	18	0.7	aviso não marcado
	%	88.9	11.1			
Total	N	1754	660	2414		
	%	72.7	27.3			
-----						Ausência/presença e localiza-ção do
vocativo em relação ao verbo						
8 (9)		I	S			
0	N	1242	456	1698	70.3	ausência
	%	73.1	26.9			
d	N	357	110	467	19.3	depois do verbo
	%	76.4	23.6			
a	N	141	85	226	9.4	antes do verbo
	%	62.4	37.6			
*	N	14	9	23	1.0	casos como "ei" antes do verbo
	%	60.9	39.1			
Total	N	1754	660	2414		
	%	72.7	27.3			
-----						Presença/ausência de dêiticos
9 (10)		I	S			
A	N	1449	565	2014	83.4	ausência
	%	71.9	28.1			
D	N	305	95	400	16.6	presença
	%	76.2	23.8			
Total	N	1754	660	2414		
	%	72.7	27.3			
-----						Ano de publicação
10 (11)		I	S			
Z	N	722	295	1017	42.1	2017
	%	71.0	29.0			
8	N	373	146	519	21.5	2018
	%	71.9	28.1			
9	N	659	219	878	36.4	2019
	%	75.1	24.9			
Total	N	1754	660	2414		
	%	72.7	27.3			

TOTAL	N	1754	660	2414		Tabela 1 - todos os casos analisados

% 72.7 27.3

ANEXO II – RODADA COM PESOS RELATIVOS

Rodadas de pesos relativos de dados da Turma da Mônica de 2017, 2018 e 2019 da pesquisa de Ednaildes Bispo da Conceição, para compor as tabelas 2, 4, 6, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13

• GROUPS & FACTORS • 16/11/2021 21:25:36

Group	Default	Factors
1	S	SIGBV1CPF?R
2	A	AEI
3	-	-+
4	L	LM?*I+GC!R>JDP2BT@f6A4#1r35&
5	c	cNbKaswk*uDP
6	\$	\$021*S3IP@E4MNDX
7	2	2314
8	P	PZCO@ITRES?A
9	0	0da*
10	A	AD
11	Z	Z89

• CELL CREATION • 16/11/2021 21:29:33

Nameof token file: TM201720182019MESTRADONANA (revisadoNana.01.10.2021).tkn
 Nameofcondition file: RESULTADODEFESAMESTRADO.EDNAILDESBISPO.16.11.2021.cnd

(
 ; Identityrecode: Allgroupsincluded as is.

(1)
 (2)
 (3)
 (4 (@ (col 4 @))
 (@ (col 4 r))
 (6 (col 4 6))
 (6 (col 4 5))
 (? (col4 ?))
 (? (col 4 R))
 (? (col 4 >))
 (D (col 4 D))
 (J (col 4 J))
 (A (col 4 A))
 (T (col 4 T))
 (& (col 4 &))
 (2 (col 4 2))
 (2 (col 4 1))
 (4 (col 4 4))
 (4 (col 4 3)))
 (5 (nil (col 5 k))
 (nil (col 5 *))
 (nil (col 5 D))
 (nil (col 5 P)))
 (6 (nil (col 6 2))
 (nil (col 6 4))
 (nil (col 6 M))
 (nil (col 6 N))
 (nil (col 6 E))
 (nil (col 6 @))
 (\$ (col 6 \$))
 (\$ (col 6 D))

```

($ (col 6 I))

(7)
(8 (nil (col8 ?)))
(9)
(10)
(11)
)
Run # 48, 1350 cells:
ConvergenceatIteration 8
Input 0.803
Group # 2 -- -: 0.537, +: 0.238
Group # 3 -- L: 0.585, M: 0.602, ?: 0.395, *: 0.292, +: 0.254, G: 0.518, C:
0.582, !: 0.333, J: 0.307, D: 0.622, P: 0.319, 2: 0.223, B: 0.774, @: 0.905,
I: 0.384, T: 0.713, f: 0.179, 6: 0.527, A: 0.199, 4: 0.826, #: 0.360, &:
0.669
Group # 4 -- c: 0.556, N: 0.151, K: 0.068, b: 0.538, s: 0.267, w: 0.345
Group # 5 -- $: 0.477, 0: 0.605, *: 0.710, S: 0.267, 3: 0.540, P: 0.385, 1:
0.788
Group # 6 -- 2: 0.522, 1: 0.566, 3: 0.412, 4: 0.413
Group # 7 -- P: 0.571, Z: 0.639, C: 0.516, O: 0.455, I: 0.503, T: 0.145, R:
0.439, E: 0.503, @: 0.272, S: 0.365, A: 0.641
Group # 8 -- 0: 0.497, d: 0.560, a: 0.412, *: 0.369
Log likelihood = -1042.495 Significance = 0.032

```

```

Groupssselectedwhilesteppingup: 4 2 3 5 7 6 8
Best steppinguprun: #48

```

```

Numberofcells: 1714
Applicationvalue(s): IS
Total no. offactors: 64

```

```

Group      I      S      Total      %

```

```

-----CONJUGAÇÃO VERBAL/NÃO SELECIONADA
Tabela 15 - três fatores

```

```

Group # 1 -- A: 0.513, E: 0.399, I: 0.513

```

1 (2)		I	S	Total	%		
A	N	1375	392	1767	75.3	PRIMEIRA	[0.513]
	%	77.8	22.2				
E	N	135	127	262	11.2	SEGUNDA	[0.399]
	%	51.5	48.5				
I	N	240	79	319	13.6	TERCEIRA	[0.513]
	%	75.2	24.8				
Total	N	1750	598	2348			
	%	74.5	25.5				

```

-----SALIÊNCIA FÔNICA: SEGUNDA SELECIONADA
Tabela 7 - dois fatores

```

```

Group # 2 -- -: 0.537, +: 0.238

```

2 (3)		I	S	Total	%		
-	N	1608	475	2083	88.7	MENOS SALIENTE	0.537
	%	77.2	22.8				
+	N	142	123	265	11.3	MAIS SALIENTE	0.238
	%	53.6	46.4				

Total N 1750 598 2348
% 74.5 25.5

-----PERSONAGENS: TERCEIRA SELECIONADA

Tabela 8 - 22 fatores

Group # 3 -- L: 0.585, M: 0.602, ?: 0.395, *: 0.292, +: 0.254, G: 0.518, C: 0.582, !: 0.333, J: 0.307, D: 0.622, P: 0.319, 2: 0.223, B: 0.774, @: 0.905, I: 0.384, T: 0.713, f: 0.179, 6: 0.527, A: 0.199, 4: 0.826, #: 0.360, &: 0.669

3 (4)		I	S					
L	N	255	57	312	13.3	CEBOLINHA	0.585	
	%	81.7	18.3					
M	N	196	44	240	10.2	MÔNICA	0.602	
	%	81.7	18.3					
?	N	271	122	393	16.7	COADJUVANTES	0.395	
	%	69.0	31.0			Com nome		
*	N	34	17	51	2.2	COADJUVANTES	0.292	
	%	66.7	33.3			Sem nome		
+	N	123	96	219	9.3	VIRTUAIS	0.254	
	%	56.2	43.8			Personagens de outros mundos		
G	N	128	41	169	7.2	MAGALI	0.518	
	%	75.7	24.3					
C	N	188	42	230	9.8	CASCÃO	0.582	
	%	81.7	18.3					
!	N	110	57	167	7.1	ANIMAIS	0.333	
	%	65.9	34.1			Personagens de outros mundos		
J	N	36	22	58	2.5	FRANJINHA	0.307	
	%	62.1	37.9			Personagens de outros mundos (cientista)		
D	N	55	13	68	2.9	DUDU	0.622	
	%	80.9	19.1			Amigo mais presente		
P	N	27	13	40	1.7	PRÉ-HISTÓRICOS	0.319	
	%	67.5	32.5			Personagens de outros mundos		
2	N	21	27	48	2.0	PAIS/MÃES	0.223	
	%	43.8	56.2			DOS PERSONAGENS PRINCIPAIS URBANOS		
B	N	132	11	143	6.1	CHICOBENTO	0.774	
	%	92.3	7.7					
@	N	96	4	100	4.3	Rosinha, Zé Lelé, NhaLau ...	0.905	
	%	96.0	4.0			Võ Dita, Vó do Chico, Nho Leo		
						Outros personagens da área rural		
I	N	19	5	24	1.0	INDÍGENAS	0.384	
	%	79.2	20.8			Personagens de outros mundos		
T	N	8	1	9	0.4	TITI	0.713	
	%	88.9	11.1			Amigo mais presente		
f	N	4	7	11	0.5	PROFESSORA DO CHICO BENTO	0.179	

	%	36.4	63.6			
6	N	14	4	18	0.8 PAIS/MÃES DOS PERSONAGENS	0.57
	%	77.8	22.2		URBANOS COADJUVANTES	
A	N	9	8	17	0.7 ASTRONAUTA	0.199
	%	52.9	47.1		Personagem de outros mundos	
4	N	6	1	7	0.3 PAI/MÃE DO CHICO BENTO	0.826
	%	85.7	14.3			
#	N	7	5	12	0.5 INANIMADOS	0.360
	%	58.3	41.7		Personagens de outros mundos	
&	N	11	1	12	0.5 DO CONTRA	0.669
	%	91.7	8.3		Amigo mais presente	
Total	N	1750	598	2348		
	%	74.5	25.5			

----- POLARIDADE DA ESTRUTURA E CONTEXTO
 PRONOMINAL: PRIMEIRA SELECIONADA - Tabela 4- seis fatores
 Group # 4 -- c: 0.556, N: 0.151, K: 0.068, b: 0.538, s: 0.267, w: 0.345

4 (5)	I	S				
c	N	694	195	889	37.9 SEM "VOCÊ" NO CONTEXTO	0.556
	%	78.1	21.9			
N	N	58	111	169	7.2 NEGAÇÃO PRÉ-VERBAL	0.151
	%	34.3	65.7			
K	N	4	8	12	0.5 "NEM" NO CONTEXTO	0.068
	%	33.3	66.7			
b	N	960	255	1215	51.7 COM "VOCÊ" NO CONTEXTO	0.538
	%	79.0	21.0			
s	N	30	27	57	2.4 "VOCÊ" INDIRETAMENTE	0.267
	%	52.6	47.4		(SEU) NO CONTEXTO	
w	N	4	2	6	0.3 PRONOME TE NO CONTEXTO	0.345
	%	66.7	33.3			
Total	N	1750	598	2348		
	%	74.5	25.5			

----- PRESENÇA/AUSÊNCIA, TIPO, PESSOA E
 POSIÇÃO DO CLÍTICO EM RELAÇÃO AO VERBO: QUARTA SELECIONADA - Tabela 6 - sete
 fatores
 Group # 5 -- \$: 0.477, 0: 0.605, *: 0.710, S: 0.267, 3: 0.540, P: 0.385, 1:
 0.788

5 (6)	I	S				
\$	N	1323	460	1783	75.9 COM PRESENÇA OU VERBAL	0.477
	%	74.2	25.8		DE SINTAGMA NOMINAL	
0	N	169	42	211	9.0 SEM SINTAGMA	0.605
	%	80.1	19.9		DEPOIS DO VERBO	
*	N	57	7	64	2.7 PRONOME "COMIGO"	0.710
	%	89.1	10.9		DEPOIS DO VERBO	
S	N	16	30	46	2.0 PRONOME SE ANTES DO VERBO	0.267

	%	34.8	65.2			
3	N	19	7	26	1.1 PRONOME "ELE"	0.540
	%	73.1	26.9		DEPOIS DO VERBO	
P	N	80	48	128	5.5 PRONOME ME ANTES DO VERBO	0.385
	%	62.5	37.5			
1	N	86	4	90	3.8 PRONOME "EU"	0.788
	%	95.6	4.4		DEPOIS DO VERBO	
Total	N	1750	598	2348		
	%	74.5	25.5			

----- NÚMERO DE SÍLABAS DO VERBO NA FORMA
 INFINITIVA: SEXTA SELECIONADA - Tabela 8 - quatro fatores
 Group # 6 -- 2: 0.522, 1: 0.566, 3: 0.412, 4: 0.413

6 (7)		I	S			
2	N	1106	321	1427	60.8 DISSÍLABOS	0.522
	%	77.5	22.5			
1	N	244	80	324	13.8 MONOSSÍLABOS	0.566
	%	75.3	24.7			
3	N	348	164	512	21.8 TRISSÍLABOS	0.412
	%	68.0	32.0			
4	N	52	33	85	3.6 POLISSÍLABOS	0.413
	%	61.2	38.8			
Total	N	1750	598	2348		
	%	74.5	25.5			

----- ATOS DE FALA (FARACO, 1986): QUINTA
 SELECIONADA - Tabela 5 - 11 fatores
 Group # 7 -- P: 0.571, Z: 0.639, C: 0.516, O: 0.455, I: 0.503, T: 0.145, R:
 0.439, E: 0.503, @: 0.272,
 S: 0.365, A: 0.641

7 (8)		I	S			
P	N	141	36	177	7.5 PEDIDO/SOLICITAÇÃO	0.571
	%	79.7	20.3		(NÃO MARCADO)	
Z	N	477	87	564	24.0 COMENTÁRIO/OBSERVAÇÃO	0.639
	%	84.6	15.4		(NÃO MARCADO)	
C	N	118	44	162	6.9 CONSELHO/SUGESTÃO	0.516
	%	72.8	27.2		(NÃO MARCADO)	
O	N	115	41	156	6.6 ORDEM	0.455
	%	73.7	26.3		(NÃO MARCADO)	
I	N	52	18	70	3.0 SOLICITAÇÃO COM	0.503
	%	74.3	25.7		MARCA DE ASSIMETRIA	
					(MARCADO)	
T	N	16	35	51	2.2 INSTRUÇÃO	0.145
	%	31.4	68.6		(NÃO MARCADO)	
R	N	40	25	65	2.8 REPREENSÃO	0.439
	%	61.5	38.5		(MARCADO)	

E	N	602	181	783	33.3	SUGESTÃO COM	0.503
	%	76.9	23.1			MARCA DE ASSIMETRIA (MARCADO)	
@	N	130	107	237	10.1	ORDEM RUDE	0.272
	%	54.9	45.1			(MARCADO)	
S	N	43	22	65	2.8	SÚPLICA HUMILDE	0.365
	%	66.2	33.8			(MARCADO)	
A	N	16	2	18	0.8	AVISO	0.641
	%	88.9	11.1			(NÃO MARCADO)	
Total	N	1750	598	2348			
	%	74.5	25.5				

-----AUSÊNCIA, PRESENÇA E POSIÇÃO DO
 VOCATIVO - OITAVA SELECIONADA - Tabela 9 - quatro fatores
 Group # 8 -- 0: 0.497, d: 0.560, a: 0.412, *: 0.369

8 (9)	I	S					
0	N	1238	412	1650	70.3	AUSÊNCIA	0.497
	%	75.0	25.0				
d	N	357	100	457	19.5	DEPOIS DO VERBO	0.560
	%	78.1	21.9				
a	N	141	78	219	9.3	ANTES DO VERBO	0.412
	%	64.4	35.6				
*	N	14	8	22	0.9	CASOS COMO "EI"	0.369
	%	63.6	36.4				
Total	N	1750	598	2348			
	%	74.5	25.5				

-----PRESENÇA, AUSÊNCIA DE DÊITICOS: NÃO
 SELECIONADA - Tabela 12 - dois fatores
 Group # 9 -- A: 0.490, D: 0.551

9 (10)	I	S					
A	N	1447	510	1957	83.3	AUSÊNCIA	[0.490]
	%	73.9	26.1				
D	N	303	88	391	16.7	PRESENÇA	[0.551]
	%	77.5	22.5				
Total	N	1750	598	2348			
	%	74.5	25.5				

-----ANO DE PUBLICAÇÃO: NÃO SELECIONADA -
 Tabela 15 - três fatores
 Group #10 -- Z: 0.492, 8: 0.475, 9: 0.524

10 (11)	I	S					
Z	N	721	271	992	42.2	2017	[0.492]
	%	72.7	27.3				
8	N	372	130	502	21.4	2018	[0.475]
	%	74.1	25.9				
9	N	657	197	854	36.4	2019	[0.524]
	%	76.9	23.1				

Total N	1750	598	2348
%	74.5	25.5	

TOTAL N	1750	598	2348
%	74.5	25.5	

Tabela 2 - Casos com variação

Nameof new cell file:

RESULTADODEFESAMESTRADO.EDNAILDESBISPO.16.11.2021.cel

•

BINOMIAL

VARBRUL

•

16/11/202121:30:02.....

Nameofcell file: RESULTADODEFESAMESTRADO.EDNAILDESBISPO.16.11.2021.cel

Averagingbyweightingfactors.

Threshold, step-up/down: 0.050001

Steppingup...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:

ConvergenceatIteration 2

Input 0.745

Log likelihood = -1332.311

----- Level # 1 -----

Run # 2, 3 cells:

ConvergenceatIteration 5

Input 0.751

Group # 1 -- A: 0.538, E: 0.261, I: 0.502

Log likelihood = -1295.194 Significance = 0.000

Run # 3, 2 cells:

ConvergenceatIteration 5

Input 0.750

Group # 2 -- -: 0.530, +: 0.278

Log likelihood = -1301.350 Significance = 0.000

Run # 4, 22 cells:

ConvergenceatIteration 6

Input 0.768

Group # 3 -- L: 0.575, M: 0.574, ?: 0.402, *: 0.377, +: 0.279, G: 0.486, C: 0.575, !: 0.369, J: 0.331, D: 0.561, P: 0.386, 2: 0.191, B: 0.784, @: 0.879, I: 0.535, T: 0.708, f: 0.147, 6: 0.514, A: 0.254, 4: 0.645, #: 0.298, &: 0.769

Log likelihood = -1242.626 Significance = 0.000

Run # 5, 6 cells:

ConvergenceatIteration 5

Input 0.754

Group # 4 -- c: 0.537, N: 0.146, K: 0.140, b: 0.551, s: 0.266, w: 0.395

Log likelihood = -1251.522 Significance = 0.000

Run # 6, 7 cells:

ConvergenceatIteration 6

Input 0.756

Group # 5 -- \$: 0.482, 0: 0.566, *: 0.725, s: 0.147, 3: 0.468, P: 0.350, 1: 0.874

Log likelihood = -1291.306 Significance = 0.000

Run # 7, 4 cells:

ConvergenceatIteration 4

Input 0.748

Group # 6 -- 2: 0.538, 1: 0.507, 3: 0.418, 4: 0.348

Log likelihood = -1319.675 Significance = 0.000

Run # 8, 11 cells:

ConvergenceatIteration 5

Input 0.756

Group # 7 -- P: 0.558, Z: 0.639, C: 0.464, O: 0.475, I: 0.483, T: 0.129, R: 0.341, E: 0.518, @: 0.282, S: 0.387, A: 0.721

Log likelihood = -1265.851 Significance = 0.000

Run # 9, 4 cells:

ConvergenceatIteration 4

Input 0.747

Group # 8 -- 0: 0.505, d: 0.548, a: 0.380, *: 0.373

Log likelihood = -1324.444 Significance = 0.002

Run # 10, 2 cells:

ConvergenceatIteration 4

Input 0.746

Group # 9 -- A: 0.492, D: 0.540

Log likelihood = -1331.203 Significance = 0.146

Run # 11, 3 cells:

ConvergenceatIteration 4

Input 0.746

Group #10 -- Z: 0.476, 8: 0.494, 9: 0.532

Log likelihood = -1330.081 Significance = 0.111

AddGroup # 4 withfactorscNKbsw

----- Level # 2 -----

Run # 12, 18 cells:

ConvergenceatIteration 5

Input 0.758

Group # 1 -- A: 0.535, E: 0.279, I: 0.501

Group # 4 -- c: 0.537, N: 0.159, K: 0.135, b: 0.549, s: 0.248, w: 0.415

Log likelihood = -1223.612 Significance = 0.000

Run # 13, 12 cells:

ConvergenceatIteration 5

Input 0.758

Group # 2 -- -: 0.529, +: 0.285

Group # 4 -- c: 0.538, N: 0.153, K: 0.132, b: 0.549, s: 0.243, w: 0.407

Log likelihood = -1225.370 Significance = 0.000

Run # 14, 86 cells:

ConvergenceatIteration 7

Input 0.778

Group # 3 -- L: 0.591, M: 0.579, ?: 0.396, *: 0.349, +: 0.258, G: 0.512, C: 0.573, !: 0.353, J: 0.313, D: 0.585, P: 0.390, 2: 0.185, B: 0.789, @: 0.881, I: 0.477, T: 0.768, f: 0.132, 6: 0.517, A: 0.241, 4: 0.823, #: 0.355, &: 0.712

Group # 4 -- c: 0.535, N: 0.128, K: 0.096, b: 0.559, s: 0.267, w: 0.382

Log likelihood = -1158.033 Significance = 0.000

Run # 15, 30 cells:

ConvergenceatIteration 6

Input 0.761

Group # 4 -- c: 0.535, N: 0.168, K: 0.158, b: 0.546, s: 0.284, w: 0.358

Group # 5 -- \$: 0.476, 0: 0.567, *: 0.699, S: 0.270, 3: 0.453, P: 0.407, 1: 0.852

Log likelihood = -1230.549 Significance = 0.000

Run # 16, 22 cells:

ConvergenceatIteration 5

Input 0.756

Group # 4 -- c: 0.538, N: 0.147, K: 0.133, b: 0.550, s: 0.273, w: 0.412

Group # 6 -- 2: 0.538, 1: 0.494, 3: 0.413, 4: 0.421

Log likelihood = -1241.787 Significance = 0.000

Run # 17, 49 cells:

ConvergenceatIteration 6

Input 0.766

Group # 4 -- c: 0.558, N: 0.135, K: 0.103, b: 0.539, s: 0.277, w: 0.377

Group # 7 -- P: 0.534, Z: 0.630, C: 0.509, O: 0.440, I: 0.460, T: 0.104, R: 0.433, E: 0.530, @: 0.262, S: 0.421, A: 0.717

Log likelihood = -1183.045 Significance = 0.000

Run # 18, 19 cells:

ConvergenceatIteration 5

Input 0.756

Group # 4 -- c: 0.542, N: 0.145, K: 0.136, b: 0.548, s: 0.269, w: 0.375

Group # 8 -- 0: 0.502, d: 0.556, a: 0.387, *: 0.341

Log likelihood = -1244.087 Significance = 0.004

Run # 19, 11 cells:

ConvergenceatIteration 5

Input 0.754

Group # 4 -- c: 0.536, N: 0.146, K: 0.143, b: 0.552, s: 0.267, w: 0.395

Group # 9 -- A: 0.495, D: 0.524

Log likelihood = -1251.157 Significance = 0.411

Run # 20, 14 cells:

ConvergenceatIteration 10

Input 0.755

Group # 4 -- c: 0.560, N: 0.143, K: 0.156, b: 0.534, s: 0.266, w: 0.424

Group #10 -- Z: 0.468, 8: 0.487, 9: 0.545

Log likelihood = -1248.727 Significance = 0.065

AddGroup # 2 withfactors -+

----- Level # 3 -----

Run # 21, 26 cells:

ConvergenceatIteration 11

Input 0.759

Group # 1 -- A: 0.517, E: 0.354, I: 0.529

Group # 2 -- -: 0.518, +: 0.363

Group # 4 -- c: 0.540, N: 0.158, K: 0.129, b: 0.547, s: 0.242, w: 0.410

Log likelihood = -1218.473 Significance = 0.001

Run # 22, 128 cells:

ConvergenceatIteration 7

Input 0.783

Group # 2 -- -: 0.532, +: 0.270
 Group # 3 -- L: 0.593, M: 0.574, ?: 0.395, *: 0.330, +: 0.256, G: 0.513, C: 0.571, !: 0.363, J: 0.309, D: 0.602, P: 0.379, 2: 0.183, B: 0.784, @: 0.897, I: 0.468, T: 0.770, f: 0.125, 6: 0.503, A: 0.226, 4: 0.821, #: 0.319, &: 0.681
 Group # 4 -- c: 0.536, N: 0.135, K: 0.090, b: 0.557, s: 0.240, w: 0.397
 Log likelihood = -1130.978 Significance = 0.000

Run # 23, 47 cells:
 ConvergenceatIteration 5
 Input 0.765
 Group # 2 -- -: 0.530, +: 0.281
 Group # 4 -- c: 0.536, N: 0.178, K: 0.149, b: 0.544, s: 0.260, w: 0.377
 Group # 5 -- \$: 0.475, 0: 0.585, *: 0.728, S: 0.253, 3: 0.454, P: 0.411, 1: 0.833
 Log likelihood = -1203.966 Significance = 0.000

Run # 24, 35 cells:
 ConvergenceatIteration 7
 Input 0.761
 Group # 2 -- -: 0.535, +: 0.252
 Group # 4 -- c: 0.540, N: 0.160, K: 0.113, b: 0.547, s: 0.248, w: 0.415
 Group # 6 -- 2: 0.529, 1: 0.580, 3: 0.388, 4: 0.389
 Log likelihood = -1210.139 Significance = 0.000

Run # 25, 76 cells:
 ConvergenceatIteration 6
 Input 0.769
 Group # 2 -- -: 0.528, +: 0.291
 Group # 4 -- c: 0.559, N: 0.140, K: 0.098, b: 0.538, s: 0.254, w: 0.387
 Group # 7 -- P: 0.529, Z: 0.623, C: 0.511, O: 0.454, I: 0.461, T: 0.104, R: 0.462, E: 0.533, @: 0.262, S: 0.412, A: 0.689
 Log likelihood = -1160.366 Significance = 0.000

Run # 26, 31 cells:
 ConvergenceatIteration 5
 Input 0.760
 Group # 2 -- -: 0.530, +: 0.283
 Group # 4 -- c: 0.544, N: 0.153, K: 0.128, b: 0.546, s: 0.246, w: 0.387
 Group # 8 -- 0: 0.503, d: 0.556, a: 0.386, *: 0.310
 Log likelihood = -1217.535 Significance = 0.002

Run # 27, 20 cells:
 ConvergenceatIteration 5
 Input 0.758
 Group # 2 -- -: 0.529, +: 0.284
 Group # 4 -- c: 0.537, N: 0.154, K: 0.135, b: 0.550, s: 0.244, w: 0.407
 Group # 9 -- A: 0.494, D: 0.531
 Log likelihood = -1224.761 Significance = 0.275

Run # 28, 25 cells:
 ConvergenceatIteration 10
 Input 0.759
 Group # 2 -- -: 0.530, +: 0.282
 Group # 4 -- c: 0.559, N: 0.150, K: 0.145, b: 0.535, s: 0.241, w: 0.435
 Group #10 -- Z: 0.470, 8: 0.477, 9: 0.548
 Log likelihood = -1222.055 Significance = 0.040

AddGroup # 3 withfactorsLM?*+GC!JDP2B@ITf6A4#&

----- Level # 4 -----

Run # 29, 232 cells:

ConvergenceatIteration 12

Input 0.783

Group # 1 -- A: 0.520, E: 0.346, I: 0.520

Group # 2 -- -: 0.519, +: 0.353

Group # 3 -- L: 0.595, M: 0.572, ?: 0.396, *: 0.322, +: 0.254, G: 0.513, C: 0.572, !: 0.358, J: 0.305, D: 0.604, P: 0.390, 2: 0.181, B: 0.783, @: 0.895, I: 0.486, T: 0.774, f: 0.157, 6: 0.502, A: 0.222, 4: 0.807, #: 0.320, &: 0.708

Group # 4 -- c: 0.537, N: 0.140, K: 0.089, b: 0.555, s: 0.239, w: 0.402

Log likelihood = -1124.570 Significance = 0.003

Run # 30, 325 cells:

ConvergenceatIteration 7

Input 0.790

Group # 2 -- -: 0.532, +: 0.266

Group # 3 -- L: 0.597, M: 0.583, ?: 0.394, *: 0.319, +: 0.249, G: 0.517, C: 0.581, !: 0.365, J: 0.299, D: 0.602, P: 0.359, 2: 0.183, B: 0.774, @: 0.897, I: 0.448, T: 0.772, f: 0.127, 6: 0.515, A: 0.224, 4: 0.858, #: 0.327, &: 0.649

Group # 4 -- c: 0.535, N: 0.159, K: 0.103, b: 0.551, s: 0.256, w: 0.368

Group # 5 -- \$: 0.477, 0: 0.567, *: 0.751, S: 0.253, 3: 0.496, P: 0.376, 1: 0.847

Log likelihood = -1108.814 Significance = 0.000

Run # 31, 303 cells:

ConvergenceatIteration 8

Input 0.786

Group # 2 -- -: 0.538, +: 0.235

Group # 3 -- L: 0.591, M: 0.576, ?: 0.395, *: 0.312, +: 0.257, G: 0.505, C: 0.575, !: 0.366, J: 0.305, D: 0.606, P: 0.354, 2: 0.187, B: 0.788, @: 0.898, I: 0.436, T: 0.801, f: 0.145, 6: 0.503, A: 0.225, 4: 0.828, #: 0.312, &: 0.698

Group # 4 -- c: 0.538, N: 0.141, K: 0.075, b: 0.554, s: 0.247, w: 0.392

Group # 6 -- 2: 0.529, 1: 0.586, 3: 0.384, 4: 0.389

Log likelihood = -1116.330 Significance = 0.000

Run # 32, 498 cells:

ConvergenceatIteration 8

Input 0.794

Group # 2 -- -: 0.531, +: 0.271

Group # 3 -- L: 0.588, M: 0.584, ?: 0.401, *: 0.321, +: 0.257, G: 0.520, C: 0.569, !: 0.334, J: 0.326, D: 0.607, P: 0.345, 2: 0.204, B: 0.783, @: 0.908, I: 0.403, T: 0.698, f: 0.148, 6: 0.507, A: 0.197, 4: 0.760, #: 0.335, &: 0.681

Group # 4 -- c: 0.556, N: 0.126, K: 0.070, b: 0.546, s: 0.249, w: 0.379

Group # 7 -- P: 0.536, Z: 0.648, C: 0.497, O: 0.483, I: 0.481, T: 0.124, R: 0.447, E: 0.511, @: 0.271, S: 0.325, A: 0.615

Log likelihood = -1073.279 Significance = 0.000

Run # 33, 285 cells:

ConvergenceatIteration 8

Input 0.785

Group # 2 -- -: 0.532, +: 0.267

Group # 3 -- L: 0.586, M: 0.584, ?: 0.393, *: 0.320, +: 0.257, G: 0.513, C: 0.575, !: 0.358, J: 0.299, D: 0.609, P: 0.382, 2: 0.189, B: 0.786, @: 0.896, I: 0.477, T: 0.761, f: 0.135, 6: 0.512, A: 0.222, 4: 0.843, #: 0.325, &: 0.670

Group # 4 -- c: 0.542, N: 0.135, K: 0.084, b: 0.553, s: 0.245, w: 0.378

Group # 8 -- 0: 0.509, d: 0.542, a: 0.369, *: 0.336

Log likelihood = -1123.579 Significance = 0.004

Run # 34, 194 cells:

ConvergenceatIteration 7

Input 0.783

Group # 2 -- -: 0.532, +: 0.270

Group # 3 -- L: 0.592, M: 0.574, ?: 0.396, *: 0.330, +: 0.257, G: 0.513, C: 0.571, !: 0.363, J: 0.309, D: 0.602, P: 0.380, 2: 0.184, B: 0.784, @: 0.896, I: 0.470, T: 0.772, f: 0.127, 6: 0.503, A: 0.225, 4: 0.820, #: 0.322, &: 0.682

Group # 4 -- c: 0.535, N: 0.136, K: 0.091, b: 0.558, s: 0.241, w: 0.395

Group # 9 -- A: 0.497, D: 0.517

Log likelihood = -1130.825 Significance = 0.597

Run # 35, 234 cells:

ConvergenceatIteration 11

Input 0.784

Group # 2 -- -: 0.532, +: 0.267

Group # 3 -- L: 0.594, M: 0.574, ?: 0.394, *: 0.340, +: 0.256, G: 0.509, C: 0.575, !: 0.361, J: 0.307, D: 0.602, P: 0.380, 2: 0.182, B: 0.787, @: 0.898, I: 0.441, T: 0.775, f: 0.136, 6: 0.507, A: 0.210, 4: 0.811, #: 0.341, &: 0.648

Group # 4 -- c: 0.562, N: 0.132, K: 0.102, b: 0.539, s: 0.240, w: 0.432

Group #10 -- Z: 0.463, 8: 0.482, 9: 0.553

Log likelihood = -1127.539 Significance = 0.035

AddGroup # 5 withfactors \$0*S3P1

----- Level # 5 -----

Run # 36, 454 cells:

ConvergenceatIteration 12

Input 0.791

Group # 1 -- A: 0.519, E: 0.366, I: 0.507

Group # 2 -- -: 0.521, +: 0.342

Group # 3 -- L: 0.599, M: 0.581, ?: 0.395, *: 0.313, +: 0.247, G: 0.516, C: 0.581, !: 0.361, J: 0.296, D: 0.603, P: 0.371, 2: 0.181, B: 0.774, @: 0.897, I: 0.463, T: 0.773, f: 0.156, 6: 0.514, A: 0.223, 4: 0.849, #: 0.323, &: 0.674

Group # 4 -- c: 0.535, N: 0.164, K: 0.104, b: 0.549, s: 0.255, w: 0.376

Group # 5 -- \$: 0.479, 0: 0.561, *: 0.728, S: 0.258, 3: 0.498, P: 0.374, 1: 0.844

Log likelihood = -1104.382 Significance = 0.012

Run # 37, 555 cells:

ConvergenceatIteration 8

Input 0.793

Group # 2 -- -: 0.537, +: 0.236

Group # 3 -- L: 0.597, M: 0.583, ?: 0.393, *: 0.305, +: 0.252, G: 0.511, C: 0.584, !: 0.366, J: 0.294, D: 0.605, P: 0.343, 2: 0.188, B: 0.777, @: 0.899, I: 0.424, T: 0.797, f: 0.144, 6: 0.510, A: 0.223, 4: 0.855, #: 0.318, &: 0.669

Group # 4 -- c: 0.537, N: 0.159, K: 0.088, b: 0.549, s: 0.263, w: 0.364

Group # 5 -- \$: 0.476, 0: 0.579, *: 0.717, S: 0.293, 3: 0.484, P: 0.387, 1: 0.833

Group # 6 -- 2: 0.522, 1: 0.579, 3: 0.401, 4: 0.425

Log likelihood = -1098.883 Significance = 0.000

Run # 38, 786 cells:

ConvergenceatIteration 8

Input 0.801

Group # 2 -- -: 0.532, +: 0.266
 Group # 3 -- L: 0.591, M: 0.595, ?: 0.399, *: 0.308, +: 0.252, G: 0.521, C: 0.577, !: 0.334, J: 0.315, D: 0.611, P: 0.328, 2: 0.208, B: 0.771, @: 0.909, I: 0.391, T: 0.691, f: 0.153, 6: 0.517, A: 0.196, 4: 0.810, #: 0.359, &: 0.662
 Group # 4 -- c: 0.552, N: 0.151, K: 0.080, b: 0.541, s: 0.260, w: 0.346
 Group # 5 -- \$: 0.479, 0: 0.587, *: 0.733, S: 0.229, 3: 0.540, P: 0.381, 1: 0.802
 Group # 7 -- P: 0.544, Z: 0.643, C: 0.506, O: 0.470, I: 0.508, T: 0.127, R: 0.447, E: 0.509, @: 0.273, S: 0.337, A: 0.641
 Log likelihood = -1054.526 Significance = 0.000

Run # 39, 524 cells:

ConvergenceatIteration 7

Input 0.792

Group # 2 -- -: 0.533, +: 0.263
 Group # 3 -- L: 0.591, M: 0.593, ?: 0.391, *: 0.310, +: 0.250, G: 0.517, C: 0.583, !: 0.361, J: 0.291, D: 0.612, P: 0.364, 2: 0.192, B: 0.774, @: 0.895, I: 0.461, T: 0.765, f: 0.135, 6: 0.523, A: 0.222, 4: 0.871, #: 0.339, &: 0.636
 Group # 4 -- c: 0.541, N: 0.159, K: 0.098, b: 0.547, s: 0.258, w: 0.359
 Group # 5 -- \$: 0.475, 0: 0.576, *: 0.753, S: 0.249, 3: 0.509, P: 0.382, 1: 0.845
 Group # 8 -- 0: 0.502, d: 0.560, a: 0.380, *: 0.346
 Log likelihood = -1101.546 Significance = 0.004

Run # 40, 411 cells:

ConvergenceatIteration 7

Input 0.790

Group # 2 -- -: 0.532, +: 0.265
 Group # 3 -- L: 0.595, M: 0.583, ?: 0.394, *: 0.319, +: 0.250, G: 0.516, C: 0.581, !: 0.365, J: 0.298, D: 0.602, P: 0.361, 2: 0.185, B: 0.775, @: 0.897, I: 0.451, T: 0.775, f: 0.130, 6: 0.516, A: 0.222, 4: 0.856, #: 0.333, &: 0.650
 Group # 4 -- c: 0.533, N: 0.160, K: 0.105, b: 0.552, s: 0.257, w: 0.365
 Group # 5 -- \$: 0.476, 0: 0.571, *: 0.755, S: 0.256, 3: 0.500, P: 0.377, 1: 0.849
 Group # 9 -- A: 0.494, D: 0.530
 Log likelihood = -1108.297 Significance = 0.313

Run # 41, 490 cells:

ConvergenceatIteration 11

Input 0.791

Group # 2 -- -: 0.533, +: 0.264
 Group # 3 -- L: 0.597, M: 0.582, ?: 0.392, *: 0.328, +: 0.250, G: 0.512, C: 0.584, !: 0.364, J: 0.297, D: 0.603, P: 0.360, 2: 0.183, B: 0.778, @: 0.898, I: 0.429, T: 0.776, f: 0.136, 6: 0.518, A: 0.207, 4: 0.854, #: 0.349, &: 0.618
 Group # 4 -- c: 0.558, N: 0.156, K: 0.115, b: 0.534, s: 0.255, w: 0.398
 Group # 5 -- \$: 0.477, 0: 0.564, *: 0.753, S: 0.258, 3: 0.507, P: 0.376, 1: 0.842
 Group #10 -- Z: 0.467, 8: 0.484, 9: 0.548
 Log likelihood = -1106.138 Significance = 0.073

AddGroup # 7 withfactors PZCOITRE@SA

----- Level # 6 -----

Run # 42, 950 cells:

ConvergenceatIteration 13

Input 0.801

Group # 1 -- A: 0.506, E: 0.396, I: 0.551
 Group # 2 -- -: 0.525, +: 0.312
 Group # 3 -- L: 0.592, M: 0.592, ?: 0.401, *: 0.303, +: 0.251, G: 0.517, C: 0.578, !: 0.329, J: 0.316, D: 0.613, P: 0.337, 2: 0.205, B: 0.770, @: 0.910, I: 0.403, T: 0.697, f: 0.176, 6: 0.508, A: 0.191, 4: 0.806, #: 0.363, &: 0.681
 Group # 4 -- c: 0.555, N: 0.153, K: 0.076, b: 0.538, s: 0.258, w: 0.336
 Group # 5 -- \$: 0.480, 0: 0.582, *: 0.702, S: 0.235, 3: 0.546, P: 0.384, 1: 0.802
 Group # 7 -- P: 0.550, Z: 0.643, C: 0.512, O: 0.450, I: 0.506, T: 0.126, R: 0.452, E: 0.510, @: 0.274, S: 0.338, A: 0.634
 Log likelihood = -1050.707 Significance = 0.023

Run # 43, 1101 cells:

ConvergenceatIteration 8

Input 0.802

Group # 2 -- -: 0.537, +: 0.240
 Group # 3 -- L: 0.591, M: 0.595, ?: 0.397, *: 0.298, +: 0.255, G: 0.518, C: 0.580, !: 0.334, J: 0.312, D: 0.615, P: 0.314, 2: 0.215, B: 0.773, @: 0.909, I: 0.370, T: 0.714, f: 0.176, 6: 0.519, A: 0.196, 4: 0.812, #: 0.346, &: 0.677
 Group # 4 -- c: 0.553, N: 0.151, K: 0.070, b: 0.540, s: 0.266, w: 0.343
 Group # 5 -- \$: 0.479, 0: 0.596, *: 0.704, S: 0.268, 3: 0.531, P: 0.382, 1: 0.787
 Group # 6 -- 2: 0.521, 1: 0.571, 3: 0.409, 4: 0.421
 Group # 7 -- P: 0.568, Z: 0.638, C: 0.521, O: 0.453, I: 0.512, T: 0.144, R: 0.438, E: 0.506, @: 0.265, S: 0.368, A: 0.643
 Log likelihood = -1047.021 Significance = 0.003

Run # 44, 1060 cells:

ConvergenceatIteration 8

Input 0.801

Group # 2 -- -: 0.533, +: 0.263
 Group # 3 -- L: 0.586, M: 0.603, ?: 0.398, *: 0.301, +: 0.252, G: 0.522, C: 0.579, !: 0.332, J: 0.309, D: 0.618, P: 0.333, 2: 0.214, B: 0.772, @: 0.904, I: 0.405, T: 0.689, f: 0.156, 6: 0.524, A: 0.197, 4: 0.823, #: 0.372, &: 0.654
 Group # 4 -- c: 0.556, N: 0.151, K: 0.077, b: 0.538, s: 0.260, w: 0.345
 Group # 5 -- \$: 0.477, 0: 0.596, *: 0.736, S: 0.226, 3: 0.550, P: 0.385, 1: 0.803
 Group # 7 -- P: 0.549, Z: 0.644, C: 0.501, O: 0.471, I: 0.498, T: 0.127, R: 0.448, E: 0.506, @: 0.281, S: 0.336, A: 0.640
 Group # 8 -- 0: 0.498, d: 0.559, a: 0.409, *: 0.344
 Log likelihood = -1049.604 Significance = 0.020

Run # 45, 922 cells:

ConvergenceatIteration 8

Input 0.801

Group # 2 -- -: 0.532, +: 0.265
 Group # 3 -- L: 0.588, M: 0.595, ?: 0.400, *: 0.310, +: 0.253, G: 0.520, C: 0.577, !: 0.334, J: 0.315, D: 0.611, P: 0.329, 2: 0.213, B: 0.771, @: 0.908, I: 0.395, T: 0.694, f: 0.159, 6: 0.522, A: 0.193, 4: 0.807, #: 0.368, &: 0.662
 Group # 4 -- c: 0.549, N: 0.152, K: 0.083, b: 0.542, s: 0.262, w: 0.340
 Group # 5 -- \$: 0.477, 0: 0.594, *: 0.741, S: 0.233, 3: 0.548, P: 0.382, 1: 0.806
 Group # 7 -- P: 0.546, Z: 0.644, C: 0.512, O: 0.469, I: 0.503, T: 0.129, R: 0.440, E: 0.509, @: 0.267, S: 0.341, A: 0.648
 Group # 9 -- A: 0.490, D: 0.551
 Log likelihood = -1053.172 Significance = 0.100

Run # 46, 962 cells:
 ConvergenceatIteration 9
 Input 0.801
 Group # 2 -- -: 0.533, +: 0.264
 Group # 3 -- L: 0.591, M: 0.594, ?: 0.399, *: 0.313, +: 0.252, G: 0.518, C:
 0.579, !: 0.334, J: 0.312, D: 0.613, P: 0.331, 2: 0.207, B: 0.773, @: 0.909,
 I: 0.381, T: 0.695, f: 0.162, 6: 0.513, A: 0.183, 4: 0.811, #: 0.382, &:
 0.637
 Group # 4 -- c: 0.558, N: 0.148, K: 0.083, b: 0.538, s: 0.257, w: 0.356
 Group # 5 -- \$: 0.479, 0: 0.587, *: 0.734, S: 0.233, 3: 0.547, P: 0.380, 1:
 0.799
 Group # 7 -- P: 0.543, Z: 0.640, C: 0.507, O: 0.467, I: 0.513, T: 0.124, R:
 0.455, E: 0.509, @: 0.277, S: 0.340, A: 0.641
 Group #10 -- Z: 0.489, 8: 0.474, 9: 0.528
 Log likelihood = -1053.337 Significance = 0.306

AddGroup # 6 withfactors 2134

----- Level # 7 -----

Run # 47, 1204 cells:
 ConvergenceatIteration 13
 Input 0.803
 Group # 1 -- A: 0.512, E: 0.396, I: 0.521
 Group # 2 -- -: 0.528, +: 0.293
 Group # 3 -- L: 0.592, M: 0.593, ?: 0.398, *: 0.294, +: 0.253, G: 0.516, C:
 0.580, !: 0.330, J: 0.312, D: 0.615, P: 0.323, 2: 0.211, B: 0.774, @: 0.910,
 I: 0.380, T: 0.718, f: 0.202, 6: 0.516, A: 0.195, 4: 0.807, #: 0.344, &:
 0.695
 Group # 4 -- c: 0.555, N: 0.153, K: 0.070, b: 0.538, s: 0.265, w: 0.345
 Group # 5 -- \$: 0.480, 0: 0.591, *: 0.682, S: 0.273, 3: 0.533, P: 0.381, 1:
 0.785
 Group # 6 -- 2: 0.522, 1: 0.563, 3: 0.413, 4: 0.422
 Group # 7 -- P: 0.570, Z: 0.636, C: 0.525, O: 0.442, I: 0.510, T: 0.142, R:
 0.441, E: 0.508, @: 0.269, S: 0.365, A: 0.634
 Log likelihood = -1044.302 Significance = 0.070

Run # 48, 1350 cells:
 ConvergenceatIteration 8
 Input 0.803
 Group # 2 -- -: 0.537, +: 0.238
 Group # 3 -- L: 0.585, M: 0.602, ?: 0.395, *: 0.292, +: 0.254, G: 0.518, C:
 0.582, !: 0.333, J: 0.307, D: 0.622, P: 0.319, 2: 0.223, B: 0.774, @: 0.905,
 I: 0.384, T: 0.713, f: 0.179, 6: 0.527, A: 0.199, 4: 0.826, #: 0.360, &:
 0.669
 Group # 4 -- c: 0.556, N: 0.151, K: 0.068, b: 0.538, s: 0.267, w: 0.345
 Group # 5 -- \$: 0.477, 0: 0.605, *: 0.710, S: 0.267, 3: 0.540, P: 0.385, 1:
 0.788
 Group # 6 -- 2: 0.522, 1: 0.566, 3: 0.412, 4: 0.413
 Group # 7 -- P: 0.571, Z: 0.639, C: 0.516, O: 0.455, I: 0.503, T: 0.145, R:
 0.439, E: 0.503, @: 0.272, S: 0.365, A: 0.641
 Group # 8 -- 0: 0.497, d: 0.560, a: 0.412, *: 0.369
 Log likelihood = -1042.495 Significance = 0.032

Run # 49, 1250 cells:
 ConvergenceatIteration 8
 Input 0.802
 Group # 2 -- -: 0.537, +: 0.238
 Group # 3 -- L: 0.587, M: 0.595, ?: 0.397, *: 0.299, +: 0.256, G: 0.517, C:
 0.579, !: 0.334, J: 0.312, D: 0.616, P: 0.316, 2: 0.220, B: 0.773, @: 0.909,

I: 0.374, T: 0.717, f: 0.183, 6: 0.525, A: 0.194, 4: 0.809, #: 0.354, &: 0.678
 Group # 4 -- c: 0.550, N: 0.152, K: 0.073, b: 0.542, s: 0.269, w: 0.337
 Group # 5 -- \$: 0.477, 0: 0.603, *: 0.712, S: 0.272, 3: 0.539, P: 0.383, 1: 0.791
 Group # 6 -- 2: 0.521, 1: 0.571, 3: 0.409, 4: 0.426
 Group # 7 -- P: 0.569, Z: 0.639, C: 0.527, O: 0.452, I: 0.508, T: 0.147, R: 0.431, E: 0.506, @: 0.259, S: 0.372, A: 0.649
 Group # 9 -- A: 0.490, D: 0.551
 Log likelihood = -1045.717 Significance = 0.109

Run # 50, 1279 cells:

ConvergenceatIteration 8

Input 0.802

Group # 2 -- -: 0.537, +: 0.238

Group # 3 -- L: 0.591, M: 0.594, ?: 0.397, *: 0.302, +: 0.255, G: 0.515, C: 0.581, !: 0.334, J: 0.310, D: 0.617, P: 0.317, 2: 0.214, B: 0.775, @: 0.909, I: 0.361, T: 0.717, f: 0.186, 6: 0.516, A: 0.185, 4: 0.814, #: 0.367, &: 0.654

Group # 4 -- c: 0.557, N: 0.148, K: 0.073, b: 0.538, s: 0.264, w: 0.351

Group # 5 -- \$: 0.479, 0: 0.596, *: 0.706, S: 0.272, 3: 0.537, P: 0.381, 1: 0.784

Group # 6 -- 2: 0.521, 1: 0.570, 3: 0.410, 4: 0.422

Group # 7 -- P: 0.566, Z: 0.635, C: 0.522, O: 0.450, I: 0.516, T: 0.141, R: 0.445, E: 0.506, @: 0.269, S: 0.370, A: 0.642

Group #10 -- Z: 0.490, 8: 0.475, 9: 0.526

Log likelihood = -1046.007 Significance = 0.374

AddGroup # 8 withfactors Oda*

----- Level # 8 -----

Run # 51, 1443 cells:

ConvergenceatIteration 14

Input 0.803

Group # 1 -- A: 0.513, E: 0.399, I: 0.513

Group # 2 -- -: 0.528, +: 0.291

Group # 3 -- L: 0.587, M: 0.599, ?: 0.396, *: 0.288, +: 0.253, G: 0.517, C: 0.582, !: 0.330, J: 0.307, D: 0.621, P: 0.327, 2: 0.218, B: 0.776, @: 0.906, I: 0.394, T: 0.717, f: 0.204, 6: 0.524, A: 0.198, 4: 0.820, #: 0.357, &: 0.687

Group # 4 -- c: 0.558, N: 0.153, K: 0.069, b: 0.536, s: 0.265, w: 0.349

Group # 5 -- \$: 0.479, 0: 0.600, *: 0.690, S: 0.271, 3: 0.542, P: 0.384, 1: 0.785

Group # 6 -- 2: 0.522, 1: 0.561, 3: 0.415, 4: 0.413

Group # 7 -- P: 0.573, Z: 0.637, C: 0.519, O: 0.445, I: 0.501, T: 0.143, R: 0.442, E: 0.505, @: 0.277, S: 0.362, A: 0.633

Group # 8 -- 0: 0.497, d: 0.558, a: 0.415, *: 0.372

Log likelihood = -1040.092 Significance = 0.093

Run # 52, 1482 cells:

ConvergenceatIteration 8

Input 0.803

Group # 2 -- -: 0.537, +: 0.237

Group # 3 -- L: 0.581, M: 0.602, ?: 0.396, *: 0.292, +: 0.256, G: 0.518, C: 0.581, !: 0.333, J: 0.307, D: 0.622, P: 0.321, 2: 0.228, B: 0.774, @: 0.905, I: 0.388, T: 0.717, f: 0.187, 6: 0.533, A: 0.196, 4: 0.822, #: 0.368, &: 0.669

Group # 4 -- c: 0.554, N: 0.152, K: 0.071, b: 0.539, s: 0.270, w: 0.338

Group # 5 -- \$: 0.475, 0: 0.612, *: 0.718, S: 0.270, 3: 0.549, P: 0.387, 1: 0.791

Group # 6 -- 2: 0.522, 1: 0.566, 3: 0.412, 4: 0.418
 Group # 7 -- P: 0.572, Z: 0.640, C: 0.522, O: 0.453, I: 0.499, T: 0.148, R:
 0.431, E: 0.503, @: 0.267, S: 0.369, A: 0.648
 Group # 8 -- 0: 0.497, d: 0.559, a: 0.412, *: 0.361
 Group # 9 -- A: 0.490, D: 0.551
 Log likelihood = -1041.166 Significance = 0.104

Run # 53, 1530 cells:

ConvergenceatIteration 9

Input 0.803

Group # 2 -- -: 0.537, +: 0.237

Group # 3 -- L: 0.585, M: 0.601, ?: 0.395, *: 0.296, +: 0.255, G: 0.516, C:
 0.583, !: 0.333, J: 0.306, D: 0.624, P: 0.322, 2: 0.222, B: 0.776, @: 0.905,
 I: 0.375, T: 0.717, f: 0.189, 6: 0.523, A: 0.187, 4: 0.827, #: 0.380, &:
 0.646

Group # 4 -- c: 0.560, N: 0.148, K: 0.070, b: 0.536, s: 0.264, w: 0.352

Group # 5 -- \$: 0.477, 0: 0.605, *: 0.711, S: 0.271, 3: 0.546, P: 0.385, 1:
 0.784

Group # 6 -- 2: 0.522, 1: 0.564, 3: 0.412, 4: 0.413

Group # 7 -- P: 0.569, Z: 0.637, C: 0.517, O: 0.452, I: 0.507, T: 0.142, R:
 0.446, E: 0.503, @: 0.276, S: 0.367, A: 0.641

Group # 8 -- 0: 0.497, d: 0.560, a: 0.412, *: 0.377

Group #10 -- Z: 0.492, 8: 0.475, 9: 0.524

Log likelihood = -1041.559 Significance = 0.405

No remaininggroupssignificant

Groupssselectedwhilesteppingup: 4 2 3 5 7 6 8

Best steppinguprun: #48

Steppingdown...

----- Level # 10 -----

Run # 54, 1714 cells:

ConvergenceatIteration 14

Input 0.803

Group # 1 -- A: 0.512, E: 0.406, I: 0.512

Group # 2 -- -: 0.529, +: 0.284

Group # 3 -- L: 0.582, M: 0.599, ?: 0.397, *: 0.292, +: 0.255, G: 0.514, C:
 0.583, !: 0.330, J: 0.305, D: 0.622, P: 0.331, 2: 0.222, B: 0.777, @: 0.907,
 I: 0.388, T: 0.722, f: 0.219, 6: 0.528, A: 0.186, 4: 0.819, #: 0.382, &:
 0.668

Group # 4 -- c: 0.561, N: 0.152, K: 0.074, b: 0.533, s: 0.266, w: 0.353

Group # 5 -- \$: 0.477, 0: 0.607, *: 0.702, S: 0.278, 3: 0.555, P: 0.385, 1:
 0.786

Group # 6 -- 2: 0.522, 1: 0.560, 3: 0.415, 4: 0.417

Group # 7 -- P: 0.573, Z: 0.636, C: 0.525, O: 0.443, I: 0.503, T: 0.143, R:
 0.441, E: 0.504, @: 0.275, S: 0.370, A: 0.641

Group # 8 -- 0: 0.497, d: 0.557, a: 0.414, *: 0.369

Group # 9 -- A: 0.490, D: 0.549

Group #10 -- Z: 0.489, 8: 0.481, 9: 0.524

Log likelihood = -1038.184

----- Level # 9 -----

Run # 55, 1646 cells:

ConvergenceatIteration 9

Input 0.803

Group # 2 -- -: 0.537, +: 0.236

Group # 3 -- L: 0.581, M: 0.601, ?: 0.396, *: 0.297, +: 0.256, G: 0.515, C: 0.583, !: 0.333, J: 0.306, D: 0.623, P: 0.324, 2: 0.227, B: 0.776, @: 0.905, I: 0.378, T: 0.720, f: 0.197, 6: 0.530, A: 0.185, 4: 0.824, #: 0.388, &: 0.646
 Group # 4 -- c: 0.559, N: 0.149, K: 0.074, b: 0.536, s: 0.267, w: 0.348
 Group # 5 -- \$: 0.475, 0: 0.612, *: 0.720, S: 0.274, 3: 0.555, P: 0.387, 1: 0.788
 Group # 6 -- 2: 0.522, 1: 0.564, 3: 0.412, 4: 0.418
 Group # 7 -- P: 0.571, Z: 0.638, C: 0.523, O: 0.451, I: 0.504, T: 0.144, R: 0.439, E: 0.503, @: 0.270, S: 0.372, A: 0.648
 Group # 8 -- 0: 0.497, d: 0.559, a: 0.412, *: 0.368
 Group # 9 -- A: 0.490, D: 0.552
 Group #10 -- Z: 0.489, 8: 0.477, 9: 0.526
 Log likelihood = -1040.190 Significance = 0.143

Run # 56, 1703 cells:

ConvergenceatIteration 10

Input 0.801

Group # 1 -- A: 0.538, E: 0.280, I: 0.481
 Group # 3 -- L: 0.585, M: 0.601, ?: 0.399, *: 0.303, +: 0.251, G: 0.516, C: 0.580, !: 0.326, J: 0.309, D: 0.605, P: 0.348, 2: 0.212, B: 0.782, @: 0.895, I: 0.409, T: 0.708, f: 0.256, 6: 0.540, A: 0.202, 4: 0.813, #: 0.379, &: 0.716
 Group # 4 -- c: 0.559, N: 0.155, K: 0.084, b: 0.533, s: 0.276, w: 0.385
 Group # 5 -- \$: 0.480, 0: 0.591, *: 0.685, S: 0.281, 3: 0.544, P: 0.379, 1: 0.791
 Group # 6 -- 2: 0.523, 1: 0.533, 3: 0.427, 4: 0.426
 Group # 7 -- P: 0.573, Z: 0.630, C: 0.520, O: 0.442, I: 0.503, T: 0.139, R: 0.428, E: 0.507, @: 0.288, S: 0.365, A: 0.643
 Group # 8 -- 0: 0.496, d: 0.560, a: 0.416, *: 0.382
 Group # 9 -- A: 0.492, D: 0.542
 Group #10 -- Z: 0.489, 8: 0.491, 9: 0.518
 Log likelihood = -1048.684 Significance = 0.000

Run # 57, 980 cells:

ConvergenceatIteration 13

Input 0.779

Group # 1 -- A: 0.507, E: 0.419, I: 0.526
 Group # 2 -- -: 0.528, +: 0.296
 Group # 4 -- c: 0.557, N: 0.166, K: 0.105, b: 0.532, s: 0.270, w: 0.363
 Group # 5 -- \$: 0.476, 0: 0.615, *: 0.683, S: 0.277, 3: 0.520, P: 0.411, 1: 0.781
 Group # 6 -- 2: 0.525, 1: 0.548, 3: 0.413, 4: 0.424
 Group # 7 -- P: 0.566, Z: 0.614, C: 0.539, O: 0.419, I: 0.467, T: 0.120, R: 0.448, E: 0.527, @: 0.263, S: 0.450, A: 0.709
 Group # 8 -- 0: 0.492, d: 0.572, a: 0.429, *: 0.334
 Group # 9 -- A: 0.486, D: 0.569
 Group #10 -- Z: 0.498, 8: 0.471, 9: 0.519
 Log likelihood = -1121.949 Significance = 0.000

Run # 58, 1607 cells:

ConvergenceatIteration 13

Input 0.796

Group # 1 -- A: 0.523, E: 0.372, I: 0.482
 Group # 2 -- -: 0.526, +: 0.308
 Group # 3 -- L: 0.569, M: 0.599, ?: 0.395, *: 0.318, +: 0.266, G: 0.488, C: 0.592, !: 0.344, J: 0.316, D: 0.604, P: 0.325, 2: 0.220, B: 0.778, @: 0.908, I: 0.454, T: 0.637, f: 0.225, 6: 0.512, A: 0.211, 4: 0.637, #: 0.336, &: 0.739
 Group # 5 -- \$: 0.485, 0: 0.603, *: 0.706, S: 0.159, 3: 0.579, P: 0.309, 1: 0.815

Group # 6 -- 2: 0.516, 1: 0.583, 3: 0.423, 4: 0.377
 Group # 7 -- P: 0.594, Z: 0.639, C: 0.488, O: 0.479, I: 0.523, T: 0.170, R:
 0.350, E: 0.494, @: 0.294, S: 0.355, A: 0.657
 Group # 8 -- 0: 0.498, d: 0.556, a: 0.413, *: 0.380
 Group # 9 -- A: 0.487, D: 0.566
 Group #10 -- Z: 0.492, 8: 0.499, 9: 0.509
 Log likelihood = -1095.779 Significance = 0.000

Run # 59, 1544 cells:

ConvergenceatIteration 13

Input 0.798

Group # 1 -- A: 0.512, E: 0.388, I: 0.525

Group # 2 -- -: 0.528, +: 0.295

Group # 3 -- L: 0.578, M: 0.589, ?: 0.400, *: 0.302, +: 0.258, G: 0.510, C:
 0.576, !: 0.330, J: 0.316, D: 0.620, P: 0.338, 2: 0.215, B: 0.790, @: 0.906,
 I: 0.391, T: 0.735, f: 0.223, 6: 0.525, A: 0.185, 4: 0.782, #: 0.359, &:
 0.688

Group # 4 -- c: 0.569, N: 0.134, K: 0.062, b: 0.534, s: 0.255, w: 0.378

Group # 6 -- 2: 0.529, 1: 0.558, 3: 0.403, 4: 0.379

Group # 7 -- P: 0.569, Z: 0.637, C: 0.522, O: 0.448, I: 0.480, T: 0.139, R:
 0.442, E: 0.507, @: 0.275, S: 0.365, A: 0.603

Group # 8 -- 0: 0.503, d: 0.541, a: 0.408, *: 0.368

Group # 9 -- A: 0.493, D: 0.534

Group #10 -- Z: 0.487, 8: 0.482, 9: 0.526

Log likelihood = -1052.993 Significance = 0.000

Run # 60, 1519 cells:

ConvergenceatIteration 14

Input 0.802

Group # 1 -- A: 0.506, E: 0.407, I: 0.542

Group # 2 -- -: 0.527, +: 0.302

Group # 3 -- L: 0.583, M: 0.598, ?: 0.400, *: 0.301, +: 0.253, G: 0.515, C:
 0.581, !: 0.329, J: 0.309, D: 0.621, P: 0.345, 2: 0.215, B: 0.773, @: 0.907,
 I: 0.409, T: 0.701, f: 0.192, 6: 0.520, A: 0.181, 4: 0.818, #: 0.401, &:
 0.651

Group # 4 -- c: 0.563, N: 0.152, K: 0.080, b: 0.533, s: 0.260, w: 0.343

Group # 5 -- \$: 0.477, 0: 0.598, *: 0.720, S: 0.240, 3: 0.568, P: 0.389, 1:
 0.803

Group # 7 -- P: 0.554, Z: 0.642, C: 0.512, O: 0.450, I: 0.498, T: 0.126, R:
 0.453, E: 0.507, @: 0.281, S: 0.344, A: 0.640

Group # 8 -- 0: 0.499, d: 0.554, a: 0.412, *: 0.346

Group # 9 -- A: 0.490, D: 0.550

Group #10 -- Z: 0.488, 8: 0.481, 9: 0.525

Log likelihood = -1044.317 Significance = 0.008

Run # 61, 1282 cells:

ConvergenceatIteration 13

Input 0.795

Group # 1 -- A: 0.528, E: 0.375, I: 0.447

Group # 2 -- -: 0.526, +: 0.307

Group # 3 -- L: 0.588, M: 0.588, ?: 0.389, *: 0.300, +: 0.251, G: 0.508, C:
 0.588, !: 0.361, J: 0.282, D: 0.611, P: 0.361, 2: 0.196, B: 0.784, @: 0.899,
 I: 0.432, T: 0.793, f: 0.197, 6: 0.525, A: 0.215, 4: 0.851, #: 0.342, &:
 0.662

Group # 4 -- c: 0.561, N: 0.162, K: 0.103, b: 0.530, s: 0.266, w: 0.404

Group # 5 -- \$: 0.476, 0: 0.588, *: 0.716, S: 0.303, 3: 0.507, P: 0.382, 1:
 0.823

Group # 6 -- 2: 0.520, 1: 0.593, 3: 0.401, 4: 0.406

Group # 8 -- 0: 0.499, d: 0.563, a: 0.387, *: 0.370

Group # 9 -- A: 0.494, D: 0.532

Group #10 -- Z: 0.470, 8: 0.491, 9: 0.541

Log likelihood = -1085.357 Significance = 0.000

Run # 62, 1513 cells:

ConvergenceatIteration 13

Input 0.803

Group # 1 -- A: 0.511, E: 0.404, I: 0.519

Group # 2 -- -: 0.529, +: 0.286

Group # 3 -- L: 0.588, M: 0.592, ?: 0.398, *: 0.299, +: 0.255, G: 0.512, C: 0.581, !: 0.331, J: 0.310, D: 0.617, P: 0.326, 2: 0.214, B: 0.775, @: 0.911, I: 0.374, T: 0.724, f: 0.217, 6: 0.521, A: 0.183, 4: 0.805, #: 0.369, &: 0.676

Group # 4 -- c: 0.559, N: 0.152, K: 0.076, b: 0.535, s: 0.265, w: 0.350

Group # 5 -- \$: 0.479, 0: 0.598, *: 0.695, S: 0.279, 3: 0.546, P: 0.382, 1: 0.786

Group # 6 -- 2: 0.522, 1: 0.562, 3: 0.413, 4: 0.426

Group # 7 -- P: 0.570, Z: 0.635, C: 0.530, O: 0.440, I: 0.512, T: 0.141, R: 0.442, E: 0.507, @: 0.267, S: 0.372, A: 0.641

Group # 9 -- A: 0.490, D: 0.548

Group #10 -- Z: 0.488, 8: 0.482, 9: 0.525

Log likelihood = -1042.371 Significance = 0.042

Run # 63, 1608 cells:

ConvergenceatIteration 14

Input 0.803

Group # 1 -- A: 0.512, E: 0.403, I: 0.513

Group # 2 -- -: 0.529, +: 0.287

Group # 3 -- L: 0.586, M: 0.599, ?: 0.396, *: 0.291, +: 0.253, G: 0.514, C: 0.583, !: 0.330, J: 0.305, D: 0.622, P: 0.330, 2: 0.217, B: 0.777, @: 0.907, I: 0.385, T: 0.719, f: 0.212, 6: 0.522, A: 0.188, 4: 0.822, #: 0.374, &: 0.668

Group # 4 -- c: 0.562, N: 0.151, K: 0.071, b: 0.533, s: 0.264, w: 0.357

Group # 5 -- \$: 0.479, 0: 0.600, *: 0.692, S: 0.275, 3: 0.547, P: 0.384, 1: 0.783

Group # 6 -- 2: 0.522, 1: 0.560, 3: 0.415, 4: 0.413

Group # 7 -- P: 0.571, Z: 0.635, C: 0.520, O: 0.443, I: 0.505, T: 0.140, R: 0.448, E: 0.505, @: 0.281, S: 0.365, A: 0.633

Group # 8 -- 0: 0.497, d: 0.558, a: 0.414, *: 0.378

Group #10 -- Z: 0.491, 8: 0.480, 9: 0.522

Log likelihood = -1039.381 Significance = 0.129

Run # 64, 1563 cells:

ConvergenceatIteration 14

Input 0.803

Group # 1 -- A: 0.513, E: 0.402, I: 0.512

Group # 2 -- -: 0.529, +: 0.288

Group # 3 -- L: 0.583, M: 0.599, ?: 0.397, *: 0.288, +: 0.255, G: 0.516, C: 0.581, !: 0.330, J: 0.307, D: 0.621, P: 0.328, 2: 0.222, B: 0.776, @: 0.906, I: 0.397, T: 0.720, f: 0.210, 6: 0.530, A: 0.195, 4: 0.818, #: 0.364, &: 0.687

Group # 4 -- c: 0.555, N: 0.155, K: 0.071, b: 0.537, s: 0.268, w: 0.343

Group # 5 -- \$: 0.477, 0: 0.607, *: 0.699, S: 0.275, 3: 0.550, P: 0.385, 1: 0.789

Group # 6 -- 2: 0.522, 1: 0.561, 3: 0.414, 4: 0.417

Group # 7 -- P: 0.574, Z: 0.638, C: 0.524, O: 0.444, I: 0.497, T: 0.145, R: 0.434, E: 0.505, @: 0.272, S: 0.367, A: 0.640

Group # 8 -- 0: 0.497, d: 0.558, a: 0.415, *: 0.363

Group # 9 -- A: 0.490, D: 0.548

Log likelihood = -1038.936 Significance = 0.477

CutGroup # 10 withfactors Z89

----- Level # 8 -----

Run # 65, 1482 cells:

ConvergenceatIteration 8

Input 0.803

Group # 2 -- -: 0.537, +: 0.237

Group # 3 -- L: 0.581, M: 0.602, ?: 0.396, *: 0.292, +: 0.256, G: 0.518, C: 0.581, !: 0.333, J: 0.307, D: 0.622, P: 0.321, 2: 0.228, B: 0.774, @: 0.905, I: 0.388, T: 0.717, f: 0.187, 6: 0.533, A: 0.196, 4: 0.822, #: 0.368, &: 0.669

Group # 4 -- c: 0.554, N: 0.152, K: 0.071, b: 0.539, s: 0.270, w: 0.338

Group # 5 -- \$: 0.475, 0: 0.612, *: 0.718, S: 0.270, 3: 0.549, P: 0.387, 1: 0.791

Group # 6 -- 2: 0.522, 1: 0.566, 3: 0.412, 4: 0.418

Group # 7 -- P: 0.572, Z: 0.640, C: 0.522, O: 0.453, I: 0.499, T: 0.148, R: 0.431, E: 0.503, @: 0.267, S: 0.369, A: 0.648

Group # 8 -- 0: 0.497, d: 0.559, a: 0.412, *: 0.361

Group # 9 -- A: 0.490, D: 0.551

Log likelihood = -1041.166 Significance = 0.110

Run # 66, 1542 cells:

ConvergenceatIteration 8

Input 0.801

Group # 1 -- A: 0.539, E: 0.279, I: 0.481

Group # 3 -- L: 0.585, M: 0.601, ?: 0.399, *: 0.299, +: 0.251, G: 0.518, C: 0.579, !: 0.325, J: 0.310, D: 0.605, P: 0.347, 2: 0.213, B: 0.781, @: 0.895, I: 0.416, T: 0.705, f: 0.249, 6: 0.539, A: 0.209, 4: 0.813, #: 0.367, &: 0.728

Group # 4 -- c: 0.553, N: 0.157, K: 0.080, b: 0.538, s: 0.277, w: 0.376

Group # 5 -- \$: 0.480, 0: 0.591, *: 0.682, S: 0.279, 3: 0.541, P: 0.379, 1: 0.793

Group # 6 -- 2: 0.523, 1: 0.533, 3: 0.427, 4: 0.426

Group # 7 -- P: 0.574, Z: 0.632, C: 0.519, O: 0.443, I: 0.498, T: 0.141, R: 0.422, E: 0.507, @: 0.285, S: 0.362, A: 0.642

Group # 8 -- 0: 0.496, d: 0.560, a: 0.416, *: 0.378

Group # 9 -- A: 0.492, D: 0.542

Log likelihood = -1049.093 Significance = 0.000

Run # 67, 794 cells:

ConvergenceatIteration 13

Input 0.779

Group # 1 -- A: 0.508, E: 0.414, I: 0.526

Group # 2 -- -: 0.527, +: 0.301

Group # 4 -- c: 0.557, N: 0.168, K: 0.104, b: 0.531, s: 0.274, w: 0.361

Group # 5 -- \$: 0.476, 0: 0.615, *: 0.680, S: 0.274, 3: 0.515, P: 0.412, 1: 0.782

Group # 6 -- 2: 0.525, 1: 0.550, 3: 0.413, 4: 0.424

Group # 7 -- P: 0.567, Z: 0.616, C: 0.539, O: 0.421, I: 0.464, T: 0.122, R: 0.445, E: 0.526, @: 0.260, S: 0.447, A: 0.708

Group # 8 -- 0: 0.492, d: 0.572, a: 0.430, *: 0.325

Group # 9 -- A: 0.486, D: 0.568

Log likelihood = -1122.866 Significance = 0.000

Run # 68, 1326 cells:

ConvergenceatIteration 13

Input 0.796

Group # 1 -- A: 0.523, E: 0.371, I: 0.483

Group # 2 -- -: 0.526, +: 0.308

Group # 3 -- L: 0.569, M: 0.599, ?: 0.396, *: 0.312, +: 0.266, G: 0.489, C: 0.591, !: 0.344, J: 0.316, D: 0.604, P: 0.325, 2: 0.221, B: 0.777, @: 0.907,

I: 0.456, T: 0.630, f: 0.223, 6: 0.510, A: 0.214, 4: 0.639, #: 0.333, &: 0.746
 Group # 5 -- \$: 0.485, 0: 0.603, *: 0.706, S: 0.158, 3: 0.576, P: 0.310, 1: 0.816
 Group # 6 -- 2: 0.516, 1: 0.583, 3: 0.423, 4: 0.377
 Group # 7 -- P: 0.594, Z: 0.639, C: 0.485, O: 0.477, I: 0.517, T: 0.170, R: 0.344, E: 0.497, @: 0.293, S: 0.352, A: 0.652
 Group # 8 -- 0: 0.498, d: 0.556, a: 0.412, *: 0.379
 Group # 9 -- A: 0.487, D: 0.565
 Log likelihood = -1095.914 Significance = 0.000

Run # 69, 1376 cells:

ConvergenceatIteration 13

Input 0.798

Group # 1 -- A: 0.513, E: 0.384, I: 0.525

Group # 2 -- -: 0.527, +: 0.299

Group # 3 -- L: 0.578, M: 0.590, ?: 0.400, *: 0.297, +: 0.258, G: 0.514, C: 0.575, !: 0.330, J: 0.318, D: 0.619, P: 0.336, 2: 0.216, B: 0.789, @: 0.905, I: 0.403, T: 0.732, f: 0.214, 6: 0.525, A: 0.194, 4: 0.784, #: 0.342, &: 0.708

Group # 4 -- c: 0.561, N: 0.136, K: 0.059, b: 0.539, s: 0.257, w: 0.368

Group # 6 -- 2: 0.529, 1: 0.559, 3: 0.403, 4: 0.379

Group # 7 -- P: 0.571, Z: 0.640, C: 0.520, O: 0.449, I: 0.473, T: 0.142, R: 0.434, E: 0.508, @: 0.271, S: 0.362, A: 0.602

Group # 8 -- 0: 0.503, d: 0.541, a: 0.408, *: 0.362

Group # 9 -- A: 0.493, D: 0.533

Log likelihood = -1053.861 Significance = 0.000

Run # 70, 1338 cells:

ConvergenceatIteration 14

Input 0.802

Group # 1 -- A: 0.507, E: 0.402, I: 0.542

Group # 2 -- -: 0.526, +: 0.307

Group # 3 -- L: 0.583, M: 0.599, ?: 0.400, *: 0.297, +: 0.253, G: 0.518, C: 0.580, !: 0.328, J: 0.311, D: 0.619, P: 0.343, 2: 0.215, B: 0.772, @: 0.906, I: 0.419, T: 0.698, f: 0.184, 6: 0.521, A: 0.190, 4: 0.818, #: 0.382, &: 0.672

Group # 4 -- c: 0.556, N: 0.155, K: 0.077, b: 0.537, s: 0.262, w: 0.333

Group # 5 -- \$: 0.477, 0: 0.598, *: 0.717, S: 0.236, 3: 0.562, P: 0.389, 1: 0.805

Group # 7 -- P: 0.555, Z: 0.645, C: 0.511, O: 0.452, I: 0.493, T: 0.128, R: 0.445, E: 0.507, @: 0.277, S: 0.341, A: 0.639

Group # 8 -- 0: 0.499, d: 0.555, a: 0.413, *: 0.341

Group # 9 -- A: 0.490, D: 0.549

Log likelihood = -1045.161 Significance = 0.008

Run # 71, 1064 cells:

ConvergenceatIteration 13

Input 0.794

Group # 1 -- A: 0.529, E: 0.369, I: 0.447

Group # 2 -- -: 0.525, +: 0.311

Group # 3 -- L: 0.589, M: 0.588, ?: 0.391, *: 0.292, +: 0.250, G: 0.512, C: 0.585, !: 0.361, J: 0.282, D: 0.611, P: 0.360, 2: 0.196, B: 0.781, @: 0.898, I: 0.449, T: 0.790, f: 0.188, 6: 0.520, A: 0.228, 4: 0.856, #: 0.326, &: 0.686

Group # 4 -- c: 0.539, N: 0.165, K: 0.092, b: 0.546, s: 0.266, w: 0.375

Group # 5 -- \$: 0.476, 0: 0.590, *: 0.712, S: 0.299, 3: 0.498, P: 0.381, 1: 0.827

Group # 6 -- 2: 0.520, 1: 0.595, 3: 0.400, 4: 0.408

Group # 8 -- 0: 0.500, d: 0.563, a: 0.387, *: 0.364

Group # 9 -- A: 0.494, D: 0.530

Log likelihood = -1087.210 Significance = 0.000

Run # 72, 1346 cells:

ConvergenceatIteration 14

Input 0.803

Group # 1 -- A: 0.512, E: 0.399, I: 0.520

Group # 2 -- -: 0.529, +: 0.289

Group # 3 -- L: 0.588, M: 0.593, ?: 0.398, *: 0.295, +: 0.254, G: 0.515, C: 0.580, !: 0.331, J: 0.312, D: 0.616, P: 0.324, 2: 0.215, B: 0.774, @: 0.910, I: 0.384, T: 0.721, f: 0.208, 6: 0.522, A: 0.192, 4: 0.805, #: 0.352, &: 0.695

Group # 4 -- c: 0.552, N: 0.155, K: 0.073, b: 0.540, s: 0.267, w: 0.340

Group # 5 -- \$: 0.479, 0: 0.598, *: 0.691, S: 0.276, 3: 0.540, P: 0.383, 1: 0.788

Group # 6 -- 2: 0.522, 1: 0.563, 3: 0.412, 4: 0.426

Group # 7 -- P: 0.571, Z: 0.637, C: 0.529, O: 0.441, I: 0.507, T: 0.144, R: 0.435, E: 0.508, @: 0.264, S: 0.369, A: 0.641

Group # 9 -- A: 0.491, D: 0.547

Log likelihood = -1043.182 Significance = 0.040

Run # 73, 1443 cells:

ConvergenceatIteration 14

Input 0.803

Group # 1 -- A: 0.513, E: 0.399, I: 0.513

Group # 2 -- -: 0.528, +: 0.291

Group # 3 -- L: 0.587, M: 0.599, ?: 0.396, *: 0.288, +: 0.253, G: 0.517, C: 0.582, !: 0.330, J: 0.307, D: 0.621, P: 0.327, 2: 0.218, B: 0.776, @: 0.906, I: 0.394, T: 0.717, f: 0.204, 6: 0.524, A: 0.198, 4: 0.820, #: 0.357, &: 0.687

Group # 4 -- c: 0.558, N: 0.153, K: 0.069, b: 0.536, s: 0.265, w: 0.349

Group # 5 -- \$: 0.479, 0: 0.600, *: 0.690, S: 0.271, 3: 0.542, P: 0.384, 1: 0.785

Group # 6 -- 2: 0.522, 1: 0.561, 3: 0.415, 4: 0.413

Group # 7 -- P: 0.573, Z: 0.637, C: 0.519, O: 0.445, I: 0.501, T: 0.143, R: 0.442, E: 0.505, @: 0.277, S: 0.362, A: 0.633

Group # 8 -- 0: 0.497, d: 0.558, a: 0.415, *: 0.372

Log likelihood = -1040.092 Significance = 0.137

CutGroup # 9 withfactors AD

----- Level # 7 -----

Run # 74, 1350 cells:

ConvergenceatIteration 8

Input 0.803

Group # 2 -- -: 0.537, +: 0.238

Group # 3 -- L: 0.585, M: 0.602, ?: 0.395, *: 0.292, +: 0.254, G: 0.518, C: 0.582, !: 0.333, J: 0.307, D: 0.622, P: 0.319, 2: 0.223, B: 0.774, @: 0.905, I: 0.384, T: 0.713, f: 0.179, 6: 0.527, A: 0.199, 4: 0.826, #: 0.360, &: 0.669

Group # 4 -- c: 0.556, N: 0.151, K: 0.068, b: 0.538, s: 0.267, w: 0.345

Group # 5 -- \$: 0.477, 0: 0.605, *: 0.710, S: 0.267, 3: 0.540, P: 0.385, 1: 0.788

Group # 6 -- 2: 0.522, 1: 0.566, 3: 0.412, 4: 0.413

Group # 7 -- P: 0.571, Z: 0.639, C: 0.516, O: 0.455, I: 0.503, T: 0.145, R: 0.439, E: 0.503, @: 0.272, S: 0.365, A: 0.641

Group # 8 -- 0: 0.497, d: 0.560, a: 0.412, *: 0.369

Log likelihood = -1042.495 Significance = 0.093

Run # 75, 1418 cells:

ConvergenceatIteration 8

Input 0.801
 Group # 1 -- A: 0.539, E: 0.278, I: 0.482
 Group # 3 -- L: 0.588, M: 0.602, ?: 0.399, *: 0.299, +: 0.250, G: 0.518, C: 0.579, !: 0.325, J: 0.309, D: 0.604, P: 0.345, 2: 0.209, B: 0.781, @: 0.895, I: 0.412, T: 0.703, f: 0.242, 6: 0.535, A: 0.210, 4: 0.814, #: 0.361, &: 0.727
 Group # 4 -- c: 0.555, N: 0.155, K: 0.078, b: 0.537, s: 0.275, w: 0.381
 Group # 5 -- \$: 0.481, 0: 0.585, *: 0.675, S: 0.276, 3: 0.534, P: 0.378, 1: 0.790
 Group # 6 -- 2: 0.523, 1: 0.533, 3: 0.427, 4: 0.422
 Group # 7 -- P: 0.572, Z: 0.631, C: 0.515, O: 0.443, I: 0.501, T: 0.139, R: 0.429, E: 0.507, @: 0.290, S: 0.359, A: 0.637
 Group # 8 -- 0: 0.496, d: 0.560, a: 0.416, *: 0.386
 Log likelihood = -1049.966 Significance = 0.000

Run # 76, 671 cells:
 ConvergenceatIteration 12
 Input 0.778
 Group # 1 -- A: 0.509, E: 0.410, I: 0.526
 Group # 2 -- -: 0.526, +: 0.305
 Group # 4 -- c: 0.561, N: 0.167, K: 0.099, b: 0.529, s: 0.270, w: 0.359
 Group # 5 -- \$: 0.478, 0: 0.605, *: 0.667, S: 0.270, 3: 0.501, P: 0.410, 1: 0.776
 Group # 6 -- 2: 0.525, 1: 0.550, 3: 0.413, 4: 0.417
 Group # 7 -- P: 0.565, Z: 0.613, C: 0.533, O: 0.423, I: 0.472, T: 0.120, R: 0.455, E: 0.525, @: 0.269, S: 0.442, A: 0.700
 Group # 8 -- 0: 0.492, d: 0.572, a: 0.429, *: 0.336
 Log likelihood = -1125.420 Significance = 0.000

Run # 77, 1199 cells:
 ConvergenceatIteration 13
 Input 0.796
 Group # 1 -- A: 0.523, E: 0.367, I: 0.483
 Group # 2 -- -: 0.525, +: 0.314
 Group # 3 -- L: 0.575, M: 0.599, ?: 0.395, *: 0.314, +: 0.264, G: 0.489, C: 0.592, !: 0.344, J: 0.316, D: 0.605, P: 0.324, 2: 0.214, B: 0.778, @: 0.906, I: 0.453, T: 0.624, f: 0.214, 6: 0.503, A: 0.217, 4: 0.649, #: 0.323, &: 0.744
 Group # 5 -- \$: 0.488, 0: 0.594, *: 0.694, S: 0.155, 3: 0.567, P: 0.306, 1: 0.812
 Group # 6 -- 2: 0.517, 1: 0.583, 3: 0.423, 4: 0.371
 Group # 7 -- P: 0.593, Z: 0.637, C: 0.479, O: 0.480, I: 0.524, T: 0.167, R: 0.354, E: 0.495, @: 0.301, S: 0.349, A: 0.645
 Group # 8 -- 0: 0.497, d: 0.556, a: 0.413, *: 0.391
 Log likelihood = -1098.200 Significance = 0.000

Run # 78, 1242 cells:
 ConvergenceatIteration 13
 Input 0.798
 Group # 1 -- A: 0.513, E: 0.382, I: 0.526
 Group # 2 -- -: 0.527, +: 0.300
 Group # 3 -- L: 0.581, M: 0.590, ?: 0.399, *: 0.296, +: 0.257, G: 0.514, C: 0.575, !: 0.329, J: 0.318, D: 0.619, P: 0.335, 2: 0.213, B: 0.789, @: 0.905, I: 0.400, T: 0.732, f: 0.209, 6: 0.522, A: 0.195, 4: 0.786, #: 0.338, &: 0.708
 Group # 4 -- c: 0.563, N: 0.135, K: 0.058, b: 0.538, s: 0.255, w: 0.372
 Group # 6 -- 2: 0.529, 1: 0.559, 3: 0.403, 4: 0.376
 Group # 7 -- P: 0.570, Z: 0.639, C: 0.517, O: 0.449, I: 0.476, T: 0.141, R: 0.440, E: 0.508, @: 0.275, S: 0.357, A: 0.597
 Group # 8 -- 0: 0.502, d: 0.543, a: 0.408, *: 0.368
 Log likelihood = -1054.407 Significance = 0.000

Run # 79, 1214 cells:

ConvergenceatIteration 13

Input 0.802

Group # 1 -- A: 0.508, E: 0.398, I: 0.543

Group # 2 -- -: 0.525, +: 0.310

Group # 3 -- L: 0.587, M: 0.599, ?: 0.399, *: 0.296, +: 0.251, G: 0.519, C: 0.580, !: 0.328, J: 0.310, D: 0.619, P: 0.342, 2: 0.210, B: 0.772, @: 0.906, I: 0.416, T: 0.695, f: 0.178, 6: 0.516, A: 0.192, 4: 0.819, #: 0.374, &: 0.673

Group # 4 -- c: 0.559, N: 0.153, K: 0.074, b: 0.536, s: 0.259, w: 0.338

Group # 5 -- \$: 0.479, 0: 0.590, *: 0.708, S: 0.232, 3: 0.555, P: 0.388, 1: 0.802

Group # 7 -- P: 0.554, Z: 0.643, C: 0.506, O: 0.453, I: 0.497, T: 0.126, R: 0.453, E: 0.507, @: 0.283, S: 0.337, A: 0.633

Group # 8 -- 0: 0.498, d: 0.555, a: 0.413, *: 0.350

Log likelihood = -1046.358 Significance = 0.008

Run # 80, 922 cells:

ConvergenceatIteration 13

Input 0.794

Group # 1 -- A: 0.529, E: 0.368, I: 0.449

Group # 2 -- -: 0.525, +: 0.313

Group # 3 -- L: 0.591, M: 0.589, ?: 0.390, *: 0.292, +: 0.250, G: 0.513, C: 0.586, !: 0.360, J: 0.283, D: 0.611, P: 0.358, 2: 0.194, B: 0.781, @: 0.898, I: 0.447, T: 0.787, f: 0.185, 6: 0.519, A: 0.229, 4: 0.858, #: 0.321, &: 0.685

Group # 4 -- c: 0.541, N: 0.164, K: 0.090, b: 0.545, s: 0.264, w: 0.379

Group # 5 -- \$: 0.477, 0: 0.586, *: 0.707, S: 0.297, 3: 0.494, P: 0.380, 1: 0.825

Group # 6 -- 2: 0.520, 1: 0.594, 3: 0.400, 4: 0.405

Group # 8 -- 0: 0.499, d: 0.564, a: 0.388, *: 0.370

Log likelihood = -1087.679 Significance = 0.000

Run # 81, 1204 cells:

ConvergenceatIteration 13

Input 0.803

Group # 1 -- A: 0.512, E: 0.396, I: 0.521

Group # 2 -- -: 0.528, +: 0.293

Group # 3 -- L: 0.592, M: 0.593, ?: 0.398, *: 0.294, +: 0.253, G: 0.516, C: 0.580, !: 0.330, J: 0.312, D: 0.615, P: 0.323, 2: 0.211, B: 0.774, @: 0.910, I: 0.380, T: 0.718, f: 0.202, 6: 0.516, A: 0.195, 4: 0.807, #: 0.344, &: 0.695

Group # 4 -- c: 0.555, N: 0.153, K: 0.070, b: 0.538, s: 0.265, w: 0.345

Group # 5 -- \$: 0.480, 0: 0.591, *: 0.682, S: 0.273, 3: 0.533, P: 0.381, 1: 0.785

Group # 6 -- 2: 0.522, 1: 0.563, 3: 0.413, 4: 0.422

Group # 7 -- P: 0.570, Z: 0.636, C: 0.525, O: 0.442, I: 0.510, T: 0.142, R: 0.441, E: 0.508, @: 0.269, S: 0.365, A: 0.634

Log likelihood = -1044.302 Significance = 0.041

CutGroup # 1 withfactors AEI

----- Level # 6 -----

Run # 82, 1264 cells:

ConvergenceatIteration 8

Input 0.797

Group # 3 -- L: 0.585, M: 0.614, ?: 0.400, *: 0.322, +: 0.253, G: 0.521, C: 0.575, !: 0.326, J: 0.324, D: 0.595, P: 0.338, 2: 0.218, B: 0.777, @: 0.879,

I: 0.395, T: 0.695, f: 0.192, 6: 0.560, A: 0.219, 4: 0.829, #: 0.393, &: 0.697
 Group # 4 -- c: 0.554, N: 0.143, K: 0.078, b: 0.540, s: 0.294, w: 0.358
 Group # 5 -- \$: 0.479, 0: 0.579, *: 0.702, S: 0.270, 3: 0.533, P: 0.387, 1: 0.810
 Group # 6 -- 2: 0.530, 1: 0.476, 3: 0.439, 4: 0.451
 Group # 7 -- P: 0.580, Z: 0.640, C: 0.506, O: 0.460, I: 0.512, T: 0.138, R: 0.408, E: 0.501, @: 0.277, S: 0.370, A: 0.664
 Group # 8 -- 0: 0.496, d: 0.560, a: 0.414, *: 0.403
 Log likelihood = -1072.327 Significance = 0.000

Run # 83, 559 cells:

ConvergenceatIteration 7

Input 0.778

Group # 2 -- -: 0.533, +: 0.259

Group # 4 -- c: 0.559, N: 0.165, K: 0.100, b: 0.530, s: 0.272, w: 0.357

Group # 5 -- \$: 0.477, 0: 0.612, *: 0.685, S: 0.266, 3: 0.501, P: 0.409, 1: 0.778

Group # 6 -- 2: 0.524, 1: 0.563, 3: 0.408, 4: 0.415

Group # 7 -- P: 0.563, Z: 0.615, C: 0.530, O: 0.432, I: 0.474, T: 0.123, R: 0.451, E: 0.524, @: 0.265, S: 0.445, A: 0.707

Group # 8 -- 0: 0.491, d: 0.574, a: 0.427, *: 0.336

Log likelihood = -1127.787 Significance = 0.000

Run # 84, 1080 cells:

ConvergenceatIteration 7

Input 0.795

Group # 2 -- -: 0.537, +: 0.237

Group # 3 -- L: 0.573, M: 0.603, ?: 0.395, *: 0.319, +: 0.267, G: 0.489, C: 0.592, !: 0.348, J: 0.321, D: 0.610, P: 0.313, 2: 0.220, B: 0.773, @: 0.903, I: 0.441, T: 0.619, f: 0.184, 6: 0.506, A: 0.215, 4: 0.663, #: 0.327, &: 0.725

Group # 5 -- \$: 0.486, 0: 0.598, *: 0.713, S: 0.149, 3: 0.568, P: 0.312, 1: 0.816

Group # 6 -- 2: 0.518, 1: 0.577, 3: 0.423, 4: 0.376

Group # 7 -- P: 0.593, Z: 0.643, C: 0.477, O: 0.487, I: 0.528, T: 0.169, R: 0.350, E: 0.493, @: 0.292, S: 0.352, A: 0.651

Group # 8 -- 0: 0.498, d: 0.557, a: 0.411, *: 0.387

Log likelihood = -1102.412 Significance = 0.000

Run # 85, 1135 cells:

ConvergenceatIteration 8

Input 0.797

Group # 2 -- -: 0.537, +: 0.240

Group # 3 -- L: 0.579, M: 0.592, ?: 0.398, *: 0.301, +: 0.258, G: 0.516, C: 0.575, !: 0.333, J: 0.319, D: 0.619, P: 0.328, 2: 0.218, B: 0.788, @: 0.905, I: 0.389, T: 0.725, f: 0.181, 6: 0.525, A: 0.198, 4: 0.793, #: 0.336, &: 0.684

Group # 4 -- c: 0.561, N: 0.132, K: 0.058, b: 0.541, s: 0.257, w: 0.368

Group # 6 -- 2: 0.528, 1: 0.572, 3: 0.398, 4: 0.374

Group # 7 -- P: 0.568, Z: 0.641, C: 0.513, O: 0.464, I: 0.477, T: 0.143, R: 0.435, E: 0.506, @: 0.270, S: 0.362, A: 0.607

Group # 8 -- 0: 0.502, d: 0.544, a: 0.405, *: 0.365

Log likelihood = -1058.016 Significance = 0.000

Run # 86, 1060 cells:

ConvergenceatIteration 8

Input 0.801

Group # 2 -- -: 0.533, +: 0.263

Group # 3 -- L: 0.586, M: 0.603, ?: 0.398, *: 0.301, +: 0.252, G: 0.522, C: 0.579, !: 0.332, J: 0.309, D: 0.618, P: 0.333, 2: 0.214, B: 0.772, @: 0.904,

I: 0.405, T: 0.689, f: 0.156, 6: 0.524, A: 0.197, 4: 0.823, #: 0.372, &: 0.654
 Group # 4 -- c: 0.556, N: 0.151, K: 0.077, b: 0.538, s: 0.260, w: 0.345
 Group # 5 -- \$: 0.477, 0: 0.596, *: 0.736, S: 0.226, 3: 0.550, P: 0.385, 1: 0.803
 Group # 7 -- P: 0.549, Z: 0.644, C: 0.501, O: 0.471, I: 0.498, T: 0.127, R: 0.448, E: 0.506, @: 0.281, S: 0.336, A: 0.640
 Group # 8 -- 0: 0.498, d: 0.559, a: 0.409, *: 0.344
 Log likelihood = -1049.604 Significance = 0.005

Run # 87, 792 cells:

ConvergenceatIteration 8

Input 0.794

Group # 2 -- -: 0.538, +: 0.234

Group # 3 -- L: 0.590, M: 0.592, ?: 0.391, *: 0.298, +: 0.252, G: 0.511, C: 0.586, !: 0.364, J: 0.288, D: 0.613, P: 0.348, 2: 0.197, B: 0.777, @: 0.896, I: 0.437, T: 0.793, f: 0.153, 6: 0.518, A: 0.223, 4: 0.868, #: 0.331, &: 0.656

Group # 4 -- c: 0.542, N: 0.158, K: 0.085, b: 0.546, s: 0.266, w: 0.358

Group # 5 -- \$: 0.475, 0: 0.588, *: 0.722, S: 0.291, 3: 0.497, P: 0.391, 1: 0.831

Group # 6 -- 2: 0.524, 1: 0.573, 3: 0.403, 4: 0.415

Group # 8 -- 0: 0.500, d: 0.562, a: 0.384, *: 0.364

Log likelihood = -1092.111 Significance = 0.000

Run # 88, 1101 cells:

ConvergenceatIteration 8

Input 0.802

Group # 2 -- -: 0.537, +: 0.240

Group # 3 -- L: 0.591, M: 0.595, ?: 0.397, *: 0.298, +: 0.255, G: 0.518, C: 0.580, !: 0.334, J: 0.312, D: 0.615, P: 0.314, 2: 0.215, B: 0.773, @: 0.909, I: 0.370, T: 0.714, f: 0.176, 6: 0.519, A: 0.196, 4: 0.812, #: 0.346, &: 0.677

Group # 4 -- c: 0.553, N: 0.151, K: 0.070, b: 0.540, s: 0.266, w: 0.343

Group # 5 -- \$: 0.479, 0: 0.596, *: 0.704, S: 0.268, 3: 0.531, P: 0.382, 1: 0.787

Group # 6 -- 2: 0.521, 1: 0.571, 3: 0.409, 4: 0.421

Group # 7 -- P: 0.568, Z: 0.638, C: 0.521, O: 0.453, I: 0.512, T: 0.144, R: 0.438, E: 0.506, @: 0.265, S: 0.368, A: 0.643

Log likelihood = -1047.021 Significance = 0.032

Allremaininggroupssignificant

Groupseliminatedwhilesteppingdown: 10 9 1

Best steppinguprun: #48

Best steppingdownrun: #74